



3 1761 09616824 0

Goes, Damião de
Chronica d'el-rei
D. Manuel

DP
604
G6
1909
V.4

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LXII)

CHRONICA
D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

VOL. IV

ESCRITORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

—
1910

2824

BIBLIOTHECA
DE
Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador
MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'ASSVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LXII)

CHRONICA
D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

VOL. IV

ESCRITORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

—
1910

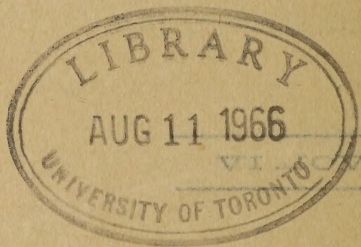
CHRONICA

D'EL-REI D. MANUEL

NO. 1

1105713

DAMIAO DE GORS



DP
604
G6
1909
v.4

ESCRITÓRIO

147 = Rua dos Retiros = 147

DISBOA

1910



CAPITULO VI

Em que se tratam algumas cousas do regno de Narsinga, e poder do Rei, e ordem de sua casa.

ESTE regno de Narsinga he muito grande, e muito povoado, e mui abastado darroz e legumes, carnes, pescados, frutas, e caças de monte, e ribeira, e muito viçoso de hortas, e outros arvoredos, e de fontes, rios, e ribeiras: ha nelle minas douro, e diamantes. As cidades, e lugares que tem de longo do mar saõ povoados de mouros, e os do sertam de gentios. Tem muitas, e mui diversas idolatrias, crem muito em feitiços, e agouros: crem principalmente em hum só Deos, que confessam ser Senhor de todalas cousas, e depois nos diabos, e

crem que lhes podem fazer mal, e por isso lhes fazem muita honra, e casas a que chamam pagodes, de que a muitos per todo o regno, e mui sumptuosos, e de grandes rendas, em que estaõ bramanas, e em outros molheres. A hi outros homens, que tem por sanctos, a que chamam Baneanes. Estes trazem ao pescoço huma pedra tamanha, como hum ovo, com hum buraco, porque metem tres linhas, e dizem que aquelle he o seu Deos: sam mui acatados por reverencia destas pedras, a que chamãõ tambarane. Nam comem carne, nem pescado: casaõ huma só vez na vida. Quando morrem suas molheres se enterraõ vivas apar delles, e as dos gentios leigos se queimaõ, o que fazem de suas proprias vontades, assi humas, como as outras: tem jejum em certo tempo do anno: fazem seu Domingo á sexta feira: tem dias certos, e solemnes em que fazem grãdes festas: crem que a outra vida depois desta, e que os bons tem gloria, e os maos pena, mas não para sempre. A gente deste regno he baça, e della preta, e bem disposta, trataõ-se bem em seu comer, e vestir: acostumãõ muito andar damores, e sobrisso se fazem muitos desafios: os que se desafiãõ pedem campo a el Rei, e se sam homens de preço o vai ver, o que fazem a pé em estacada: tem padrinhos, e juizes que julgaõ o desafio, os quaes sam antre elles tão acostumados, que o Rei que sabe que he hum homem bom cavalleiro lhe manda poer no braço direito huma cadea douro em sinal de valentia, pelo que fica obrigado a defendella por armas a quem quer que lha quiser tomar, á qual chamaõ Vueert, que na lingoa dos Alemães, quer dizer merecimento. Estes desafios acostumãõ tambem os officiaes mecanicos, sobre quem sabe melhor seu officio, e assi outras pessoas sobre qualquer boa manha das que os homens tem. A mór cidade deste re-

gno, e principal, se chama Bisnegar, que terá huma boa legoa de cercoito de muro mui forte, he bem arvuada, tem muitas praças, e muito boas casas de pedra, e cal, e outras palhaças, e muito grandes, e mui fermosos pagodes: A nella tanta gente, que não cabe pelas ruas; a muitos mercadores Christãos, gentios, mouros, e judeus de diversas nações, porque de todas partes do mundo podem alli vir seguramente comprar, e vender: Achasse nesta cidade todo o genero de mercadorias, com que os mercadores podem entrar no regno sem pagarem direitos, se levão cavalos de Ormuz, Persia, e Arabia, os quaes el Rei compra todos, e os que não levam cavalos pagam os direitos acostumados, nos lugares per onde passam. Esta liberdade da el Rei de Narsinga aos mercadores, porque lhe levem muitos destes cavalos, e nam ao regno de Dacão, e a outros senhores com quem muitas vezes tem guerra, o que he causa de entrarem cadanno naquella cidade, tres, quatro mil cavalos. Na qual el Rei tem huns muito grandes, e mui sumptuosos paços, assi de casas, como patios, jardins, e tanques, em que a muito pescado. He gentio, e servesse com mui grande estado, vive mais polidamente em seu comer, e vestir que os Reis do Malabar: continuadamente tem guarda de muitos soldados, e muitos porteiros, e falamlhe com difficuldade, assi os grandes senhores, como a outra gente. Estes Reis não casam mas tem mais de trezentas mancebas, todas filhas de grandes senhores do regno, que estam no paço aos meses, e o outro tempo em casa dos pais. Quando o Rei de Narsinga morre, queimamlhe o corpo, em huma grande fogueira de sandalos, daquila, e doutros paos cheirosos, e queimãose com elle todas estas mulheres, e quantos privados tem, e todos os officiaes de sua casa, o que fazem com tan-

to amor, que pelem sobre quem primeiro chegara a fogueira, em que lançam muita moeda douro, crendo que tudo aquilo vai com elles ao outro mundo, e que tem la disso necessidade. Fazem estes Reis guardar mui inteiramente justiça aos estrangeiros, principalmente aos mercadores, trazem mui grande corte de muitos fidalgos, e senhores, que tem delles grandes ordenados, e governo de provincias, e outros que sam senhores hereditarios, que tem por sobrenome Raos, que entrelles he como dom: Se estes fazem algum erro que nam mereça morte, mandaos el Rei açoutar secretamente no paço estando elle presente, e se sam seus parentes, elle mesmo o faz por sua mão. Tem estes Reis de Narsinga por costume fazerem thesouro cada hum per si, sem tocarem no que fez seu antecessor, o que tem por grande gloria, e deste modo o tem mui grande, douro, e prata, allem das perlas, aljofar, e pedraria, que he tanta que se mede per medidas como trigo, e isto de hum certo peso para baixo. Tem el Rei diamantes que pesão duzentos, e trezentos mangelins, dos quaes mangelins faz hum, dous quilates dos nossos e poem em aver esta pedraria grossa muita diligencia, punindo com grandes penas os que vendem, ou compraõ pedras de certo preço pera cima. Tem muitas vezes guerra com os Reis seus vezinhos, pelo que continuadamente pagão soldo a grande multidam de gente, assi de pe, como de cavallo. Em seu regno ninguem tem cavalos se não de sua mão, nem os pode comprar ninguem senão elle, de que tem passante de vinte mil da sua cevadeira, o que tudo mantem a sua custa, e de sua mão os entregão a seus capitães que os repartem pelos soldados de suas capitánias, a que chamão lascarins, os quaes lascarins sam recebidos em soldo com grande exame, porque os despem em huma casa pe-

rante quatro scrivães, os quaes screvem quantos sinais tem no corpo, e a cor, e o nome do lugar, e provincia de que sam, e do pai, e mãe, e lei que crem. O que feito os assentão em soldo de tres, quatro, ate quinze pardaos douro por mes, com ficarem obrigados a nam poderem sair do regno, sem licença del Rei, affora seu soldo, aos que sam de calidade pera isso, lhe dam hum cavallo, e hum moço pera o servir, e huma escrava pera lhe fazer de comer, e pola ração do cavallo manda cada dia a cozinha del Rei, onde se faz de comer pera todos os cavalos e Elephantes de sua cevadeira. Affora os xx mil cavalos da cevadeira del Rei, tem espalhados pelo regno mais de oitenta mil, pera que da mantimento aquelles a que os manda entregar. Os piães sam sem conto, porque facilmente se ajuntam em hum exercito mais de novecentos mil. Acostumam estes Reis de trazer em seus arraiaes, ate quatro mil molheres solteiras a que pagam soldo primeiro que a nenhuma outra gente, e dizem que com ellas fazem mais guerra que com seis tantos homens, porque por sua causa pelem com mais esforço. Dixera muitas cousas do grande poder, e estado destes Reis, se o nam tiveram feito os Portugueses que screverão particularmente os negocios da India. Sabendo o Rei que regnava a este tempo as grandes façanhas que os nossos tinham feitas na conquista da India, desejou de ter paz, e amizade com el Rei dom Emanuel, sobre o que mandou um embaixador ao Vicerei, que o esteve esperando em Cananor, como fica dito, pera lhe alli dar sua embaixada.

CAPITULO VII

Do recebimento que o Vicerei dom Francisco dalmeida fez ao embaixador del Rei de Narsinga, e da licença que ouve del Rei de Cananor pera fazer fortaleza, e de como em Coulam matarão o feitor Antonio de sa, e os Portuguezes que com elle estavaõ e do que se sobrisso fez.

PORQUE em Cananor, como fica dito, não tinhamos ainda fortaleza, nem casa que fosse de calidade pera o Vicerei nella receber o embaixador del Rei de Narsinga, foi assentado que o fizesse na nao: Pera o que mandou todolos capitães, cada hum em seu batel que o fossem receber a praia, donde o trouxeram a nao, tendo o Vicerei mandado alcatifar a tolda, e cobrir de panos douro, e seda, pera nella fallar com o embaixador, o qual em entrando na nao, o Vicerei o veo receber a bordo, a som de bombardas, trombetas, e atabales, com todolos capitães, e fidalgos que com elle estavam, e pela mão o levou ate hum estrado onde se assentarão cada hum em sua cadeira despaldas, do qual depois de lhe perguntar pela saude, e disposiçam del Rei de Narsinga, e discurso de seu caminho, recebeo as cartas de credito, que trazia: Dizendo ao Vicerei que el Rei de Narsinga seu senhor sabendo de sua vinda, e das victorias que lhe Deos em sua viagem dera, e de quantas os capitães del Rei de Portugal seu irmão na India ouverão, desejara de ter amizade com hum tam poderoso Rei, pera, se necessario fosse, o ajudar com as naos de todolos portos de mar que tinha na costa da India, e com quanta gente quisesse, e para mor

confirmação de sua amizade, lhe consentiria que nos mesmos portos mandasse fazer fortalezas, para o que daria toda ajuda necessaria e pera que esta amizade fosse mais certa e segura, lhe offerencia huma sua irmã moça, e de bom parecer, para casar com o Principe seu filho, com o qual lhe daria tamanho dote de terras, e dinheiro de que fosse bem contente. O que acabado de dizer deu ao Vicerei huma carta del Rei de Narsinga pera el Rei dom Emanuel em que lhe screvia o contheudo na embaixada, e pera o Principe lhe entregou dous colares de pedraria, e alguns aneis com pedras de muito valor, e panos douro, e seda. O que feito se tornou pera terra donde o Vicerei o depois despachou fazendolhe presente dalgumas peças douro, e prata lavrada, das que levava de Portugal. Ao outro dia desembarcou o Vicerei, e se vio com el Rei de Cananor, em hum palmar debaixo de huma tenda a borda dagoa, e logo nestas primeiras vistas lhe pedio licença para fazer huma fortaleza na cidade de Cananor, o que lhe el Rei concedeo de boa vontade, a qual o Vicerei logo satisfez com peças que lhe mandou, a o que el Rei tambem respondeo com outras que deu ao Vicerei, e a dom Lourenço, e a todos os capitães da frota. E ao outro dia pela manhã xxiiij. dias Doutubro do mesmo anno de M. D. v. mandou proceder na obra da fortaleza, sobelos alicerces que o feitor Gonçalo gil barbosa tinha começado, sobcor de casa de feitoria, no que todos os Portugueses trabalhavam por quartos, com muita diligencia, e com a grande ajuda que pera isso deu el Rei de Cananor, dentro de cinco dias foi posto o muro, e torres em altura em que se podia assentar artelharia, e defender os que dentro estavam. O que feito o Vicerei se partio pera Cochim, e na fortaleza, a que pos nome Sanctangelo, deixou por

capitão Lourenço de Brito copeiro mor del Rei, que ia provido da de Coulão, que quis antes esta por estar ja começada, e por alcaide mor Guadelajara castelhano, e feitor Lopo cabreira, com guarda de cento, e cincoenta soldados Portuguezes. Antes que o Vicerei partisse de Cananor, soube como os mouros de Coulão matarão o feitor Antonio de sa, com doze Portuguezes que com elle estavaõ, e isto por caso dos lemes, e velas das naos que lhes Ioaõ homem tomara pelo que os saltearã na casa onde moravãõ, da qual por se não poderem defender se acolherã a irmidã de nossa Senhora, aqual per os mouros os não poderem entrar, poseram fogo de que ardeo toda, e os que dentro estavam. Ao que Pero Raphael, que se então alli achou nam pode acodir, por toda a cidade estar alevantada contra os nossos, com tudo antes que partisse do porto queimou cinco naos das que ahi estavam, e se veo pera Cochim, onde o Vicerei chegou ao derradeiro Doutubro, e delle soube por extenso, como este negocio passara. Pelo que no mesmo dia despachou dom Lourenço com todos os capitães da frota, para de subito darem em Coulão, e queimarem quãtas naos achassem dos mouros, e dos da terra, em vingança da treição que fezerã, a quem o tempo servio de maneira que chegou a Coulão antes que os da cidade soubessem de sua ida, onde pos fogo a xxij. naos de mouros, que achou no porto, do qual se não quis partir sem primeiro as ver arder todas. O que feito se fez avela para Cochim, mandando diante Ioaõ homem com a nova do que fezera, cuidando que por alviças della o reconciliasse com seu pai, mas isto lhe socedeo ao contrario, porque o Vicerei em lugar de alviças lhe tirou a capitania da caravella, e deu a Nuno vaz pereira.

CAPITULO VIII

De como o Vicerei dom Francisco dalmeida investio el Rei de Cochim no regno em nome del Rei dom Emanuel, e mandou para Portugal oito naos, de que deu a capitania a Fernão soarez, e da viagem que fez ate chegar a Lisboa.

Ao dia seguinte da partida de dom Lourenço sahio o Vicerei em terra, onde logo o veo visitar el Rei de Cochim, que ja não era Trimumpate. Este Rei novo se chamava Nambeadora, sobrinho de Trimumpate, muito amigo dos Portugueses, e desejoso do serviço del Rei dom Emanuel, do que logo deu mostras nesta primeira vista, offerecendosse ao Vicerei para tudo o que lhe delle, e de seu regno comprisse, e com estas outras palavras de muita amizade se tornou pera seus paços. Aquella tarde teve o Vicerei conselho sobre a quem daria a coroa, e outras cousas que el Rei dom Emanuel mandava a el Rei Trimumpate, mas avidas sobrisso muitas altercações, assentaram que se desse ao Rei novo, posto que Trimumpate lhe ja tivesse mandado pedir estas peças. Pelo que depois da tornada de dom Lourenço de Coulaõ, determinou o Vicerei de dar estes presentes ao Rei que regnava. Pera o que fez fazer hum cadafalso, no qual sendo presentes os mais dos senhores da terra, dixe a el Rei de Cochim, que el Rei dom Emanuel de Portugal seu Senhor, avendo respeito a grande amisade, que Trimumpate Rei que fora de Cochim com elle sempre, e com seus capitães, e vassalos tivera, lhe mandava em sinal d' amor, entre outras cousas, huma coroa douro, pera

trazer, como Rei, posto que investido naquelle regno de sua mão e que pois elle socedera a seu Tio Trimumpate no regno, que a elle era razão que se desse, com a qual lhe entregava a posse daquelle regno de Cochim, posto que a qualquer outra pessoa podesse pertencer, pera de sua mão o ter, e reger como seu vassalo, e lhe dar conta delle, e de como o governava cada vez que lhe mandasse tomar, e o isentava de toda obrigação que os Reis de Cochim soham ter ao çamor^o Rei de Calecut, e que elle senhor Rei de Portugal se obrigava ao defender, e guardar, a elle, e seu regno, senhorios, e vassalos, contra todos aquelles, que o anojar, ou fazer damno quisessem. As quaes palavras ditas, e interpretadas pelo lingoa Gaspar, el Rei de Cochim respondeo, que faria tudo o que el Rei de Portugal seu irmão lhe mandasse, porque sem seu favor, e ajuda o regno de Cochim fora ja tomado, e junto a coroa do de Calecut. As quaes palavras, e outras, ditas dambalas partes, o Vicerei se alevantou da cadeira em que estava, e se foi pera del Rei, e lhe pos a coroa na cabeça, e a mandou entregar a seus officiaes com as mais peças que lhe trazia, dizendolhe que el Rei seu senhor lhe dava licença para em todas suas terras mandar lavar moeda douro, prata, e cobre, e que podesse usar todas as liberdades, e preminencias que a Rei pertencem, de que tudo se fizeram estromentos publicos. Acabado este acto el Rei de Cochim com seus caimais, e naires todos mui contentes, se recolheo pera seus paços, indo diante delle has nossas trombetas, e atabales, e Lourenço moreno que avia de ficar por feitor, com a coroa nãs mãos, com o que el Rei folgou muito, e o tomou por grande honra. O que feito entendeo o Vicerei na carga das naos que aviam de tornar para o regno, que forão

oito, de que deu capitania a Fernam soarez, Os outros capitães eram, Sebastião de Sousa, Rui freire, Emanuel telez, Antaõ gonçalves, Diogo correa, Gonçalo gil barbosa que fora feitor em Cananor, e Diogo Fernandes correa, que fora alcaide mor, e feitor do castello de Cochim, donde estas oito naos partiram aos xxvj. de Novembro do mesmo anno de M. D. v. e foram tomar alguma carga que lhes faltava a Cananor. E seguindo viagem, ao primeiro dia de Fevereiro de M. D. vj, foram ter a huma terra que nenhum dos pilotos conheceo, da qual vieram as naos muitos homens baços, de cabello revoltos, em dez almadias, destas almadias se chegou huma á nao capitaina, de que entrarão dentro xxv. homens nus, a quem logo Fernão soarez mandou dar pannos para se cobrirem, e de comer, e beber, o que tudo tomaram mostrando por acenos muito prazer, porque a lingoagem que falavaõ era nova pera todolos que hião na nao, os quais depois de vestidos, e fartos se lançarão de subito na almadia, e arredandosse começaraõ de tirar as frechadas aos que estavam no bordo, o que vendo os nossos, os fezeraõ alargar as bombardadas. E vendo Fernão Soares que algumas das almadias encaminhavaõ para a nao de Rui freire, que estava tão perto da sua que se podiaõ ouvir, lhe fez dizer que trabalhasse por tomar alguns delles. Rui Freire em chegando duas a bordo, mandou saltar dentro alguns homens que tomarão vinte, e hum porque os outros se salvaram a nado. O que feito seguiu a frota viagem de longo daquella terra, de que a mor parte era muito alta, ate chegarem a huma ponta em que sae huma ribeira, onde estando fazendo augoada forão salteados dos da terra, e firiram hum antes que se podessem acolher ao batel, o que vendo os das naos, que estavam mais perto de

terra, os fizeram fogir da praia a poder de tiros de bombardas, dos quaes ao outro dia, que os nossos saíram armados a acabar de fazer augoada, e lenha acharam dous mortos, e a terra tinta de sangue em muitos lugares. Passados quatro dias se fez a frota a vela indo todo com sospeita de naõ ser ilha, senaõ terra firme, e tendo corrido a vista della xvij. dias, aos xvij de Fevereiro a passaraõ, a qual posto que entaõ naõ fosse conhecida, se achou depois ser a ilha, a que os antigos Comosgraphos chamaõ Magadascar, e os mouros da lua a qual os nossos poseraõ nome de sam Lourenço, como se ao diante dira, cujo descobrimento, pela banda de fora, se deve a Fernaõ soares capitão destas naos, que aos xxij dias de Maio de mil, e quinhentos, e seis entrou no porto de Lisboa com toda sua frota junta.

CAPITULO IX

De como el Rei depois da partida de dom Francisco dalmeida mandou Pero danhaia a çofala com seis velas, pera ahi fazer huma fortaleza, e do que em sua viagem passou, ate que faleceo, e da chegada de cide barbudo, e Pero quaresma a India, que partirão do regno depois delle.

PERO danhaia era capitão de huma das naos que hiaõ em companhia de dom Francisco Dalmeida pera ficar por capitão da fortaleza que se avia de fazer em çofala a qual nao se perdeu no porto de Lisboa. Pelo que el Rei mandou a dom Francisco, que deixasse esta fortaleza, e fosse fazer a de Quiloa, como tudo fica dito ja apontado. Partido

dom Francisco, el Rei mandou fazer prestes seis naos, de que deu a capitania ao mesmo Pero danhaia. Das outras naos o eram Francisco danhaia, filho do mesmo Pero danhaia, que havia de ficar por capitão do mar em çofala com duas naos, e Pero barreto de magalhães que depois da fortaleza acabada avia dir pera India por capitão das outras quatro, os outros capitães eram Ioaõ leite, natural de Santarem, e Emanuel fernandez, que hia provido da feitoria desta fortaleza, e Ioaõ de queiros. Esta armada partio do porto de Bethalem hum domingo dia da Trindade xvij de Maio do mesmo anno M. D. v, e tanto a vante como a serra Lioa, querendo Ioaõ leite, do garoupes da sua nao aferrar hum dourado cahio ao mar, e sem os mais verem se foi ao fundo, em cujo lugar os da nao elegerão por capitão George mendez. Desta parajem forão tanto na volta do Sul pera dobrarem o cabo de boa Sperança que se poserão em altura que acharão tanto frio, e neves, que se acoalhava a agoa, e vinho, e quasi que não podiaõ vencer a neve as pas, com o qual trabalho o passaram sem o ver. E aos iiij. de Setembro passou Pero danhaia o cabo das correntes com Francisco danhaia, e Emanuel Fernandez, e foi surgir sobela barra de çofala, para alli esperar as outras tres naos onde depois chegou a de que fora capitão Ioaõ leite, e o era George Mendez, e a de que fora Ioaõ de queiros, e o era Ioaõ vaz dalmada que contou a Pero danhaia como Ioaõ de queiros viera ter a baia das vaquas, e que querendo faser carnagem entrara mea legoa pelo sertão, onde os da terra o matarão a elle, e ao mestre da nao, e piloto, e dos que com elle forão não escaparão mais que Antão de gá scrivão da nao, muito ferido e outros quatro, e que partidos daquella baia toparão com a nao de que fora por capitão Ioaõ leite,

e pedirão a George mendez que lhes desse capitão pera os reger, e hum piloto que os governasse, e que George mendez lhe rogara que se passasse pera aquella nao por capitão della, e lhe dera o seu mestre para mandar avia. Depois da vinda de George mendez, e de João vaz dalmada chegou Antonio de magalhães irmão de Pero barreto em hum batel com recado a Pero Danhaia de como ficara no cabo de S. Sebastião, por quanto o seu piloto, por não saber o parcel, não ousava de o commetter, que lhe mandasse o seu para o levar daquelle porto ao de Çofala, o que sabido mandou la João Vaz Calmada com a sua nao, e com elle o piloto de Francisco danhaia. Chegado pero Barreto a barra de çofala, Pero Danhaia entrou para dentro com quatro das suas naos mais pequenas, porque as duas por serem grandes deixou de fora, onde depois de surto mandou logo recado ao senhor da terra per nome Çufe pera se ver com elle, as quaes vistas se ordenarão em humas casas que tinha sobelo rio junto de huma povoação, chamada Sagoe, de obra de mil vizinhos, de que muitos erão mouros, mercadores, que dali tratavão em ouro para Quiloa, Mombaça, e Melinde, porque os mais do lugar, costa, e sertão são gentios, cafres. As casas eram grandes, terreas cobertas dolla, as paredes de sebe barradas de barro: tinhão muitos pateos cercados com arvores, e cava ao redor dellas, com sebe despinheiros tecidos mais forte que se fora pedra, e cal, dos quaes espinhos, tecidos em Flandes, e Alemanha cercam os jardins com suas cavas, porque assim os tem por mais seguros dos ladrões. O Rei ou senhor de çofala seria homem de setenta annos, alto de corpo, baço, membrudo, e cego, o qual segundo os da terra deziã, fora muito esforçado cavaleiro, e temido, com o qual Pero Danhaia se vio nestas ca-

sas, em huma camara pequena, armada de panos de seda, lançado sobre hum catel, cuberto com hum pano de seda, e junto delle hum grande molho de azagaias. Esta camara estava no cabo de huma sala muito comprida, e estreita, na qual estariam bem cem mouros baços, descubertos de cinta pera cima, e pera baixo cachados com panos de seda, e algodão, e outros taes sobraçados com fotas de seda nas cabeças, e nas mãos ramaes dalambar, e nas cintas cutellos nus, com taxas de marfim, guarnecidos douro, assentados todos em trepeças baixas, com os assentos de couro com cabelo, os quaes, em Pero danhaia passando pela sala com os capitães, feitor, e gente, nobre da frota porque a outra ficava a porta da sala, se alevantarão todos fazendolhe grande cortezia com as cabeças baixas, quasi ate o chão. Entrando Pero Danhaia nesta camara el Rei assi cego como era lhe fez muita cortesia, e gasalhado, e logo alli houve delle licença para fazer huma fortaleza, offerecendoselhe a tudo o que lhe delle mais fosse necessario, do qual despedido se saio com elle hum mouro muito privado del Rei, por nome Acote Abexi de nasção, fazendolhe muitos offerecimentos, pelo que Pero danhaia sabendo a valia que este Acote tinha, com hum presente que mandou a el Rei, lhe mandou outro a elle, em retorno do qual lhe mandou Acote vinte Portugueses que tinha em seu poder, que eram dos que escaparam da nao de Lopo sanchez do qual Acote segundo dixêrão forão sempre mui bem tratados. Pero danhaia trabalhou com ajuda Dacote por ajuntar logo as achegas que lhe erão necessarias pera a fortaleza, e depois de juntas as mais afundou entre o lugar de Sagoe e outra povoaçam dobra de quatrocentos vezinhos junto da barra, na qual se começou de trabalhar ao xxj, dias de Septembro do mesmo

anno de M. D. v, e sendo ja a mor parte da obra feita, Pero barreto se partio perá India com a sua nao, e com a de Pero danhaia, de que foi por Capitam Gonçalo Alvarez que viera por piioto da frota. Na obra da fortaleza se continuou com muito trabalho, e diligencia ate o fim de Novembro, e sendo ja quasi acabada, Pero danhaia mandou a seu filho Francisco danhaia que fosse correr a costa de Moçambique, e com elle Gonçalo Vaz de Goes, que alli viera ter, e Ioão Vaz dalmada que se avia dir dahi para a India, e lhe deu mais outro navio de que hia por capitão hum seu criado, que avia de ficar com elle em guarda da costa. Gonçalo Vaz de Goes, e Ioão Vaz Dalmada se apartarão em Moçambique de Francisco Danhaia, e forão ter a Quiloa, onde acharão Pero Barreto, e Gonçalo Alvarez, e Lucas Dafonseca que se perdera da frota do Vicerei, onde pouco tempo depois veo ter Francisco danhaia em hum zambuco que tomara de mouros; porque a sua nao se perdeu com outra que tinha tomada de Cambaia, carregada de muita roupa. Os quaes todos debaixo da capitania de Pero Barreto, se partirão de Quiloa, perá India, na somana sancta do anno de M. D. vj, e chegaram a Anchediva a xvij. de Mayo, onde todas invernarão, salvo Lucas da Fonseca que passou. Partidas estas naos Pero Danhaia continuou em acabar de todo a fortaleza, pera o que o ajudavam os mesmos da terra. Mas vendo os mouros que lhes tiravam muita parte do resgate do ouro que elles soham fazer com os mercadores que vinham do sertam, ordenarão de lançar da terra os nossos, dando a entender a Çufe, que nossa vinda não fora a buscar sua amizade, se nam pera o lançarmos da terra, como o tinhamos feito em Quiloa, e em muitos lugares da India, com as quaes palavras, e outras da

calidade, o induziram a fazer secretamente mais de mil Cafres, pera de subito darem sobre os nossos, e lhe tomarem a fortaleza: do que Pero Danhaia foi avisado pelo mouro Acote, que allem da amizade que nisso mostrava, se lhe offereceo pera o ajudar com toda sua valia, o que sabendo Pero Danhaia se começou daperceber com a mor dissimulação que pode pera o dia que sesta guerra avia de declarar, no qual os Cafres vierão cometer os muros da fortaleza mui denodadamente, com tiros darremesso, e setas de fogo, sendo ja Acote lançado dentro, com cem homens seus parentes, e criados, com cuja ajuda os Cafres foram tratados de maneira, que se arredaram a fora, aos quaes logo começaram de servir os tiros das bombardas com que mataram os mais delles, o que vendo os outros se arredaram a quem os nossos logo saíram, com Acote, e seguindolhes o alcance, chegaram a aldea, onde estavam as casas de Çufe, nas quaes entrando Pero Danhaia se foi direito á sua camara, o qual posto que fosse velho, e cego, não perdeu o animo, e coraçam de bom cavaleiro, arremessando as azagaias, que tinha apar de si contra a porta da camara, com huma das quaes ferio Pero Danhaia no pescoço, o que vendo o feitor Emanuel Fernandez, remeteo a elle, e lhe cortou a cabeça. O que feito os nossos ficarão senhores das casas, e do lugar, aos moradores do qual Pero Danhaia mandou, que se não fizesse mais mal, do que ja era feito. A cabeça de Çufe, por tazer espanto aos da terra, foi posta na ponta de huma lança na tranqueira da fortaleza, e em galardão do serviço que Acote fizera, e amizade lhe deu Pero Danhaia aquelle senhorio de Cofala, e o investio nella, em nome del Rei dom Emanuel em acto publico que se pera isso fez, o qual Acote o aceitou, declarandosse por vassalo dos Reis

de Portugal, com promessa de sempre os servir bem, e lealmente, do que tudo se fezerão estromentos publicos, assinados por elle, e pelos principaes da terra, e por Pero Danhaia, e officiaes da feitoria, e outros Portuguezes, que seriam ate quarenta porque os mais erão ja mortos de doença por a terra ser de maos ares, e doentia: da qual infeçam Pero Danhaia faleceo dahi a poucos dias, em cujo lugar soccedeo o feitor Emanuel Fernandez, que depois de ser capitão fez dentro da tranqueira huma torre de pedra, e cal muito forte. A qual capitania elle servio pouco tempo, porque no anno de mil, e quinhentos, e seis chegaram a India Cide barbudo, e Emanuel coresma que partiram do regno depois de Pero Danhaia, aos quaes el Rei mandou que corressem toda a costa do cabo de boa Sperança ate Çofala, a ver se achavam novas de Francisco Dalbuquerque, e Pero de Mendonça, dos quaes Cide Barbudo, e Emanuel coresma soube o Vicerei dom Francisco Dalmeida da morte de Pero Danhaia. Pelo que despachou logo por capitão de Çofala Nuno Vaz Pereira, ao qual mandou que de caminho prouvesse nas differenças que avia em Quiloa, por o Rei Mahamed Anconij ser morto per treição del Rei de Tirendicundi, parente do Rei Abrahamo desterrado, e por alcaide mor mandou Rui de Britopatatalim. Pelo que Emanuel Fernandez se foi perá India, no navio em que elles vierão, sem mais querer servir de feitor, tendosse por agravado do Vicerei lhe responder tão mal as merces, que por galardão de seus serviços, esperava.

CAPITULO X

Em que se trata da terra de Çofala e dos costumes dos que nella vivem, e no grande regno de Benomotapa.

Os scriptores antigos partem a Ethiopia em superior, e inferior, no qual superior Oriental está o lugar, e terra de Çofala, na costa do mar a que chamão Praflodum. Estas duas Ethiopias tomarão nome de Ethiope, filho de Vulcano, que foi Rei, e senhor dellas. Diz Diodoro Siculo, que foram os Ethiopes os primeiros homens que tiverão conhecimento de Deos, e primeiro usaram religião, e ceremonias no culto devino, e foram os primeiros que acharão o modo de escrever, e que delles veo o conhecimento destas cousas aos Egepcios donde diz que elles descendem, e tomaram as leis porque se governavam. Mas estes Ethiopes a meu juizo devem de ser os da terra do Abexi, por ser gente, que a muito tempo que tem lei, e della era a Rainha Sabá, que veo visitar a Salomão, e daquelle tempo pera ca tiveram conhecimento da lei que Deos deu aos Iudeus per mão de Moysem, e não os que jazem do mar Darabia, ate o cabo de boa Sperança, e o sinal disso, he serem tão incultos e barbaros como sam. Antigamente tiveram os Ethiopes, que ahi dous deoses, hum immortal, que he criador de todas as cousas, e as rege sem nellas aver nenhum defeito, e outro mortal que tem por incerto, assi a elle, como as cousas que se por elle regem, e governam. He toda esta regiam dos Ethiopes tam abundante de minas dourado, que fazião antiguamente mais cabedal de cobre,

que delle, e o estimavão mais. Screve Herodoto, que querendo Cambyses Rei da Persia, filho de Ciro fazer guerra em hum mesmo tempo aos Carthaginenses, e aos Ammonios, e aos Ethiopes, que a estes Orientaes mandou seus embaixadores, pera por amizade os sobmetter a seu imperio, pelos quaes mandou em presente ao Rei que então era entre outras algumas cousas, joias d'ouro, de que se o Rei rindo em desprezo do presente, mandou mostrar aos embaixadores as casas em que guardavam os malfeitos, onde em lugar de ferro viram, que erão de ouro totalas cadeas, e outros instrumentos com que aquelles homens estavam presos. Da qual abundancia de ouro, tiveram os Gregos occasiam de fabularem segundo seu costume, dizendo que a mesa do Sol estava nesta regiam das duas Ethiopias, dando a entender, ser toda esta terra huma pasta d'ouro, a que quizeram poer nome de mesa do Sol. Ao qual planeta atribuem os Poetas, e Alquemistas o metal do ouro. Entre outros muitos costumes antigos desta gente, era hum, que se o Rei tinha algum geito bom, ou mau, ou alguma aleixam do corpo, ou manqueira, ou vicio, ou virtude, que todos os nobres, e damesticos de sua casa trabalhavão polo imitar nos costumes, e pola manqueira ou aleijam, se aleijavão todos, da mesma parte do corpo, donde o Rei era aleixado. O qual costume não sei se guardam ainda, porque não falei com homem Portuguez que estivesse na corte do Rei de Benomotapa, nem pus isto aqui, se não pera exemplo que os Reis, e Principes se devem muito guardar de terem maos geitos, e costumes, e modos de falar porque delles tomão os criados, familiares, e sugestos as taes manhas, das quais os que os criam, e instituem, e andam no tempo da meninice, e tenra idade apar delles, os podem pela mor parte, por

bons modos, e honestos exemplos, divertir. No sertão desta terra de Çofala, e mais aquem pera nos, começando quasi do cabo da boa Sperança, jaz o grande regno de Benomotapa, ao qual este de Çofala era sujeito antes que nos viessemos a esta terra. Do qual regno Rei, e costumes farei aqui hum discurso no mais breve modo que poder, por me parecer que sam todas estas cousas de calidade que merecem fazerse dellas menção em esta nossa Chronica. O Rei desta provincia he grande senhor porque segundo dizem, tem em circuito seus senhorios mais de oitocentas legoas, afora alguns Reis, e senhores que lhe obedecem, e pagam tributo douro, do qual ja os da terra tomarão o gosto que lhe os mouros que antrelles vivem, deram de muito tempo a esta parte, e lhe nos acrescentamos, em quasi setenta annos que a que descobrimos estas provincias. Todo este regno de Benomotapa he muito fertil de mantimentos, frutas, e criaçoens, a nella tantos Elephantes bravos, que se nam passa anno nenhum, em que não matem os que os caçam de quatro a cinco mil de que vae perá India grande soma de marfim. He mui abundante douro, o qual se acha em grande cantidade, assi em minas, como em rios, e alagoas, destas minas ahi humas no regno de Batua, de que o Rei he vassallo do de Benomotapa, a comarca em que estam se chama Toro a toda em campo raso, e sam as mais antigas que se sabem em toda aquella rogião. No meo desta campina esta humo fortaleza, toda lavrada de cantaria muito grossa, e grande, pela banda de fora, e de dentro, de obra muito prima, e bem assentada, tanto que segundo dizem, se não enxerga cal nas junturas della: sobella porta desta fortaleza esta hum litreiro talhado em pedra, que por muito antigo se não entende o que quer dizer. E em alguns comaros que

aquella campina faz, estão outras fortalezas feitas do mesmo modo, nas quaes todas tem el Rei capitães, e o que se pode dellas julgar he, que forão feitas para guarda daquellas minas douro, e receber o Principe que as mandou fazer alli o direito, que lhe delle pagavão, per officiaes que para isso nellas teria, porque assim o fazem ao presente os Reis daquelle regno de Benomotapa, do qual os habitadores sam todos pretos de cabelo frizado, a que os vizinhos commumente chamam cafres, nam adoram nenhum idolo, nem o tem: crem que a hum só Deos criador de todas as cousas, ao qual adoram, e sencomendam, no que parece que em parte continuaram ate agora, no que atras dixe, do seu antigo modo de crer: tem por religião alguns dias de guarda, entre os quaes entra o dia em que nasce o seu Rei. Nenhum crime castigam com mor rigor, que o da feitiçaria, porque a todos feitiçeiros matam per justiça, sem perdoar a nenhum, tem tantas mulheres quantas podem manter, mas a primeira he como senhora das outras, e os filhos desta são herdeiros, nem casam senam com mulher a que ja viesse sua purgaçam, porque tem que se antes de lhe vir conhecem homem, que os filhos que parem, são todos fracos e de pouca vida. Este Rei de Benomotapa tem grande estado, servesse em giolhos, com salva. Quando bebe ou tosse, ou espirra, todos os que estão na casa em alta voz lhe dam profaça, e o mesmo fazem os que estam fora de casa como ouvem estes, e de mão em mão corre o profaça, e se lhe dá per todo o lugar, e assi se sabe que bebo el Rei, ou tussio, e espirrou. Neste regno nenhuma casa tem porta, salvo as dos senhores, e pessoas principaes, isto per privilegio que lhes el Rei pera isso dá, e diz que as portas se nam poem nas casas, senam com temor de ladrões, e malfeitores,

dos quaes elle he obrigado, como Rei a guardar seu povo, e sobre tudo os pobres. As casas sam todas de sebe barradas de barro, do modo, que pintei as do Xequê de Çofala. Usa este Rei duas insignias, de que huma he huma enxada muito pequena, com o cabo de marfim, que tras sempre na cinta, porque dá a entender a seus sugeitos, que trabalhem e aprovelem a terra, pera com o que ganhão poderem viver em paz, sem tomarem o alheo, a outra insignia sam duas azagaias, demonstrando que com huma a de fazer justiça, e com a outra defender seu povo. Tras continuamente na sua corte todos os filhos dos Reis e senhores que lhe sam sujeitos, a huma por lhe terem amor de criação, e a outra por se lhe os pais não alevantarem com as terras, que delle tem. Traz sempre no campo, quer seja em tempo de paz, quer de guerra hum exercito de muita gente, de que o capitão geral se chama Zono, e isto faz para ter a terra pacifica, e se lhe nam alevantarem alguns dos senhores, e Reis que lhe sam sujeitos. Manda todos annos muitos dos principaes de sua corte, per todos seus regnos, e senhorios a dar fogo novo, o que se faz da maneira seguinte. Cada homem destes em chegando as casas dos Reis, senhores, cidades e lugares, manda apagar em nome del Rei todo o fogo que ahi a, e depois de apagado, vem todos tomar delle, em sinal de obediencia e quem isto não faz he tido por tedor e rebel, e por tal o manda el Rei castigar, e se he pessoa, ou cidade poderosa, manda sobrelles o capitão Zono, que sempre anda no campo, pera acudir a estas cousas. Outros muitos costumes tem, que aqui não ponho por evitar prolixidade.

CAPITULO XI

De como indo dom Lourenço buscar as ilhas de Maldiva per mandado do Vicerei seu pai, foi ter a ilha de Zeilad, e do que ahi fez, e do sitio, e costumes dos da terra.

No mes de Novembro de Mil, e quinhentos, e cinco em que se a armada que avia de tornar para o regno fazia prestes, de que era capitam Fernão Soarez, como atraz fica dito mandou o Vicerei seu filho dom Lourenço, as ilhas de Maldiva, que estam sessenta legoas de Cochim, pera fazer presa nas naos que per dentro dellas passam de Malaca, Çamatra, Bengala, e outras provincias, e com elle mandou Paio de Sousa, Lopo Chanoca, e Nuno Vaz Pereira e outros capitães que per todos eram nove, os quaes por ma navegação vieram a vista do cabo de Comorim, donde constangidos das correntes foram ter ao porto de Gabalicão, a que os nossos chamão Gale, que he na ilha de Zeiland, o que sabido pelo Rei, com medo que lhe nam destruisssem a terra, e queimassem algumas naos que estavam no porto, mandou um presente de refresco a dom Lourenço, pedindolhe paz, e amizade, sobelo qual recado, ficando nas naos arrefens, mandou dom Lourenço visitar el Rei per hum cavaleiro, per nome Fernam Cotrim, com outro presente, e depois pera assentar pazes Paio de Sousa, o qual os recebeo em huma grande sala, assentado em hum estrado cuberto de alcatifas, e pannos de seda, elle vestido em hum baju de seda, e na cabeça huma carapuça de borcado, com dous cornos douro, com muita pedraria, cingido de

hum panno de seda que lhe chegava ate os geolhos, descalço com muitos aneis nos dedos dos pes, e das mãos, e arrecadas nas orelhas, tudo de pedraria, e posto que fosse de dia de cada ilhargá do estrado estavam tres homens com muitas tochas de cera acesas nas mãos, allem destas avia outras feitas de prata sobre que estavam candieiros tambem de prata que se alumeavão com azeite, que davam muita claridade: na sala estavam muitos homens nobres bem ataviados ao seu modo, perante os quaes Paio de Sousa passando com os Portugueses que acompanhavam, chegou a el Rei, que lhe fez muita honra e logo alli assentaram que elle era contente de dar cáddanno como per tributo a el Rei de Portugal quatrocentos bahares de canella a condição que seus portos, e sугeitos ficassem sob nossa guarda, pera os defendermos dos que lhes quisessem por nosso respeito fazer dño, no que dom Lourenço consentio condicionalmente, se o Vicerei seu pai o ouvesse por bem, a qual canella foi logo entregue, e carregada nas naos, e entretanto que se fazia a carga dom Lourenço mandou com licença del Rei assentar em terra hum padram de pedra, com as armas, e divisa do regno, em sinal que tomava posse daquella ilha, em nome del Rei seu senhor. O que feito, se tornou pera Cochim com esta canella, e algumas naos que tomara de mouros, a qual o Vicerei mandou carregar nas naos de Ioão da Nova, e de Vasco Gomes Dabreu, per quem mandou hum Elephante a el Rei, que foi o primeiro que da India veo a estes regnos, as quaes naos partiram de Cochim em Fevereiro, de Mil, e quinhentos, e seis. E porque a ilha de Zeiland he huma das nomeadas da India, e mui frequentada dos nossos, direi della summariamente algumas particularidades: he muito fertil de mantimentos, frutas,

e hervas de cheiro, principalmente darvores despinho, e lorangeiras, que todo anno tem fruta, e frol, o que tudo nasce pelos matos sem se plantar, nem semear, e nella muitos bosques da arvore da canella, que se quer parecer com o loureiro, de que se carga muita pera fora: a muita pedraria s. rubins, balais, jacintos, çafiras, topazios, jagonças, ametistes, crisolitas, e olhos de gato, no mar della se pescam perlas, aljofar grosso, e meudo, criamse nella muitos Elephantes que vendem pera Cambaia, Narsinga, e Malabar, e os desta ilha sam os mais domesticos, e que se mais asinha ensinam, e amansam que nenhuns outros que se saiba. A nella sete senhores, a que elles chamão Reis, dos quaes agora he o principal o senhor da cidade de Colurabo. Dizem que tem este Rei hum Rubi de hum palmo de comprido, e de grossura de hum ovo de galinha, que por ser muito limpo da de noite tamanha claridade como huma grande vela, o que parece fabula, com tudo alembrame que el Rei de Calecut mandou hum seu Naire, no anno de mil, e quinhentos, e quatorze a el Rei dom Emanuel, pera andar na corte, e aprender o modo della, e a lingua Portuguesa, o qual se fez Christão, e lhe poserão nome dom João, a quem eu ouvi dizer que tinha el Rei de Calecut hum rubi tamanho, como hum ovo de franga, tão perfeito, que de noite dava de si claridade como huma candeia. Os do sertam da ilha sam gentios, e os dos portos do mar os mais delles mouros, falão todos Canará, e Malabar, e tem quasi os mesmos costumes e vestidos: são homens fracos, e pouco de guerra, muito afeminados, e dados a viços, sam bem dispostos, e de bons corpos, e parecer, tem por honra serem barrigados. No meo desta ilha á huma serra da qual sae hum pico muito alto, em que no mais alto

delle esta huma alagoa pequena, dagoa navel, e junto della huma lagea, e nella huma pegada de homem, que os da terra dizem que he do nosso padre Adam, a que elles chamam Adambaba, e que dalli sobio ao ceo, junto da qual lagoa esta huma Ermida com duas sepulturas onde elles crem que forão sepultados os corpos de Adam, e Eva. Este pico, e ermida são entre os mouros de grande devaçam, e vem alli muitos em romaria, e de mui longe, sobem ao alto delle per escadas de cadeas de ferro muito grossas. A terra ao redor desta serra em que esta o pico, he toda alagadiça, e pola agoa passam estes romeiros que lhe da muitas vezes pela cinta ate chegarem a serra, e dahi sobem ao pico, no qual se lavam nagoa da lagoa, e fazem o çala, o que feito se tem por absoltos de todos peccados que ate então cometeram.

CAPITULO XII

De como dom Lourenço foi por mandado de seu pai correr a costa do Malabar, onde desbaratou huma armada del Rei de Calecut, e de como se desfez a fortaleza Danchediva.

TORNANDO dom Lourenço da ilha de Zeiland, o Vicerei lhe mandou que com as mesmas naos, e outras mais fosse correr a costa do Malabar, ate a fortaleza de Anchediva, a qual proveo dalgumas cousas de que tinha necessidade. E despedido do capitam Emanuel Paçanha, se tornou a Cannanor, onde esteve alguns dias ajudando com sua gente o capitão Lourenço de Brito na obra da fortaleza. No qual tempo veo ter com elle hum homem

per nome Luis vuartman natural de Bolonha em Lombardia, que andara por muitas partes do mundo, de que screveo hum tratado, o qual dizendolhe quem era, e como vinha de Calecut pera avisar o Vicerei, de como el Rei de Calecut fazia huma grossa armada pera guarda das naos que hiam, e vinham a seus portos, a qual nam tardaria muito que não saisse pera acompanhar muitas naos de mercadores de Mecca, que estavão de caminho, ate as poer em salvo das nossas armadas, e que allem disto lhe trazia recado dos Milaneses, que andavam com el Rei de Calecut, que arrependidos do que tinham feito como Christãos que eram se queriam reconciliar com Deos, e virse pera o serviço del Rei de Portugal, os quaes devia de mandar vir, porque em quanto estivessem em Calecut nam podiam deixar de fazer artelharia, da qual tinham ja fundidas mais de quatrocentas peças grossas, e meudas, e lhe fariam cada dia fundir mais, e que o pior que era que per força lhes faziam ensinar o modo da fundiçam aos mouros, e malabares, e que pois elle alli estava que tinha por excusado ir mais adiante buscar o Vicerei seu pai, que lhe pedia que provesses com diligencia no que lhe dixerá, porque assi cumpria a serviço de Deos, e del Rei de Portugal, dom Lourenço lhe agradeceo muito o trabalho que tomara, e o perigo em que se posera para dar hum tam bom aviso, e lhe fez por isso merce, e passados tres dias, que o'alli teve consigo, o mandou a Cochim na gale de João ferrão, pera dom Francisco Dalmeida seu pai delle saber o que passava, donde o dom Francisco tornou a mandar pera Cananor na mesma gale, e screveo a dom Lourenço, que se apercesse pera pelejar com armada de Calecut, e que a Luis Vuartman desse todo o dinheiro que ouvesse mister pera tornar a Calecut a ver se podia

trazer os dous Milanesez : o que elle negoceou de maneira que assentarão os Milanesez de se vir pera os nossos, mas o trato foi descuberto, e elles ambos mortos pelos mouros, e Luis Vuartman se salvou, e acolheo para a fortaleza de Cananor. Dom Lourenço como teve recado de seu pai para ir pelejar com a armada del Rei de Calecut, se apercebeo com sua frota, de que eram capitães : Rodrigo rabello, em cuja nao, que era de quatrocentos toneis, hia dom Lourenço, Phelipe rodriguez, Fernam Bermudez, Nuno vaz pereira, Lopo Chanoca, Gonçalo de Paiva, Antão Vaz, João ferram, Diogo Pirez, Francisco Pereira Coutinho, e Simão Martinz. Nestas onze velas iriam oitocentos soldados Portuguezes, afora outros da terra, com a qual frota foi dom Lourenço cometer a de Calecut, em que entre naos de guerra, e de mercadores, em cuja guarda saira, avia oitenta, e quatro naos, e cento, e vinte e quatro paraos. Com a vista desta armada ficou dom Lourenço suspenso, nam por lhe faltar animo, se nam receoso que fizesse espanto a alguns dos nossos tanta multidam de naos, e fustalha, com tudo como tinha assentado de pelejar, e assi fora o parecer dos capitães, e fidalgos da frota, abalou contra a dos imigos os quaes, posto que lhe mandassem dizer que os deixasse ir em paz guiar algumas naos de mercadores aos portos, pera onde hião, nam achou descuidados nem desprovidos, porque se a nossa frota lhe fez rosto, o mesmo fez a sua, athe chegarem a tiro de bombardas, de que huma, e da outra parte se fez huma temerosa salva, com som de trombetas, atabales, e outros instrumentos, que tocavam dambalas frotas, tudo a vista de Cananor, e del Rei, que tudo via muito bem do lugar onde estava. Dom Lourenço encaminhou perá capitaina dos Mouros, na qual lançou o arpeo quatro vezes antes que

aferrasse, entrandoa logo, dos quaes primeiros foram dom Lourenço, Philipe Rodrigues, João Homem, Fernam Perez Dandrade, Vicente Pereira, e Rui Pereira, seguindo outros muios tras elles, mas isto não foi sem grande resistencia dos imigos, porque na nao avia seiscentos homens dos mais luzidos de toda a frota, que assi no entrar della, como depois, o fizeram a modo de bons cavalleiros, com tudo os nossos os tratarão de maneira que ou mortos, ou cativos, ou que se lançaram ao mar a nao foi de todo despejada. Acabado este negocio, dom Lourenço acodio a Nuno vaz pereira, que com a sua caravella fora aferrar a sota capitaina dos imigos, ficandolhe atravessada debaixo da proa, e com o arfar que fazia a caravela, cuidarão de se ir ao fundo, e com as setas, e lanças darremesso, que lançavão dos castellos davante se tinham todos por mortos, do qual perigo os tirou dom Lourenço em chegando, porque logo abalroou a nao, e a entrou, e nam sem menos trabalho, do que se levou no entrar da capitaina, porque nella avia quinhentos homens luzidos, e acostumados a guerra, dos quaes mataram, e captivaram a mor parte outros se salvaram a nado. As naos dos mercatores, como virão estas duas desbaratadas, humas se acolherão aos portos de Calecut, e outras se fezerão ao mar pera seguirem viagem, pera as partes pera onde tinham tomado carga, com tudo as outras naos, e paraos de guerra posto que vissem tão mau principio, nem por isso deixarão de cometer com muito animo a nossa armada, e com tanto impitu que nam avia navio dos nossos que não fosse cercado de dez, e quinze dos imigos, de que se defendiam com muito trabalho, porque elles vinham mui bem armados e traziam muita artelharia de bronço, e de ferro, com que tratavam muito mal os nossos, e hum dos capi-

tães que nesta peleja se achou em mor perigo, foi João ferram, porque tiveram cercada a sua gale per bom espaço, mais de cincoenta paraos, de que se desfez com asaz trabalho, e com muitos dos seus feridos. Nesta revolta, e arroido de bombardas, e outros tiros darremesso, aferrarão quatro paraos grandes, o bargantim de Simam Martinz, e assi aferrados todos ficaram hum pouco afastados da nossa frota, e como os paraos são altos, e o bargantim muito raso, os nossos se recolheram da coxia pera baixo da tolda do bargantim, os mais delles feridos. Despejada a coxia, os imigos entraram o bargantim, o que vendo Simão martinz, cansado como estava remeteo da tolda a elles, e os enxotou todos fora do bargantim, lançandosse huns ao mar, e outros aos paraos. Estes quatro paraos forão logo socorridos doutros quatro, e vendo Simão martinz o perigo em que estava, tomou hum barril desfundado, e na boca lhe atou huma pelle, com a qual parecia ser huma bombardada grossa, e o barril assi enfeitado assentou pera a banda donde estavam os mais paraos, contrafazendo que lhe queria poer fogo, o que vendo os imigos, com medo da bombardada contra feita, se alargarão todos, do qual perigo livre, Simam martinz se foi pera dom Lourenço, a quem ajudou a desbaratar sete paraos com que estava aos botes. Os outros capitães o fezerão todos tam bem, que a frota de Calecut foi desbaratada. Esta peleja durou todo aquelle dia, e parte da noite, por fazer luar muito claro em que morrerão dos imigos mais de tres mil, dos Portugueses morrerão seis, e alguns Malabares de Cochim, e foram muitos feridos, de huma, e da outra parte. Meteram os nossos no fundo muitos paraos, e dez naos das quaes huma hia carregada de Elephantes pera Cambaia, tomaram duas bandeiras del

Rei de Calecut, e nove naos em que algumas dellas que erão de mercadores, que não poderão escapar, se achou especiaria, e outras mercadorias de muito preço. Com esta vitoria, e despojo se tornou dom Lourenço a Cananor, onde foi recebido de Lourenço de Brito, e dos Portuguezes, e del Rei, com muita alegria de todo o povo da cidade, excepto dos Mouros, que ficaram mui atemorizados deste desbarato. No começo deste capitulo tenho dito como o Vicerei mandou seu filho dom Lourenço a ilha Danchediva a prover nas cousas que fossem necessarias a fortaleza, e gente que nella estava, onde esteve alguns dias o que sabido pelo Çabaio senhor de Goa, e a armada que o Çamorij fizera contra os nossos, e como dom Lourenço era partido Danchediva, onde nam podia tornar tam asinha, por caso darmada do Çamorij, nam quis perder a occasiam do tempo: Pelo que no mesmo instante mandou sobella fortaleza Danchediva, huma armada de obra de sessenta navios de remo, da qual era capitam hum Portugues arrenegado, per nome Antonio Fernandez carpinteiro de naos, que se então chamava Abedella, que foi hum dos degradados que levara a Pedralvrez cabral, e deixara em Quiloa, donde viera ter a estas partes, per cujo conselho o Çabaio fez esta armada, prometendolhe que se tomasse a fortaleza Danchediva, lhe daria a Cintacorá. Nesta armada avia muita, e mui boa gente de guerra, a qual per espaço de quatro dias cometeo mui esforçadamente a fortaleza: mas Emanuel paçanha se defendeo de maneira, que os imigos vendo quam mal os tratavão tomarão por partido alevantar o cerco, e tornaremse pera Goa. A qual fortaleza vendo o Vicerei quam trabalhosa era de sustentar, por estar longe de Cochim, per conselho de todos os capitães, e pessoas de calidade, mandou dahi a pou-

cos dias dirribar, ao que ordenou que fosse dom Lourenço com a armada que trazia, pera que nella recolhesse a gente, e a trouxesse a Cochim, e assi ficou a ilha de Anchediva na mesma liberdade que dantes tinha, de ser commua a Christãos, Mouros, e Genticos.

CAPITULO XIII

Da vinda del Rei Phelipe a Castella, e da embaixada que lhe el Rei mandou per dom Diogo lobo baram Dalvito e da ida de Duarte galvão, e de Ioam sotil a Roma, e de como el Rei mandou fazer o Castello Real em Africa.

NOS negocios que se atras apontaram, neste anno de mil, e quinhentos, e seis, dos que tocam ao regno, os derradeiros, forão deixarmos a Rainha em Abrantes com sua casa afforradada, por caso da peste que avia quasi per todo o regno, de que se depois seguio grande fome, e carestia de todalas cousas e el Rei em Setuval, provendo no alevantamento, e uniam que em Lisboa fezera contra os Christãos novos, e em outras cousas do regno, Africa, e India, onde foi avisado per hum cavaleiro Portugues per nome Simão Tinoco, homem que servira muito tempo nas guerras o Emperador Maximiliano, e depois foi neste regno dos cavalleiros da guarda da camara del Rei, de como el Rei dom Phelipe era chegado e Chrunha em Galiza com huma grossa armada, com que partira de Zeland, e com elle a Rainha donna Ioanna sua mulher. O que sabido, por el Rei, pelo parentesco, e divido que an-

trelles todos avia, os mandou visitar per dom Diogo lobo barão Dalvito offerecendolhe sua amizade, e obras de bom parente, e amigo. Dom Diogo foi mui bem recebido destes dous Principes, e o despediram com lhe fazerem merces, e per suas cartas, e de palavra usaram muitos comprimentos com el Rei, offerecendosse tambem pera tudo o que lhe delles comprisse. E porque se saiba o ferventissimo, e grande desejo que el Rei teve em quanto viveo de fazer guerra aos infieis da nossa santa Fé catholica, allem do que ja atras no discurso desta Chronica tenho dito acerca deste negocio direi como neste anno de mil e quinhentos, e seis, mandou ao Papa Iulio segundo, Duarte galvam, do seu conselho, suplicando a sua Sanctidade, que per seu meo, e exortaçam fizesse tanto, que os Reis, e Principes Christãos ordenassem de fazer guerra ao Gram Turco, e ao Soldão de Babilonia, pera se cobrar a casa Santa de Hierusalem, pera o que elle offerecia sua pessoa, e regno, com toda a armada a que seu estado podesse abranjer. Mas o trabalho que el Rei pelo discurso de toda sua vida tomou sobresta santa empresa, aproveitou pouco, pera se os Papas, nem Reis, e Principes Christãos moverem a fazer hum tão necessario caminho, e tão proveitoso a toda a Christandade. Ao qual negocio estando ainda Duarte Galvam em Roma, mandou tambem Ioão sutil seu capellam, que depois foi Bispo de çafim. E neste mesmo anno mandou fazer o Castello, a que poseram nome Real, defronte da ilha do Mogador, que he pegada com terra firme, obra de cinco legoas, do qual negocio encarregou Diogo dazembuja, que o edificou com muito trabalho pelo grande numero de mouros que se ajuntou pera lhe defender esta obra.

CAPITULO XIV

De como el Rei mandou catorze naos a India repartidas em quatro capitánias, e da morte de Vasco Gomes dabreu.

No anno de mil, e quinhentos, e sete, em que agora entramos nam socedeo neste regno cousa que de contar seja ate o mes Dabril, em que partiram pera India catorze naos repartidas em quatro capitánias, de que os capitães erão George de Mello Pereira capitão da nao Bethelém a mor nao que ate aquelle tempo fora a India, e hia com elle Henrique Nunez de Liam, o outro capitão era Phelipe de Castro, e com elle George de Castro seu irmão: o terceiro era Fernam Soares, debaixo de cuja capitania hião Rui da Cunha, Gonçalo Carneiro, e João Colaço, os quaes tres capitães em se acabando da perceber, cada hum delles partio logo de maneira que antes de meado Abril, estas tres armadas que eram todas de naos grossas partiram perá India. O quarto capitão era Vasco Gomes Dabreu que fora na armada do Vicerei, por capitão de huma nao, e agora depois de tornado ao regno o mandava el Rei por capitão de Çofala, por ja ter sabido da morte de Pero Danhaia, e assim para fazer huma fortaleza em Moçambique, que avia de ficar debaixo da sua capitania, como alcaide mor; os capitães da sua armada erão Lopo Cabral, em cuja nao elle hia, Rui Gonçalvez Valadares, Pero Lourenço, e João Chanoca, os quaes quatro capitães aviam de guardar a costa desde Çofala ate Melinde, segundo a ordem que lhes perasso desse, e elle avia de ficar na fortaleza de Ço-

fala, e Moçambique. Levava mais o dito Vasco Gomes Dabreu debaixo de sua capitania, Martim Coelho, e Diogo de Mello, os quaes el Rei mandava pera andarem darmada na India tres annos, onde o Vicerei ordenasse. Com estas seis naos se partio Vasco Gomez Dabreu do porto de Lisboa huma terça feira, aos vinte dias do mesmo mes Dabril, e sendo na costa de Guine, a caravella de João Chanoca que por ser navio pequeno, e bom de vela, levava o forol, se perdeu por ma vigia huma noite no rio Senega. Os outros navios se salvaram, porque nam vendo o forol que levava a caravella, nam por parecer aos da frota que era perdida, senão que se adiantara muito por ser muito ligeira cada hum começou a fazer sua vigia, e quis Deos que sentiram no rolo do mar que erão perto de terra, pelo que logo surgiram, e estiveram assi ate o outro dia, que se soube que era perdida. E por a gente deste regno de Gelofo ser roim não ousou o capitam de mandar ninguem a terra, e se foi a Angra de Bezeguiche a fazer agoada, onde achou todolos da caravela, salvo o capitão, e escrivão, e quinze homens outros que os da terra retiverão por mandado del Rei, que então estava naquella parte de seu regno, os quaes sobre roubados, ouve per resgate com assaz trabalho. E porque tudo o de mais que toca a esta armada, em comparação doutras cousas que no mesmo tempo aconteceram na India, sam todas de pouca substancia, por não quebrar o fio as outras, depois que começar a entrar nellas procederei no conto desta, ate o falecimento de Vasco Gomez Dabreu, o qual partido de Bezeguiche, chegou ao porto de Çofala, aos oito dias de Septembro, onde achou Nuno Vaz Pereira, que como atras fica dito, alli mandara por capitão o Vicerei, per morte de Pero Danhaia, o qual lhe entregou logo a fortaleza, e se

foi pera Moçambique no navio de Rui Gonçalvez de Valadares, em companhia de Diogo de Mello, e de Martim Coelho, que partiram de Çofala a dezanove dias do dito mes, e indo com calmarias a re das ilhas primeiras, dez ou doze legoas, aos cinco dias do mes Doutubro se encontraram com George de Mello Pereira que lhes contou, como fora ter ao cabo de Santo Agostinho, e sem o poder dobrar fora tomar o cabo do Monte em Guiné, sem ver nenhuma nao das que aquelle anno partiram do regno, e por George de Mello trazer muitos doentes, e ter necessidade de agoa, e refresco mandarão o seu piloto, e o de Martim Coelho nos seus bateis, a hum rio que estava defronte delles, os quaes depois de saídos das naos, começou a ventar ponente, que era bom pera ir a Moçambique, pelo que pareceo bem que George de Mello se partisse logo pera la, pola necessidade que tinha, e com elle Diogo de Mello, e Rui Gonçalvez de Valadares, e que Martim Coelho ficasse sperando polos bateis, mas por o tempo ser contrairo pera sairem do rio, elle se fez a vela caminho de Moçambique, onde chegou aos xxiiij. dias Doutubro, e achou dentro no porto George de Mello, Diogo de Mello, Rui Gonçalvez de Valadares, e Anrique Nunes de Liam que era da capitania de George de Mello, e assi souberam que nenhuma das outras naos que partiram do regno eram passadas perá India ao outro dia da chegada de Martim Coelho, chegou o batel da nao de George de Mello, e nelle a gente que fora no de Martim Coelho que se perdera. Daqui se partirão perá India Diogo de Mello, e Martim Coelho aos xvij dias do mes de Novembro, e por acharem ventos contrairos se tornarão das ilhas de Malvane a Moçambique, onde arribarão aos seis dias do mes de Novembro, sem ate então serem chegadas outras ne-

nhumas naos das que partirão do regno, que as que ja dixе. Alli invernaram todos, onde depois chegarão as outras naos que faltavam destas frotas, e porque na India se soubesse que eram alli chegadas, por não ser passada nenhuma nao ordenaram de mandar com recado ao Vicerei, Rui Soarez commendador de Rodés, da criação de dom Diogo Dalmeida Priol do Cra-tro, que alli ficara da armada de Tristam da Cunha, sperando pelo navio de Pero Coresma, pera se ir nelle em busca de Afonso Dalbuquerque, como o el Rei mandava, o qual a vinte legoas de Moçambique topou a nao de João Gomes Dabreu, que se apartou da armada de Tristam da Cunha, como se ao diante dira, de que por João Gomes ser morto deu Rui Soarez a capitania a George Botelho de Pombal, que levava no seu navio e ambos invernaram em Lemo, onde estiverão sete meses ancorados na costa brava, padecendo muita fome, donde se partio pera India, e a nao em que hia George Botelho se perdeu em huma angra junto de Pate, e a gente se salvou em huma caravella, de que era capitam, Emanuel Alvarez moço da camara del Rei que estava em Melinde, e se então achou em sua companhia, e no mesmo caminho no golfam que atravessa pera a India pelejou o comendador Rui Soarez com huma nao de Meca, em que hiam bem quinhentos mouros, de que se desfez com muito grande trabalho, e se desaferrarão da nao com alguns dos Mouros que os tinham entrados os quaes mataram todos, e deste modo passou Rui Soarez a India. Partidos Diogo de Mello, e Martim Coelho de Moçambique, como arriba fica dito chegou ahi Duarte de Mello, que Vasco Gomes Dabreu mandava de Çofala pera fazer a fortaleza, de que elle avia de ser alcaide mor, e feitor, o qual depois de ter mandado Duarte de Mello, deixando por capitão da fortaleza

de Çofala Rui de Brito Patalim, que servia de alcaide mor se partio com outros dous capitães pera Moçambique, pera por mor diligencia, na obra da fortaleza, e a fazer a sua vontade, os quaes todos tres se perderão mas em que parajem, nem como nam se pode nunca saber, se não que a praia de Quiloa foi ter hum masto, que se conheceo ser o da nao de Vasco Gomes Dabreu. Esta nova veo ter a Moçambique, aos treze dias do mes de Março, de mil, e quinhentos, e oito depois de Diogo de Mello, e Martim coelho serem partidos pera o cabo de Guardafum, e os tres capitaens George de Mello, Phelipe de Castro, e Fernam Soarez pera a India meado o mes Dagoſto, deixando a fortaleza feita ate o segundo sobrado, e huma Igreja da invocaçam de São Gabriel, com huma casa grande pera Sprital, os quais tres capitães, sem Anrique Nunez de Lião, que de Moçambique tornou pera o regno como se adiante dira, chegarão a Cochim sem passarem temporal nenhum, onde acharam o Vicerei que com sua vinda foi mui alegre, assi por virem todos a salvamento, como pela necessidade delles então tinha, por caso da armada que fazia para ir buscar os Rumes, como se ao diante em seu lugar dira.

CAPITULO XV

Da causa porque se azou a guerra que el Rei de Cananor fez aos que estavam na fortaleza.

A TRAS fica dito no anno de mil, e quinhentos, e seis, como Tristam da Cunha partio do regno por capitão de huma armada, da qual nenhuma nao passou a India, do que os mouros de todo Malabar andavam muito alegres, e davam a entender el Rei de Calecut por suas feitiçarias, que naquelle anno avia daver huma grande vitoria dos nossos. O que sabendo o Vicerei por via del Rei de Cochim, determinou de lhes dar aconhecer, que posto que a armada de Portugal nam viesse, podia fazer guerra aos mouros, e Çamorij de Calecut. Pelo que mandou logo fazer prestes em Cochim duas armadas, huma em guarda das naos de Cochim que hião a Choromandel de duas gales, e duas naos, e hum parao, de que deu a capitania a Emanuel Paçanha, que fora capitão da fortaleza Danchediva da outra armada que mandou em guarda da costa do Malabar, que era de onze velas deu a capitania a dom Lourenço seu filho, os outros capitães eram Rodrigo Rabello, Phelipe Rodriguez, Fernão Bermudez, Lucas Dafonseca, Antão Val, Gonçalo de Paiva, Gonçalo Vas de Goes, João Serrão, Diogo Pirez, e Simão Martinz. Prestes esta frota partio dom Lourenço levando em sua companhia as naos de mercadores de Cochim que hião para Chaul, e Dabul, e outras partes, e por a nao de Gonçalo Vaz de Goes nam ir provida de mantimentos, ficou em Cananor, tomando o que lhe era necessario, o que feito se partio em

busca de dom Lourenço, e sendo na parajem do monte Deli, alcançou huma nao de mouros, que hia de Cananor com seguro de Lourenço de Brito, e por alguns indicios que achou desta nao levar fazenda de mercadores de Calecut, e que o seguro era avido falsamente, ou per cobiça da fazenda que levavão, ou por vingança dos mouros, os mandou coser todos na vela, e com a nao depois de roubada, os meteo no fundo, crueza demasiada, pera o pequeno erro em que achou estes miseros, dos quaes sobejava a execuçam no ceptiveiro de suas pessoas, e perda de suas proprias fazendas, posto que imigos fossem, e fosse falso o salvo conduto que traziam, o que se depois achou não ser: Pelo qual erro o Vicerei lhe tirou a nao e lhe teve sempre má vontade. Neste tempo era ja falecido o Rei de Cananor nosso amigo, e regnava outro que fora feito com favor del Rei de Calecut, e por este respeito favorecia muito os mouros e pouco a nos outros desejando por gratificar ao Çamorij o beneficio que delle recebera nos lançar fora daquella cidade e tomar a fortaleza per manha, ou por força, e pera isto se poer em obra lhe deu mor ocasião a nao que Gonçalo Vaz de Goes meteo no fundo, porque entre os corpos mortos que o mar lançou na praia, perto de Cananor, afora outros que forão conhecidos, se achou por sinais certos ser hum delles o capitão, sobrinho do Mamele, hum dos mais ricos, e honrados mouros de todo o Malabar, que vivia em Cananor. Este como sobe da morte do sobrinho, e certeza da sua nao ser metida no fundo em que perdera muita fazenda, o que dava gram sospeita ser feito per Gonçalo Vaz de Goes, por elle sair de Cananor na esteira da nao, se foi logo com outros mouros da terra que alli perderão tambem seus parentes, amigos, e fazenda, com grandes plantos, e gritos aqueixar a

Lourenço de Brito dizendolhe que os tinha enganados com o salvo conduto que lhes dera, que se fora bom Gonçalo Vaz o guardara, e não fezera o que fez, e sem delle querer tomar disculpa, se foi logo dalli a el Rei de Cananor, com toda aquella companhia, e outras mais de molheres, filhos, parentes, e amigos dos que matarão na nao aqueixarse do caso, e pedir-lhe justiça: Do que movido, e com a má vontade que nos ja tinha lhe deu licença, que per qualquer modo que quisessem, e podessem, tomassem vingança, e se satisfizessem da perda que tinham recebida. Mamele como lhe el Rei deu esta licença, por suas cartas tratou com os Mouros de Calecut sobre o modo que teriam na execução deste negocio, os quaes deram logo disso conta o Çamorij, que per seus messageiros se mandou logo offerecer a el Rei de Cananor, pera juntamente com elle nos fazer a guerra, e lançar fora do Malabar. Como el Rei de Cananor teve este recado, com a mor dissimulaçam que pode dizendo que o fazia para segurança dos moradores da cidade, e fortaleza, mandou abrir huma cava, que atravessava de mar a mar, entre a cidade, e hum poço dagoa, que estava hum tiro de pedra da fortaleza, donde os nossos bebiam, sem deixar mais servintia pera o poço, que hum caminho muito estreito, sem disso dar conta nenhuma a Lourenço de Brito, nem o soubera tam cedo se não fora avisado per via do Principe de Cananor, e hum seu tio, que erão grandes seus smigos, da guerra que lhe el Rei de Cananor, e Calecut queriam fazer, dizendolhe, que o caminho que ficava da cava pera o poço, era para se delle defender a agoa aos nossos, diante do qual se avião de fazer estancias, pera nellas se poer artelharia, e que el Rei de Calecut tinha mandado a el Rei de Cananor secretamente antre outras munições de

guerra vintaquatro peças d'artelheria, e prometido de o ajudar em toda aquella guerra com xxx. mil homens a sua custa. Lourenço de Brito mandou os agradecimentos ao Principe de Cananor, e a seu tio, e algumas peças em presente, defendendo logo aos nossos que não fossem a cidade se não com sua licença, e avisou com muita diligencia o Vicerei, que neste tempo andava occupado na execuçam da sentença que dera o ouvidor contra os capitães que aconselharão seu filho dom Lourenço quando foi correr a costa do Malabar, que não entrasse no porto de Dabul a pelear com Maimane capitão del Rei de Calecut que alli estava com huma armada, e por este respeito roubou: e queimou algumas naos de Cochim, que estavam no mesmo porto, e matou os mais dos homens que nellas hiam. Pela qual razão, e por dom Lourenço apresentar os votos dos capitães que lhe tal aconselharam, assinados de suas mãos, e lhe seu pai ter dado per regimento, que nenhuma cousa fizesse sem o parecer delles todos, tirou aos que tal conselho deram, as capitánias, por virtude da sentença, na qual sairão tambem condenados a irem presos a Portugal, dar razam de suas culpas diante del Rei, e dom Lourenço foi asolto pela mesma sentença. Mas vendo o Vicerei a necessidade que avia de socorrer a fortaleza de Cananor, dilatou a sentença, e estes, com outros capitães, e muitos fidalgos e gente nobre fez logo prestes, e os mandou com dom Lourenço, o qual chegado a fortaleza de Cananor, cuidando Lourenço de Brito que hia para ficar nella, por Soverano lhe dixee, que pois elle vinha para a defender, que sua estada era alli por demais, que se queria ir para Cochim. Dom Lourenço lhe mostrou as instruçoens que trazia de seu pai, em que mandava, que em tudo lhe obedecesse, e vendo que

se carregava com elle lhe deixou muitos mantimentos, e toda a gente que trazia de guerra com a qual ficarião na fortaleza quatro centos soldados Portuguezes, e alguns malabares, e se tornou para Cochim, onde deu conta a seu pai do que passara e de como ficava a fortaleza provida de maneira que se poderia bem defender todo o inverno contra os Reis de Calecut, e Cananor.

CAPITULO XVI

De como el Rei de Cananor combateo a fortaleza, e foi desbaratado.

LOURENÇO de Brito como foi certificado da guerra, e vio quam descubertamente el Rei de Cananor mandara fazer a cava dentre poço, e a cidade, receose que lhe faltasse a agoa, porque nam tinha outra nenhuma senam aquella para beberem, mandou fazer huma tranqueira junto do poço, antre elle, e a fortaleza, que tomava tambem de mar : e nella huma servintia pera o poço com ponte levadiça, na qual servintia, e per toda a tranqueira mandou fazer bastilhões de terra e nelles poer artilharia, do que el Rei de Cananor vio, e conheceo bem que Lourenço de Brito era ja avisado de sua determinação. Pelo que com a mor pressa que pode, junta sua gente com a del Rei de Calecut, que seriam mais de quarenta mil naires, e mouros, aos xxvij dias de Abril, mandou aos capitaens que dessem vista a fortaleza, pera que com tanta soma de gente posessem espanto aos de dentro, parecendolhe que secretamente deixarião a fortaleza, e se iriam pera Cochim, pos-

to que fosse inverno, ou lha entregariam a partido, as quaes vistas foram tantas, e taes em defenderem o poço, e cometerem a tranqueira, que tinham os nossos muito trabalho em se defender, e muito mór em irem tomar agoa, porque sobre esta se matavam muitos de huma parte, e da outra. O que durando, per conselho de hum Thomas Fernandez, que na India era mestre das obras del Rei, e fezera totalas fortalezas que la tinhamos, ordenou o capitaõ de fazer huma mina, que fosse da fortaleza dar no poço: a qual se fez com tanto tento, que nunca os Índios o sentirão. E porque de cima nam lançassem peçonha no poço, ou o intupissem, mandou fazer hum pouco acima da boca da mina hum sobrado de traves de palmeiras muito grossas, humas encruzadas, e encaixadas sobelas outras, e pola banda de cima mandou intupir o que estava vão do poço, com rama, sobre que mandou arrunhar a terra da boca do poço, de maneira que per nenhum modo podião ja os imigos abrir, o que era arrunhado, nem defender a servintia do poço. El Rei de Cananor como soube o que passava, vendo que só no combate da tranqueira nos podia empecer, e mandava cometer a meude, em que morrião de huma, e da outra parte, porque os nossos as mais das vezes (posto que contra vontade de Lourenço de Brito) sahiam a elles. Mas vendo el Rei que não podia por este modo vir ao fim de seus desejos per conselho de Mouros, homens experimentados na guerra, determinou de a cometer, levando diante da gente muitas sacas cheas de lãa, e de cairo ate chegar a ella. E no tempo que se esta obra fazia, mandou afastar o arraial contra a parte da cidade o que vendo Lourenço de Brito, e que el Rei nam dava licença a gente de guerra, mas antes a tinha toda ao redor da cidade, desejou muito de aver lingua pe-

ra se informar do que passava, ao que se lhe offereceo hum carpinteiro da fortaleza, pera o que logo fez hum cepo que armou fora da tranqueira defronte da porta. O que acabado Lourenço de Brito mandou a quarenta espingardeiros que fizessem mostra dencaminhar perá cidade ate que os vissem os imigos, os quaes logo saíram a elles, que depois de resistirem hum pouco, como de vencida se começaram a retirar contra a tranqueira, do que os imigos tomando ousadia, os seguirão com mor esforço, dos quaes cahio o capitão que hia diante no cepo: o que vendo os nossos voltaram sobelos imigos, e com outros que saíram da tranqueira os foram seguindo ate meo caminho da cidade, donde se tornaram, com deixarem alguns mortos, e feridos. Lourenço de Brito mandou logo levar o Naire que caira no cepo perante si, e d'elle soube a determinação del Rei, o que tambem dahi a poucos dias soube per hum Naire criado do Principe de Cananor, que mandou de noite a fortaleza com duas almadias carregadas de galinhas, figos, cocos, e outros refrescos, o qual Lourenço de Brito despedio secretamente com os agardcimentos, mandando per elle ao Principe hum presente de peças douro, e prata, porque allem de lho elle bem merecer o tempo o requeria assi. Feitas as sacas, teve el Rei de Cananor conselho sobelo modo que teria no combate, e continuação de guerra que queria fazer, no que ouve varios pareceres, entre os quaes foi o do Principe, e de seu tio, e outros senhores que no mesmo conselho dixeram a el Rei, que o bom seria abrir mão desta guerra, e se tornar a reconciliar com Lourenço de Brito, porque o fim della avia de ser com o pago que sempre ate alli os nossos derão a quem lha fezera: Mas el Rei mais inclinado ao parecer dos mouros, e confiado no favor, e ajuda del Rei

de Calecut, ficou em sua opiniam, mandando a todos capitães que fizessem logo casas, e estancias de madeira, terra, e ola de longo da cava, porque sua tençam era não se ir dalli, ate não tomar a fortaleza: o que tudo feito com muita diligencia se ordenou o combate, pera o qual trazia diante de si todas aquellas sacas, daltura de mais de hum homem cada huma, e de vara, e mea de largo, e tras ellas sua artilharia assentada em carretas, e apos ella os espingardeiros, frecheiros, e outra gente de guerra, com o qual aparato vieram cometer a tranqueira a horas de vespera, sem os nossos per aquella vez poderem fazer mais que deffenderse, porque os tiros dartelharia embaçavão nas sacas do que os imigos como vitoriosos davam muitas gritas, tendo ja o negocio por acabado, no que estiverão ate noite, a qual Lourenço de Brito teve conselho sobelo que se avia de fazer ao outro dia, se os imigos tórnassem ao combate, e receoso que juntamente com a tranqueira comessem a ponta de terra firme, onde estava a feitoria, e povoação dos Portugueses, mandou aos capitães daquellas estancias, que per modo nenhum as deixassem, e estivessem sempre nellas com toda sua gente prestes, e dellas se não partissem senão mandandoos elle chamar. Ao outro dia pela manhã tornarão os imigos a cometer a tranqueira, na mesma ordem com suas sacas, e tras ellas muita rama, e homens com pas, e enxadas pera entupirem a cava, Lourenço de Brito mandou desparar a artilharia, mas a sacas eram tam calcadas de lâ, e cairo, que posto que algumas peças fossem Spheras e camellos nam faziam nellas nenhuma mosa, do que os nossos ficavão mui tristes, e os imigos alegres, dando muitas gritas a som de atabales, e trombetas como homens que cuidavam ter ja acabado o a que vieram. Nesta pressa veo a

memoria a Lourenço de Brito, que estava na fortaleza hum tiro mais grosso, e mais furioso que as Spheras, e camellos, a que chamão Serpe, pela qual mandou logo, e em tão boa ora lhe pos o condestabre Rutgerte Geldres o fogo, que levou huma das sacas em pedaços no ar ao que os nossos deram huma grande grita, louvando a Deos pela merce que lhes fezera de maneira que com este tiro lhe desmanchou o condestabre tantas das sacas que teve a outra artilharia lugar pera dar nos imigos, em que fez tamanho estrago, que tomaram por partido alargarse da tranqueira, com deixarem muitos mortos no campo. Este Rutgerte Geldres conheci eu na cidade de Anvers, onde era casado, homem nobre, e vivia junto da casa da feitoria, e consulado da nossa naçam, e era homem bem pratico nas cousas da India, e foi na tomada de Goa, e Malaca com Afonso Dalbuquerque, e em os mais dos feitos notaveis que se em seu tempo la fezerão, do que quis aqui fazer breve mençam pelo elle merecer. Deuse este combate desne pela manhã ate o meo dia, a qual hora os imigos se recolherão pera suas estancias, ficando os nossos dando muitas graças a Deos pola grande merce que lhes fezera. Lourenço de Brito desejava muito de dar no arraial, mas parecendolhe isto impossivel se não fosse com inais gente da que tinha não ousava de se aventurar a negocio, o que sabendo o alcaide mor dalcunha Guadelejara castelhano, lhe dixee que elle o faria levantar, se lhe desse licença pera de noite sair da fortaleza com cento, e cincoenta homens escolhidos, os quaes lhe logo deu. Com esta gente de que os principaes eram, Rui Pereira, Fernam Perez Dandrade, Simão Dandrade seu iram, Vicente Pereira, Diogo Pereira, Rui de Sampaio, Francisco Pantoja, Pero Teixeira, Francisco de Miranda, George Fogaça, An-

tonio Paçanha o bastardo, Alvaro de Brito, Antonio Raposo, Pero Fernandes Tinoco, Gonçalo Vaz de Goes, Gil Casado, e João Gomes Cheira Dinheiro, sahio o alcaide mor da fortaleza, e quis nosso Senhor dar a noite escura, e de chuva, pera millhor fazer o a que hia, e sem ser sentido chegou ao arraial dos imigos a que pos tamanho espanto, por ser na vegia da modorra, e com tal tempo, e elles estarem muito descuidados de cuidarem que os nossos, por serem tam poucos, ousassem de sair a elles, que os pos todos em fugida, e com deixar muitos feridos, e mais de trezentos mortos se tornou pera fortaleza com alguns captivos, donde em amanhecendo mandou Lourenço de Brito, sair a gente a roubar o campo, em que acharam sete peças darte-lharia grossa, e outra meuda com muito despojo, o que tudo recolheram sem acharem quem a isso resistisse, dando graças a Deos pela merce que lhes fezera.

CAPITULO XVII

Da grande fome que os nossos padeceram por caso de arder a feitoria, e casas que estavam na ponta com muitos mantimentos, e da vitoria que ouveram dos imigos, e como el Rei de Cananor cometeo paz, e se fez.

FORA da fortaleza, na ponta que a terra faz ao mar, como ja dixee, estava a casa da feitoria e algumas outras, onde moravam Portuguezes, e tinham suas fazendas. Nesta casa da feitoria, perdes-cuido de hum moço, do feitor Lopo Cabreira, deixar huma candeia acesa denoite, se ateou o fogo, e desta nas outras, que por serem dola, arderam todas com muitas mercadorias, e mantimentos, principalmente na feitoria. Mas a perda que se por então mais sentio, foi a dos mantimentos, porque nam tam sómente ficavão certos de padecerem a fome que depois passaram, mas muito mais certos, de lhe não poder vir de nenhuma parte ate o fim do mes Dagosto em que la começa o Veram, e se pode navegar: com tudo no almazem da fortaleza ficaram alguns (posto que poucos) o que Lourenço de Brito encobria por lhe a gente baixa, e escravos nam fugirem pera os imigos, e darem aviso do que passava, e por este respeito dizia que pera tudo avia abastança: mas esta como a gente era muita em comparação da pouquidade dos mantimentos, começou de faltar tanto, que os homens comiam gatos, ratos, e cães, com todo outro genero de imundicia, ate virem a comer lagartos novos dagoa. Vendosse Lourenço de Brito neste trabalho determinou de mandar hum seu sobrinho fora

da tranqueira, pera tomar lingoa, ou algum mantimento, se per desastre o podesse aver, e com elle entre outras pessoas, que seriam ate trinta, foram Fernam Perez Dandrade, Pero Fernandez Tinoco, Francisco Serram, Gonçalo Vaz de Goes, os quaes os imigos tratarão de maneira, que o sobrinho de Lourenço de Brito se começou de recolher pera a tranqueira, com huma cutilada de travez per cima dos narizes, tamanha que o rosto lhe ficou dependurado sobelos peitos, e em se recolhendo com todolos que com elle foram o deceparam, de modo que se da fortaleza lhe nam acudirão o levarão os imigos preso, porque o tinham antre as mãos, pera o mandarem a cidade, cuidando que era Lourenço de Brito, polas armas que trazia, e o primeiro que a elle chegou dos que acudiram, e o tirou das mãos dos imigos, foi hum mancebo do Algarve, de xxv annos, per nome João Gregorio. Finalmente que assi os que saíram a fazer a cavalgada, como os que acudiram da fortaleza, foram constrangidos se recolher mal a seu grado, muitos delles feridos entre os quaes foram o sobrinho do Capitam Lourenço de Brito, Fernam Perez Dandrade, e Pero Fernandez Tinoco, morrerão quatro, de que hum foi Gonçalo Vaz de Goes. Depois deste desastre soube el Rei de Cananor por escravos que fugiram da fortaleza, a grande fome que nella avia, pelo que persuadido que com qualquer anegaça de comer os farião sair da tranqueira, mandou alguns dos seus que se possessem em cilada, e lançassem diante duas vacas, as quaes em os nossos vendo, com a raiva da fome, pela porta da tranqueira e per cima della, sem o Lourenço de Brito saber se lançaram a ellas, ao que os imigos acudiram, e se travou huma brava peieja, com tudo os nossos levaram as vacas, de que os imigos ficaram

mui injuriados, por serem entrelles as vacas tidas por cousa sagrada, e em grande veneraçam, e por este respeito, como ja dixee, as nam comem, com tudo aos nossos vieram a preposito, e bem quizerão que lhe lançaram cada dia outras taes ciladas. Mas como Deos nunca desampara os seus, parece que milagrosamente começou o mar em dia de nossa Senhora Dagosto, a fazer hum grande marulho, contra a ponta, o qual lançou na praia huma grande quantidade de lagostas, de que os nossos se mantiveram alguns dias, e foi tanto o gosto dellas, que os doentes que avia entrelles, sararam com esta maná que lhe Deos mandou. Isto era ja em fim do inverno, e porque não podião tardar muito naos de Portugal, e sabiam os mouros de Cochim nam podia faltar socorro per todo aquelle mes, fezerão com el Rei de Cananor que desse combate a fortaleza, e tranqueira per mar, e per terra, pera o que armaram muitos paraos, e tones, e fezeram dous castellos de madeira muito mores que os com que el Rei de Calecut cometeo Duarte Pacheco: do que Lourenço de Brito foi avisado pelo Principe de Cananor, mandandolhe dizer, que da banda do mar se fortificasse bem, que pera alli avia de ser a força do combate. Prestes a armada dos imigos, em que averia per mar, e per terra mais de cincoenta mil Naires e Mouros, e muitos tones, e paraos, bem artilhados, e delles em jangadas com suas arrombadas fortes, e bem feitas hum dia pela manhã vieram, com grandes gritas, a som de instrumentos de guerra cometer a tranqueira, e no mesmo instante a frota que estava na baia abalou contra a ponta, seguindo detras de toda a fustalha os dous castellos bem artilhados, e em cada hum delles mais de noventa homens espingardeiros, frecheiros, e bombardeiros. Lourenço de Brito como

teve o recado do Principe de Cananor fizesse pres-tes pera receber esta companhia, não com iguarias delicadas, das quaes não tinha nenhuma, senão com polvora, e pilouros de bombardas de que estava mi-lhor provido, que de mantimentos, e sobre tudo confiado na boa gente que consigo tinha a que nam faltou o animo pera se defender de huma tamanha multidão de imigos posto que cometessem a tran-queira com muito esforço, e per muitas vezes, mas foram tambem hospedados, que tomarão por partido depois de verem diante si muitos mortos, e feridos desistir do combate, e tornarse perá cidade, o que os que foram per mar, por nam fazerem enveja a es-tes, depois de lhe a nossa artelharia ter arrombados muitos navios, e desbaratados os dous castellos, e mortos, e feridos muitos delles, foram tambem cons-trangidos fazer o mesmo. Esta peleja durou desne pela manhã ate quasi sol posto, e foi mui brava, e bem pelejada da huma, e da outra parte, na qual não morreo nenhum dos nossos, posto que fossem muitos feridos, e parece, que antrevo aqui algum misterio, porque depois desta guerra acabada, perguntavam os Indios, e Mouros aos nossos por hum homem muito alto de corpo, e bem armado, que andava diante de todos, com huma espada dambalas mãos, com a qual matara os mais dos que da sua parte naquelle cerco pareceram, e porque entre elles não avia homem de taes sinaes o tiveram por milagre. Ao outro dia, que era huma sexta feira Lourenço de Brito mandou tra-zer a artelharia grossa a tranqueira, e dalli mandou varejar a cidade, com que allem do danno que se fez nas casas derribaram hum grande lanço da mesquita dos Mouros onde elles por ser o seu Domingo, então es-tavam fazendo suas orações, dos quaes morreram al-guns debaixo da parede que cahio. Foi tamanho o

medo na cidade neste dia, que muitos a despejão, e os principaes della se foram a el Rei requerendolhe que fizesse paz com os Portuguezes, se nam que se iriam todos pera o sertão. Estando os negocios neste termo, chegou Tristão da Cunha a Cananor, aos vinte, e sete dias do mes Dagosto deste anno de M. D. vij. com cuja vinda, e com os dannos que el Rei tinha recebidos, e lhe terem requerido os principaes da cidade que fizesse paz, a mandou pedir a Lourenço de Brito, a qual lhe concedeo, com o conselho e parecer de Tristam da Cunha, do que se fizeram capitulaçoens, reservando ao Vicerei querer estar por ellas e que em quanto nam viesse recado seu ouvesse antre el Rei, e os nossos tregoa. As quaes capitulações Tristão da Cunha levou consigo, o Vicerei as ouve por boas, e asseladas, e assinadas de sua mão, as tornou a Lourenço de Brito do que todolos do regno de Cananor foram mui alegres.

CAPITULO XVIII

Do sitio, e antiguidade da cidade de Çafim, e de como se ganhou aos mouros.

CAFIM a que os mouros chamam Azaafi, he cidade muito antiga antrelles, edificada pelos naturais da terra, segundo o dizem os Scriptores Arabios, situada na costa do mar Oceano Atlantico, na provincia a que nos corruptamente chamamos Daduecala. Antes que a ganhassem senhoreava muitas aldeas, e aduares, e então era de passante de quatro mil fogos, allem de quatro centas casas que nella avia de Iudeus: era de muito trato, de ouro, prata, mel, cera, manteiga, pannos, courama, e outras mercadorias que alli traziam mercadores Christãos, e mouros, per mar, e per terra. Os do termo sam homens rudos, e grossos dengenho, pouco dados a trabalho, nem a lavrar, sendo a terra muito boa, e muito fertil de tudo o que se nella poem, ou semea. Algum tempo antes que fosse nossa, era sogeita a el Rei de Marrocos, mas depois se alevantou nella huma familia de gente nobre, e poderosa, chamada dalcunha Farhom, de que per successam de tempo veo ser Senhor, e tyranno hum destes, per nome Abdear Rahmão muito esforçado, e valente homem, o qual matou hum seu tio, que se chamava Amedux, que era cabeceira, assi da familia, como da cidade, e comarca, o que tudo regia absolutamente. Depois da morte deste Amedux o omicida Abderar Rahmam com dadivas promessas, e bom modo de negociar, que teve com os da cidade, e termo, ficou senhor pacifico de tudo, e regeo, e re-

gnou, per hum bom espaço de tempo. Tinha este Abdear Rahmão huma filha muito gentil molher com quem per consentimento da mãe, conversava, hum mouro mancebo, e de bom parecer, per nome Aliadux filho de Guisimem, homens, que posto que nam fossem tam nobres como Abdear Rahmam eram com tudo de huma das boas familias da cidade, poderosos, e de muitos parentes. Abdear Rahmão sendo certo deste negocio, determinou de matar o adultero, do que a mesma molher, e filha tendo suspeita, avisaram o mancebo, que como isto soube, deu conta do negocio a outro mancebo seu amigo, per nome Iheabentafuf bom cavalleiro, e muito aparentado, os quaes assentaram de matarem Abdear Rahmão em qualquer lugar ou tempo que pera isso achassem oportuno, o qual em hum dia de festa solemne antrelles, mandou dizer a Haliadux, que queria ir fazer oraçam a mesquita, donde se iria esporecer ate hum certo lugar, que lhe rogava que cavalgasse, pera irem ambos falando em hum negocio que lhe muito relevava. Deste recado vio bem Aliadux que se lhe chegava a hora de morrer, ou matar, e na mesma pos em obra o que tinha determinado, mandando logo chamar Iheabentafuf, os quaes com dez outros seus parentes, e familiares, que eram participantes na conjuraçam, se foram a mesquita, que por ser dia de festa solemne estava cheia de gente, per meo da qual, como pessoas principaes chegaram dissimuladamente ao lugar onde Abdear Rahmão estava junto com o sacerdote, e passando Iheabentafuf adiante d'elle, Haliadux lhe deu huma punhalada pelas costas, a que o companheiro Iheabentafuf acodio com hum golpe despada de que Abdear Rahmão cahio morto, ao que logo acodirão os da sua guarda. Mas vendo que os outros, dez dos conjurados, arrancavam das espadas,

e se descobrião pelos homicidas, cuidando que era conjuraçam do povo, se saíram da mesquita, o que tambem fezerão todolos que nella estavam nam ficando mais que os doze da conjuraçam, os quaes vendo a mesquita despejada, se foram a praça ja acompanhados de muitos parentes, e amigos seus, onde em alta voz dixee Haliadux que elle matara o tiranno Abdear Rahmam, porque lhe elle quisera fazer o mesmo, de maneira que elles se nam saíram da cidade mas antes forão elegidos ambos por regedores della. Nesta revolta da morte de Abdear Rahmão que foi no fim do anno de mil, e quinhentos, e seis, tiverão tempo treze Castelhanos, que estavam captivos em Çafim, de se acolherem em huma Zaura ao castello Real, onde Diogo Dazambuja estava por capitam, o qual Castello elle mesmo por mandado del Rei fora fazer o anno passado, como atras fica dito. Destes Castelhanos soube o que passava em Çafim, e logo dahi a dous dias veo ter com elle Haliadux, e lhe dixee da parte de Iheabentafuf, e da sua, que lhe pedia que se fosse meter na cidade com alguma gente, pera os ajudar, contra os parentes, e amigos de⁴ Abdear Rhamão, de que se temião, e que elles se farião vassallos del Rei de Portugal. Diogo Dazambuja, posto que confiassse pouco em promessas de mouros, por saber quam poucas vezes tratarão verdade, vendo as razões que Haliadux dava, e os termos em que estavam estes negocios, determinou de se ir com elle a Çafim, com doze Portugueses, entre os quaes os a que pude saber o nome forão, Lopo Sardinha, Ioão do Rego, Pero de Sea, e hum Rui Fernandez, onde esteve oito dias assentando com estes dous tyranos, as cousas que lhe pareceram necessarias, de que dava parte a Pero Mendez de Lagos que alli estava feitorizando algumas cousas pera o trato de

Guine, a Pero pessoa seu scrivam, natural de villa Franca. Allem destes avia na cidade outros Portugueses mercadores, que alli residião, por ser a terra de muito trato, e porque soube per via de hum judeu, per nome Rabi Abrahaõ que era sua lingoa, que alguns dos da cidade andavam pera o matar, o que de feito era verdade, se tornou ao castello Real, levando consigo quatro mouros dos quaes hum foi o mesmo Aliadux, e Acentahata, que fora estribeiro de Abdear Rhamão, e Halimiali, e Ali, ficando na cidade per regedor Iheabentafuf: os quaes quatro se foram com elle, com determinação de irem a Portugal assentar pazes, e amizade com el Rei dom Emanuel, e se fazerem seus vassallos, como defeito fizeram. Nestes oito dias que Diogo Dazambuja esteve na cidade, entre outras muitas cousas que assentou com Iheabentafuf, e Haliadux, e outros seus achegados, foi que lhe darião logo huma casa, com porta pera o mar, 'pera o trato que alli tivessem os Portugueses, e que pera mais segurança lhe deixavão huma torre das mais fortes da cidade. Feito este concerto se tornou ao castello Real, e dahi se veo com estes quatro mouros ao regno, dar conta a el Rei do que passava, de que foi muito alegre, e dandolhe regimento do que avia de fazer, o tornou a mandar pera Çafim, onde chegou a hum sabado seis dias do mes Dagosto, de mil, e quinhentos e sete. E pera que se melhor fizessem as cousas que levava por regimento, e mais facilmente se emposasse na cidade, antes que partisse do regno, screveo el Rei a Garcia de Mello que andava darmada no estreito, que se fosse a Çafim pera o ajudar em tudo o que lhe fosse necessario, Garcia de Mello, posto que entam estivesse muito doente, e quasi desesperado dos medicos: como recebeo este recado, se partio logo,

e chegou a Çafim primeiro que Diogo Dazambuja onde achou todolos da cidade postos em armas, huns contra os outros, e mui desviados do que Diogo Dazambuja, e os quatro mouros que com elle foram dixeram a el Rei. Neste tempo chegou Diogo Dazambuja a Çafim, e com elle Haliadux (que assi o nomeão os Scriptoros Arabios, e não Halixiam, como lhe os nossos chamam) e assi os outros tres mouros que com elle foram, e porque Garcia de Mello, e Diogo Dazambuja virão que Haliadux, e Iheabentafuf consentiam nas desavenças que avia na cidade, como homens que querião antester antre si discordias que serem sogigados de estrangeiros, e contrarios a sua seita, e assi que não davam mostras verdadeiras do que tinham prometido a el Rei, ordenaram que Garcia de Mello tomasse a mão semear zizania antre estes dous tyrannos. E como pera semelhantes casos as pessoas de menos suspeita sejam medicos, pola necessaria, e familiar entrada que tem todalas partes quis tentar isto per via de hum medico Iudeu, que o vinha visitar da infirmitade com que partira do estreito que o ainda não deixara, pelo qual mandava scriptos notados por elle, e per Diogo Dazambuja a Haliadux, e a Iheabentafuf sem hum saber do outro, dandolhes a entender que na cidade havia pessoas conjuradas pera os matarem, de maneira que fez crer a cada hum destes que o outro o queria matar. Os quaes scriptos o fisico Iudeu por premio certo que lhe por isso davam, tomava da mão de Garcia de Mello apalpandolhe o pulso debaixo do cobridor da cama, e do mesmo modo lhe dava a repostas de cada hum dos dous tyrannos, os quaes sem hum saber do outro faziam mil offercimentos a Diogo Dazambuja, e a Garcia de Mello, dando a entender que em tudo faziam o que fosse serviço del dom Emanuel, mas que

os favorecessem contra os que querião matar. Podetanto este ardil, que per consentimento dos ditos Haliadux, e Iheabentafuf, cuidando cada hum delles, que fazia em seu partido Diogo Dazambuja, e Garcia de Mello sairão em terra, com obra de cincoenta homens, e se apouentaram nas casas que foram de Abdear Rahmão, que estão dentro na cerca, da banda do mar, junto com a praia, onde depois de apouentados (posto que os mouros sobre isso tivessem grande vigia, como arrependidos de o deixarem entrar na cidade) meteram em arcas, pipas, e barris algumas armas, bestas e espingardas, sobre o que ouve grandes differenças, do que Diogo Dazambuja avisou el Rei, que logo no começo do anno de mil, e quinhentos, e oito, despachou pera Çafim Gonçalo Mendez Çacoto, com quatro navios, pera que com Diogo Dazambuja acabasse de tomar de todo a posse desta cidade, que era cousa que muito desejava, pola oportunidade que tinha pera dalli conquistar o regno de Marrocos. As pessoas que hiam com Gonçalo Mendez Çacoto foram hum seu sobrinho de que não pude saber o nome Lopo Barriga que depois foi adail, Nuno Gato, Diogo Mendez irmão do capitão da ilha de S. Miguel, George de Sousa de castel branco, João Dornellas, Rui Mendez de Sá, Francisco da Sylva, Diogo Brandão Devora, Gil Fernandez, Heitor Gonçalves feitor que foi em Çafim, João de Raboredo, e tambem hum Pimentel que fora moço da caça del Rei e hum Macedo Devora. Partidos estes quatro navios de Lisboa em que hiam afora pessoas nobres duzentos besteiros, e espingardeiros, chegaram com bom tempo a Çafim, onde Gonçalo Mendez achou Diogo Dazambuja, e Garcia de Mello, e com elles Diogo de Miranda, e Emanuel da Sylveira netos de Diogo Dazambuja, e Francisco Dalmeida, e Francisco Dabreu

seus sobrinhos, dom Garcia de Sá, e Lionel Dabrêu, Simão da Sylva, e George da Maia, todos mui agastados pela pouca verdade que lhes os mouros tratavam: pelo que Diogo Dazambuja, e Garcia de Mello se quiseram declarar com Haliadux e Iheabentafuf, requerendolhes que hum delles regesse a cidade em nome del Rei dom Emanuel; porque ja sentiam aver antre elles ambos discordias secretas, buscando modos, e meos para hum matar o outro, e se fazer senhor. Com tudo entre elles ouve complimentos de qual regeria por el Rei, e allem dos complimentos, muitos rogos, e messageiros, porque hum soltava ao outro esta honra, finalmente o governo ficou com Iheabentafuf, o qual depois de se ver nelle, per modos, e manhas estorvava a obra que Diogo Dazambuja fazia nas casas que forão de Abdear Rahmão, em que fazia a fortaleza, ate mandar aos servidores que não acarretassem pedra, e cal, e area para a obra: mas isto não era sem parecer, e conselho dos principaes mouros da cidade, o que fazendo Iheabentafuf cada dia mais descubertamente, Diogo Dazambuja falou secretamente com Haliadux, e lhe dixe que lhe queriam dar o governo da cidade, que desse com os de sua vallia de noite nas casas de Iheabentafuf, e o matasse, e que se tivesse necessidade dajuda que elle lha daria, o que Haliadux assi fez, mas Iheabentafuf não cuidando que isto podia vir por Diogo Dazambuja, se recolheo as casas que forão de Abdear Rahmão em que se fazia a fortaleza, onde entam Diogo de Miranda pousava, que o recolheo sem saber parte do trato que seu avo tinha feito com Haliadux. Alli esteve recolhido oito dias, e deu taes razoens a Diogo Dazambuja, que o delxou vir a este regno dar suas desculpas a el Rei, que foram taes que o tornou a mandar a Çafim, com ordenado pera vinte homens

de cavallo, e provisoens per que o fazia capitam do campo, por saber melhor os costumes daquelle povo do que o podia saber Diogo Dazambuja, onde depois fez muitos serviços a Coroa destes regnos, como se ao diante dira, porque como o tambem dizem os Scriptoros Arabios muitas vezes com a sua gente, e alguma nossa desbaratou a do Serife Principe de Sus, e Hea, tambem a del Rei de Fez, e do de Marrocos e fez toda a provincia da Ducala tributaria a el Rei dom Emanuel, mas tornando Haliadux depois que lhe Diogo Dazambuja entregou o governo da cidade, fez tudo ao contrario do que se cuidava, e pior que Iheabentafuf, porque se este por modos secretos estorvava que se não fizesse a fortaleza, estoutro o fazia descubertamente, mandando aos mouros que acarretavão as achegas para ella, que o nam fizessem, e lhes punha por isso pennas, e mandava castigar. Com tudo Diogo Dazambuja pouco, e pouco fazia crescer a obra, dando a entender que aquillo era pera somente se recolherem os mercadores Christãos que vinham tratar a quella cidade, mandando entupir as bombardeiras antes que as os Mouros vissem, de pedra, e barro pela banda de fora, e acafellar de maneira, que parecia que era tudo parede igual, e tendo posta a fortaleza em altura que se podia mui bem defender, e feita de noite huma porta no muro pera sair a praia, com duas estacadas, huma de cada banda da rua que passava perante o muro, e a fortaleza logo pela manhã mandou hum recado a Haliadux, mais aspero do que o acostumava fazer, dizendolhe que nam cumpria com elle como cavalleiro, pois lhe nam dava todas as ajudas necessarias pera aquella obra, como lho prometera, e jurara por sua lei de lho manter o mouro lhe deu em repostas que como fallava tão afouto, pois nam tinha que comer,

nem que beber senão o que lhe elle mandava dar. Diogo Dazambuja lhe mandou dizer que era verdade, mas que quando lhe faltasse, que com sangue de mouros mataria a sede aos seus, e das pernas delles a fome, a qual resposta a Haliadux não fez mais que meter o dedo na boca, que era sinal de ameaça, ao que logo Diogo Dazambuja quis acudir primeiro que o Mouro apellidasse os da sua valia, e do campo, que era a força principal da cidade, pera as cousas de guerra, e porque parecesse que não era elle o autor de romper a paz, teve o meo seguinte pera começar a guerra. Avida ja alguns dias que hum mouro marchante de gado dera huma bofetada no açougue da cidade, sobre referta do tomar carne, a hum Gonçalo Fernandez criado del Rei, do que se logo veo a queixar a Diogo Dazambuja, a quem respondeo que se lhe dessem outra que se calasse, que assi compria por então, ao qual na hora que lhe derão o recado de Haliadux, mandou Diogo Dazambuja, que fosse matar o Mouro que lhe dera a bofetada, e pera ajuda deste feito lhe deu hum seu criado per nome Bernaldo Vaz, e quis a ventura que acharam o Mouro na praça a porta de hum mercador, ao qual chegaram dissimuladamente, e lhe deram huma estocada, sem o poderem mais ferir, porque se baqueou dentro da casa, donde lhe logo acodiram, o que feito se recolherão a fortaleza com asaz trabalho, porque os hiam seguindo muitos mouros, de que se defendiam como valentes homens. Naquelle mesmo dia se ajuntaram ao redor da fortaleza mais de mil mouros, adargados, que com espingardas, e bestas tiravam contra os nossos, e vendo que isto nam fazia mossa, mandaram trazer bombardas, com que tirarão toda aquella noite a qual os nossos passaram todos armados, ao outro dia pela manhã depois de ouvirem

Missa, e almoçarem, cavalgou Diogo Dazambuja sobre hum cavallo ruço pombo, por ser velho, e manco de huma perna, de huma espingardada que lhe derão diante da villa Dalegrete, quando o Principe dom Ioão a cobrou dos Castelhanos, que a tomaram no começo das guerras de Castella, e posto a cavallo mandou abrir as portas quasi a horas de meo dia, e com toda a outra gente tras si, a pé sahio aos Mouros, nos quaes foi tamanho o medo, que se começaram logo de recolher pera a mesquita, resistindo o melhor que podião, dentro da qual se travou pelega com mais esforço da parte dos imigos, com tudo os nossos mataram muitos delles, e os outros desemparraram a mesquita. Os que sairão primeiro da fortaleza, e entraram na mesquita forão Lopo Barriga, e o Pimintel, que fora moço de monte del Rei. Nesta revolta se fezerão fortes alguns mouros na alcaçova da cidade, e dalli tiravam com huma bombardada grossa com que fazião muito danno a nossa fortaleza, contra a qual hum Sebastião Rodriguez bombardeiro assentou huma Sphera na praça, e quis nosso Senhor que lhe meteo hum pilouro pela boca, de que arrebentou, e matou o bombardeiro. O que assi feito, vendo os Mouros que ficaram na cidade (porque os mais se acolheram a serra de Benimegher) como a mesquita e alcoram eram ganhados, e o estrago que nelles era feito pediram paz, a qual lhe Diogo Dazambuja concedeo, e elles lhe entregaram logo as chaves de cidade, e alcaçova, e se fezeram vassallos e tributarios del Rei dom Emanuel, e a bandeira Real foi levada per toda a cidade bradando todos, assi Christãos, como mouros, Real, real por el Rei dom Emanuel de Portugal, e Haliadux, como o contam os Scriptores Arabios, se foi viver a villa de Traga, que sera de Azamor quasi trinta milhas, onde esteve

algum tempo com toda sua familia, e muitos parentes seus, e amigos que o seguirão: ate que el Rei de Fez o fez vir pera seu Regno, com toda sua casa. No castello dalcaçova pos Diogo Dazambuja por capitão hum cavalleiro natural de Portalegre, per nome João do Rego, no qual feito, allem doutras pessoas nobres, se acharão Garcia de Mello, Gonçalo Mendes Çacoto, Diogo de Miranda, Emanuel da Sylveira, Francisco Dalmeida, Francisco Dabreu seus sobrinhos, Lopo Barriga, Nuno Gato, João Dornellas, George da Maia, Leonel Dabreu, Simão da Sylva, Hector Gonçalvez feitor, e hum seu irmão, e o Pimintel: dos mouros morrerão muitos nesta peleja, e os mais delles dentro na mesquita, e dos nossos morreo hum só, que era paje de Diogo Dazambuja, de hum pelouro que veo Dalcaçova, que lhe cortou ambas pernas, por baixo dos geolhos, estando elle junto de seu senhor, a quem todos tiravam, pelo signal do cavalo ruço pombo em que andava. Acabadas estas cousas ouve algumas diferenças entré Garcia de Mello, e Diogo Dazambuja, sobela ordem que se poria no governo da cidade: no que se não podendo concertar, Garcia de Mello se veo pera o regno, ficando ahi Gonçalo Mendez Çacoto com os seus quatro navios. E logo dahi a poucos dias os mouros alarves da comarca vieram correr por tres vezes o campo, a que lhes os nossos, que então podião ser ate cincoenta de cavallo, saíram com alguns de pé, e os seguiram da primeira vez ate os azambuzeiros, onde matarão tres, dos quaes os dous derribou Lopo Barriga, e George da Maia, o terceiro, e das outras duas vezes lhe saíram tambem, em que matarão alguns delles, de que sempre coube a Lopo Barriga hum, porque como esforçado cavalleiro, em todas as cousas em que se achou, se foi sempre hum

dos primeiros. E posto que no anno de mil, e quinhentos, e oito, a cidade de Casim ficasse de todo pacifica a Coroa destes regnos, porque o principio de aos Mouros perderem começou na treição em que mataram Abdear Rahmão que foi no anno de M. D. vi. quis tomar o meo destes dous annos, que foi o de Mil, e quinhentos, e sete, pera nelle screver tudo o que se na tomada della fez, por neste tempo se tratarem todas estas cousas ca no regno, e la em Africa, porque assi me pareceo que convinha ao fio desta Historia, e boa ordem della.

CAPITULO XIX

Do nascimento do Infante dom Fernando, e das calidades da sua real pessoa.

DEPOIS que a Rainha pario o Infante dom Luis em Abrantes, dahi a alguns dias, no mesmo anno de M. D. vj, se foi a villa de Tomar, por lhe el Rei screver que alli sperasse por elle, com fundamento irem ter o verão a Coimbra, pera onde depois da vinda del Rei se partiram, quasi no fim do mes de Junho, e por rebates que ouve de peste na cidade se tornaram a Tomar, donde per respeito dos mesmos rebates se vieram outra vez Abrantes, onde a Rainha pario, aos cinco dias do mes de Julho, de M. D. vij, hum filho a que poseram nome dom Fernando, por lembrança de seus avos o Infante dom Fernando pai del Rei dom Emanuel, e dom Fernando Rei de Aragão, e de Sicilia cuja filha a Rainha donna Maria era, e de donna Isabel Rainha de Castella. Este Infante dom Fernando, assi na mocidade, como depois de ser homem foi de bom parecer, e

bem disposto, muito inclinado a letras, e dado ao estudo das Historias verdadeiras, e imigo das fabulosas, e por aver as verdadeiras trabalhava muito, do que eu sou testemunha, porque estando em Flandes, em serviço del Rei dom João terceiro seu irmão me mandou pedir todas as Chronicas que se podessem achar scriptas de mão, ou imprimidas, em qualquer lingoagem que fosse, as quaes lhe mandei todas. E por tirar a limpo as Chronicas dos Reis de Hispanha desno tempo de Noe, ate o seu, despendeo muito com homens doctos, a que dava ordenados, e tenças, e fazia outras merces, e me mandou a mi hum debuxo da arvore, e tronco de toda esta progenia, desno tempo de Noe, athe o del Rei dom Emanuel seu pai, pera lho mandar fazer de iluminura, pelo mor homem daquella arte que avia em toda Europa, per nome Simão, morador em Bruges no condado de Flandes. Na qual arvore, e outras cousas de iluminura, e nas Chronicas dispendi per sua conta huma grão somma de dinheiro. Era este Principe homem de muita opinião, muito verdadeiro no que tratava, e fallava, e que sem medo dizia a el Rei seu irmão o que lhe parecia tocar as cousas de sua honra, e serviço, tanto acerca dos negocios do governo do Regno, como de sua pessoa, e casa: era colerico, e apressado em seus negocios, e muito animoso, com mostra, e desejo de se achar em algum grande feito de guerra, mas nem o tempo, nem o estado do Regno deram pera isso lugar. Foi casado com donna Guiomar Coutinha, filha de dom Francisco Coutinho, conde de Marialva, e da Condessa de Loule sua mulher, o qual casamento se tratou, e capitulou em vida del Rei seu pai, e do Conde, mas por elle ser ainda então muito moço se não consumio o matrimonio, senão depois da morte del-

les ambos, regnando ja el Rei dom Ioão seu irmão. Deste matrimonio não ficou fructo, que herdasse huma tamanha casa, e herança, como era a que possuíam, faleceram ambos bem pouco tempo hum apos o outro, de cujo estado, e vida dirá quem screver a Chronica del Rei dom Ioão terceiro seu irmão, a qual propriamente pertencem suas exequias, assi como a esta o dia de seu nascimento, no qual me alonguei mais do necessario, com tudo quisera ter materia, e campo spaçoso pera dizer muito deste serenissimo Principe, pelo grande amor que lhe sempre tive, e desejo de o servir, pela boa vontade, e afeição com que continuamente favoreceo minhas cousas, desde idade de dez annos, ate que nosso Senhor se ouve por servido o levar deste mundo, o que não foi sem dor e tristeza dos que lhe bem queriam, e desamparo da grande, e nobre familia que mantinha de suas rendas, e patrimonio que era hum dos maiores deste regno, o da Coroa excepto, a mor parte do qual veo a mesma Coroa per direita successam.

CAPITULO XX

De como el Rei mandou dezaseis velas a India em duas capitancias, huma pera descobrir Malaca, de quatro naos de que foi por capitão Diogo Lopes de Sequeira, e outra de cinco, pera andar darmada no cabo de guardafum, e as sete pera a carga das speciarias, de que deu a capitania a George Daguiar.

POLAS novas que el Rei tinha do grão trato, e riqueza do regno e cidade de Malaca, determinou de mandar a esta provincia Diogo Lopez de Sequeira, com quatro naos, e que de caminho passasse pela ilha de S. Lourenço, por ter informação, que havia nella gengivre, e outras drogas. Com estas quatro naos partio Diogo Lopez do porto de Lisboa, aos cinco dias de Abril, do anno de Mil, e quinhentos, e oito, de que afora elle erão capitães, Hieronymo Teixeira, Gonçalo de Sousa, e Ioam Nunez, dos quaes por agora não se dira mais ate o anno de mil e quinhentos, e dez em que Diogo Lopes tornou ao regno, para juntamente contar tudo o que lhe aconteceu na viagem. A outra armada era de doze naos de que hia por capitam George Daguiar, pera com cinco dellas andar darmada no cabo de Guardafum, de que os outros capitães eram, Duarte de Lemos senhor da trofa seu sobrinho, Vasquo da Sylveira, Diogo Correa, e Pero Correa seu irman. Das outras naos eram capitaens Francisco Pereira Pestana, que hia provido da Capitania de Quiloa, Vasquo Carvalho, Alvaro Barreto, Ioam Rodriguez Pereira, Ioam Colaço, Gonçalo Mendez de Brito, e

Tristam da Sylva, que levava provisoens pera lhe o Vicerei dar duas gales, e outros navios pera se ir ajuntar no cabo de Guardafum com George Daguiar. Estas doze naos, de que George Daguiar levava a capitania ate Moçambique, e Quiloa, e dahi das cinco somente com que se havia de ir ao cabo de Guardafum, partirão de Lisboa aos nove dias do mesmo mes Dabril, e no val das egoas com tormenta se apartarão e foi tamanha que Francisco Pereira Pestana arribou a Lisboa com o masto grande quebrado, donde depois partio, aos xviiij. dias de Maio, e foi invernar as ilhas primeiras, que estão trinta legoas a ré de Moçambique, e George Daguiar arribou a ilha da madeira, com Tristam da Silva, e outras algumas naos das da sua companhia, todos destroçados: donde seguindo viagem se apartaram huns dos outros com tormenta, na costa de Guine, depois da qual na volta do cabo de boa Sperança se encontrou George Daguiar com Alvaro Barreto, e indo ambos de conserva se levantou hum temporal mui forte, com que Alvaro Barreto foi ter as ilhas a que chamam de Tristam da Cunha, sem mais ver a capitania, que como se depois soube, se perdeu naquellas ilhas. As outras naos de carga, chegaram todas a India no mes de Outubro, das quaes a derradeira, foi a Dalvaro Barreto, que em Moçambique achou Duarte de Lemos com todolos outros capitaens, que hiam dar a dar a pera o cabo de Guardafum, e lhe contou como se apartara de seu tio Iorge Daguiar e que pois ainda alli nam era, que o tinha por perdido. Com tudo Duarte de Lemos se não quis partir de Moçambique, ate não ter outra mor certeza, onde invernou, e alli soube como Francisco Pereira estava nas ilhas primeiras, e parecendolhe o que era, que lhe faltariam mantimentos, lhos mandou per hum cavalleiro, per

nome Gregorio da Quadra, que andava naquella costa por capitão de hum bargantim, o qual Francisco Pereira veo ter a Moçambique aos xj dias de Fevereiro de M. D. ix, e com sua vinda se confirmou ser perdido George Daguiar, porque dixe a Duarte de Lemos que na parajem das ilhas de Tristam da Cunha vira hum pedaço de nao, que parecia quilha, e lanças, pipas, e arcas espalhadas sobelagoa. Pelo que assentaram logo que Duarte de Lemos ficasse no lugar de seu tio, pois hia por sota capitam daquella armada, e que se fossem todos ao cabo de Guardafum, o que assi concluido Duarte de Lemos se passou a nao de Francisco Pereira Pestana, e a sua deu a Vasco da Sylveira, e Francisco Pereira se foi para Quiloa, servir a capitania de que vinha provido na nao de Antonio Ferreira, sobrinho de Pero Ferreira Fogaça, capitão de Quiloa, e lhe mandou, que ficando Francisco Pereira Pestana em Quiloa, tomasse seu tio Pero Ferreira Fogaça, e se fosse com elle a Melinde, e ahi o sperasse e de hum navio que ficara em Moçambique darmada de Vasco Gomez Dabreu deu a capitania a Francisco Pereira deberedo. O que feito se partio pera Melinde, onde teve o inverno, por lhe o tempo nam servir, o qual passado se partio aos vinte dias de Agosto do anno de Mil, e quinhentos, e nove, caminho de çacotorá, levando ja consigo sete velas, e indo de longo da costa, recolhendo as pareaes dalguns dos senhores daquellas ilhas em que teve debates, principalmente com o de Zemzibar, foi ter a cidade de Magadaxó, com tenção de a combater mas vista a força, e sitio da cidade, e mau desembarcadouro o nam fez, onde estando ancorado per ma vigia se cortou huma noite a amarra do bargantim de Gregorio da Quadra, o qual, dormindo todolos que nelle estão se esgarrou darmada,

e com a corrente que era grande, singrou tanto, que quando acordaram nam conhecerão a parajem em que eram, e ao remo estiveram pairando toda a noite, mas quando pela manhã não viram a frota se deixaram ir a ventura, ate chegarem ao cabo de Guardafum; e dalli dobrando o cabo forão ter a cidade de Zeila, junto das portas do estreito do mar de Arabia, onde os captivarão os da cidade, que são todos mouros, e os mais delles levaram em presente a el Rei de Dadem, donde depois Gregorio da Quadra veo ter a Ormuz, sendo governador Lopo Soarez Dalva-
renga, do qual Gregorio da Quadra, e das aventuras que depois passou, se dira ao diante. E tornando a Duarte de Lemos, depois que assentou com todolos capitães que se devia de desistir do combate de Magadaxó, se fez a vela caminho de Çacotorá, pera ir meter de posse da capitania da fortaleza Pero Ferreira Fogaça, e dom Afonso de Noronha ir servir de capitão da fortaleza de Cananor que entam o era da de çacotora, mas foilhe o vento tam contrairo, que sendo a vista da ilha, se fez na volta de Ormuz, onde o deixaremos estar, ate que seja tempo de dizer o que lhe nesta cidade aconteceu, e o que passou com el Rei e governadores do regno.

CAPITULO XXI

Do que Tristam da Cunha passou em sua viagem, ate chegar a Moçambique, e de como descobrio a ilha de São Lourenço pela banda de dentro e da morte de Ioam Gomez Dabreu, e sitio, fertilidade da ilha, e costumes da gente que vive nella.

ATRAS fica dito, como el Rei mandou Tristão da Cunha a India no anno de M. D. vj, por capitam de huma armada, e porque elle invernou, e não tornou ao regno se nam no anno de M. D. viij, por nam quebrar o fio as cousas que lhe aconteceram, guardei nellas a mesma ordem que tive em todas as outras armadas de que ate gora tratei. Nesta hiam debaixo da sua capitania Alvaro Telez, Lionel Coutinho, Rui Pereira Coutinho, Iob Queimado, Rui Dias Pereira alferez mor, João Gomez Dabreu, Alvaro Fernandez natural Dalvito, João da Veiga, Tristão Alvarez, e Tristão Rodriguez, que eram per todas onze velas. Alem destas mandou el Rei fazer prestes quatro naos, e huma taforea pera andarem darmada no cabo de Guardafum de que deu a capitania a Afonso Dalbuquerque e assi a successão do governo da India, depois do Vicerei dom Francisco Dalmeida acabar de servir tres annos. Das naos erão os outros capitães, Francisco de Tavora, Emanuel Telez Barreto, Antonio do Campo, e Afonso Lopez da Costa da taforea, e Afonso Dalbuquerque deu el Rei commissam, que de Moçambique ou Qui-loa, onde acharia Pero Coresma, que alli andava darmada, o levasse consigo. Estas cinco velas hia tambem por capitão Tristão da Cunha, ate fazer huma

fortaleza em Çacotorá, como levava por regimento, e de Çacotorá avia de despedir Afonso Dalbuquerque pera o cabo de Guardafum, com as seis velas, e nellas lhe avia, de properfazer ccccl. homens, o que feito deixando a fortaleza de Çacotorá provida, se avia de partir pera India, com tambem levar a successam do Vicerei, e de Afonso Dalbuquerque, se ambos falecessem estando elle la. Esta armada em que hiam mil, e trezentos soldados, partio de Lisboa a seis dias Dabril do anno ja dito, e na viagem descobriram humas ilhas despovoadas de que atras fiz menção a que poserão nome de Tristão da Cunha, e daqui foi ter a Moçambique no mes de Dezembro onde lhe foi forçado invernar, faltandolhe da frota Afonso Lopez da Costa, que entrou em Çofala, e Lionel Coutinho que passou a Quiloa, e Álvaro Telez que esgarrou ate o cabo de Guardafum, onde fez algumas presas de que ficou rico, e os que com elle hião, e dahi foi ter com Tristão da Cunha a Çacotora, e assi faltou da frota Rui Pereira Coutinho, que foi ter a ilha de São Lourenço, pela banda de dentro a huma baia, a que pos nome a fermosa, onde vierão ter com elle dezoito mancebos em huma almadia, os quaes festejou, e lhes deu algumas peças pera se cobrirem, por nam trazerem outro trajo que huns panetes de palma com que andavam encachados entre as pernas dos quaes trouxe dous consigo a Moçambique, que vierão per sua vontade, pera delles Tristão da Cunha tomar informação desta ilha, a qual elle pos nome de São Lourenço, por Rui Pereira aver vista della no dia deste Sancto, outros dizem que lho pos Diogo Lopes de Sequeira. E porque o tempo não servia pera viagem de Çacotora, e ventarem levantes, que erão bons pera ir a ilha de São Lourenço determinou Tristão da Cunha, com

parecer de Afonso Dalbuquerque e dos outros capitães, ir ver o que nella avia, pera onde partio no fim do mesmo mes de Dezembro, levando consigo Afonso Dalbuquerque, Antonio do Campo, Emanuel Telez, Francisco de Tavora, João Gomez Dabreu, Rui Pereira Coutinho, e Tristão Alvarez. As outras velas ficarão em Moçambique, salvo a Taforea de Afonso Lopes da Costa que estava em Çofala, os quaes partidos de Moçambique chegaram a ilha pola banda de dentro, com bom tempo, e porque em dous lugares a que primeiro vieram ter, chamados Çdaõ, e Lunlangane os nam quizeram receber de paz. Tristão da Cunha os destroio, posto que nos moradores delles achasse alguma resistencia. Dalli foi costeando toda a ilha pela banda de dentro, tomando alguns portos sem achar nova de nenhuma speciaría, ate chegar ao cabo della, em dia de Natal, ao qual pos o mesmo nome, sem o poder dobrar, por caso de huma grande tempestade que o alli tomou, com a qual a nao de Rui Pereira Coutinho foi dar a costa, onde elle morreo, e a mor parte da gente. O que vendo Tristão da Cunha, temendo que se dobrasse aquelle cabo que acharia tempos contrarios, fez sinal as outras naos, fazendosse na volta de Moçambique, onde chegou sem a nao de João Gomez Dabreu, que tinha ja dobrado este cabo do Natal, quando os a tormenta tomou, e cuidando que as outras naos o dobrariam, andou pairando de longo da costa, ate que se assegurou que o nam fizeram pelo que com tençam de ver se por aquella banda de fora acharia novas de speciarías, e assi pera fazer augoada, foi surgir na boca de hum rio, que sae ao mar, em huma provincia chamada Matatana, de que logo acodiram muitas almadias, com gente de terra, que lhe trouxerão peixe fresco, inhames, e canas

daçucar, Ioam Gomez mandou ao seu mestre, que sabia algaravia, e a outras lingoas de terra de negros, que entrasse so em huma daquellas almadias, pera ver se os entendia, e fizesse entrar os negros na nao pera os festejar, e lhes dar de vestir, mas elles como tiveram o mestre dentro se foram caminho da terra levando-o consigo, ao que querendo acudir Ioão Gomez Dabreu, mandou poer no batel alguns tiros d'artelharia, e com xxiiij homens seguiu per aquella banda pera onde os negros encaminharão, e sendo a mea legoa de terra tornavam ja as almadias, e como de paz se achegaram ao batel, vindo de longe capeando o mestre que trazião consigo, que não tirassem com artelharia, que eram amigos, o qual mestre elles levaram ao Senhor daquella terra, que lhe mandou dar huma cadea de prata que pesaria trinta cruzados, e manilhas, e aneis do mesmo metal, com que o tornou logo a mandar, com recado ao capitam rogandolhe que saísse em terra, pera o festejar. Ioão Gomes vendo o bom tratamento que aquelle Rei fizera ao mestre, se foi em companhia das almadias ate o lugar onde elle estava, que o veio receber a praia com muita alegria, e tangeres ao seu modo, e o levou as casas em que morava, banqueteadoo com viandas, e fruitas da terra, ate horas de vespora, a qual hora em se querendo recolher ao batel, se alevantou huma tam brava tempestade, que çarrou de todo a barra, sem poderem sair, e isto durou per espaço de quatro dias. O que vendo os que ficaram na nao, parecendolhe que Ioam Gomez Dabreu pelejara com os da terra, por lhe nam quere-rem dar o mestre, e que na peleja morreram todos, arreceandosse que dessem a costa com aquelle temporal, posto que não tivessem piloto, que tambem fora no batel, se fizeram a vela, e sendo defronte da

ilha Dangoxa, a quarenta legoas de Moçambique, encontraram o cômendador Rui Soarez que lhes deu piloto. E tornando a Ioam Gomez Dabreu; passada a tormenta se embarcou no batel, cuidando que acharia a nao, posto que a não visse no lugar onde ficara, e nisto andou alguns dias de longo da costa, com almadias que el Rei mandara com elle : mas vendo que a nao, ou devia de ser perdida com o temporal, ou ida para Moçambique, se tornou para el Rei de Matatana, que o recebeu com muito amor, consolou, e tratou sempre muito bem, e aos que com elle ficarão, o que tudo aproveitava pouco pera lhe tirar a dor, e tristeza que tinha de se ver ficar assi em terra tão estranha e do modo que ficara, do que veo adoecer, e morrer de pura paixam, com mais oito da companhia, e de dezaseis que ficaram: os treze per conselho do piloto, concertarão o batel, e com licença del Rei, que os despedio de si com muita saudade, se fizeram a vela caminho de Moçambique: E isto era ja no anno de M. D. vii. os quaes indo assi a traves da ilha Damgoxa, toparam com Lucas da Fonseca, que vinha da India com a sua caravella carregada pera Çofala, e trazia consigo Ioão Vaz Dalmada, que o Vicerei mandava pera ser feitor, depois que Emanuel Fernandez fora ter a India, como ja dixei, o qual Lucas da Fonseca os recolheu na caravella, e levou consigo a Çofala, e trouxe a Moçambique, onde ja nam acharam Tristam da Cunha, e dalli se foram perá India. E pois tenho feito duas vezes menção desta ilha de São Lourenço; a primeira quando Fernão Soarez a descobrio pela banda de fora, e esta em que Tristam da Cunha o fez pela de dentro, direi brevemente o que della pude alcançar, porque querendoo fazer per extenso, segundo sua grandeza e varios costumes de gente que

nella ha, seria necessario fazer hum grande volume, e que cumpre mais aos Scriptores, que separadamente screvem as cousas destas navegaçoens que a mi. Esta ilha a que os antigos chamão Madagascar, e nos de São Lourenço he huma das maiores que se sabe em todo o descuberto, porque tem de comprido mais de trezentas legoas, e de largo mais de cento, e vinte, em que a muitos Reis, e Senhores, os mais delles gentios, principalmente os que vivem no sertam da ilha porque os que habitão na costa do mar, os mais são mouros, tem todos quantas molheres querem, e são negros, e baços, de cabelo rebolto, e ricos andam cubertos com panos dalgodam, e os pobres nus sem mais roupa, que a com que cobrem suas vergonhas. He muito viçosa darvoredos, fontes, abastada de caças, carnes, pescados, e frutas de palmeiras, e doutros generos, e muita, e boa despinho, e assi de arroz, milho, inhames, canas daçucar, e gengivre, que comem verde, sem o secarem, nem o tem por mercadoria, a nella muitas minas de prata a qual elles apurão mal, e por isso a usam de muito baixa lei, em cadeias, aneis, e outras joias, dizem que ahi minas douro, e outros metaes de que se não logram por os não saberem tirar, a gente he boa, simprez e conversavel, nam navegam nem tem disso o uso, tem almadias em que pescam, e andam de longo da costa a remo de huns lugares aos outros, usam azagaias muito delgadas guarnecidas de ferro com que tirão darremesso, isto era o antigo desta ilha quando aos nossos descobrirão, e foi depois por alguns annos, mas jagora são mais polidos, e astutos no modo de pelear e tratar do que o dantes erão.

CAPITULO XXII

De como Tristam da Cunha partio de Moçambique perá ilha de Çacotora, e de caminho destroyo as cidades de Hoja, e Brava, e do citio da ilha, e costumes dos naturaes della.

EM Moçambique achou Tristão da Cunha João da Nova, que partira da India pera o regno no anno passado de M. D. vj, como atras fica dito, o qual do cabo da boa Sperança arribou as ilhas de Angoxa, por lhe a nao fazer muita agoa, e dahi foi ter a Moçambique, onde Tristão da Cunha comprou huma nao darmadores a Andre Diaz, que depois foi alcaide de Lisboa, e hia por feitor della, e a carga da nao de João da Nova mandou mudar nesta, de que deu a capitania a Antonio de Saldanha, pera se nella tornar ao regno, e em sua companhia mandou huma nao de Fernam de Noronha, de que era capitão Diogo Mendez Correa, e João da Nova por ser muito amigo, e compadre de Tristão da Cunha a seu rogo ficou pera se ir com Afonso Dalbuquerque a andar darmada no cabo de Guardafum na sua nao, por ser grande que se logo pera isso concertou. Isto acabado, que era ja no mes de Fevereiro de M. D. vij. Tristam da Cunha se partio pera Quiloa, e dahi foi ter a Melinde, onde se vio com el Rei, e lhe deu hum presente que lhe mandava a el Rei dom Emanuel, e entrego i hum Portugues per nome Fernão Gomez o sardo, e hum mourisco Christão, per nome João Sanchez, e hum mouro de Tunes per nome Cide Mafamede, que el Rei mandava ao Emperador do Abexi, com cartas, e recados, os

quaes el Rei de Melinde tomou a seu cargo, pera lhes dar todo bom aviamento necessario. Dalli fez Tristam da Cunha vela pera cidade de Hoja, que he vinte legoas de Melinde, a qual, por estar de guerra com el Rei de Melinde, e se querer defender dos nossos, Tristam da Cunha distroio, e mandou saquear, e queimar, sem lhe ferirem, nem matarem pessoa nenhuma, pela pouca resistencia que achou nos Mouros, por a cidade ser rasa, e pouco defensavel, da qual entre outros que morrerão foi hum o Xeque della. Isto Acabado se foi a cidade de Lamo adiante desta quinze legoas, que achou de paz, e se fez tributaria aos Reis de Portugal com seiscentos meticaes douro cadão, de que logo o Xeque pagou o primeiro, em Marcellos de prata, moeda Venezeana. Dalli foi lançar ancora diante da de Brava, que he desta lxx legoas, cercada de muro com sua cava, e casas altas de sobrados, e terrados de pedra, e cal muito rica, por caso do grande trato que nella a, onde em chegando mandou Lionel Coutinho a terra oferecer a os governadores della paz, que elles derão mostra quererem acceptar, dilatando o tempo com speranza que sobreviesse hum temporal, a que elles chamão, a vara de Choromandel, que vem tam bravo, e tam de subito que faz çoçobrar quantas naos acha naquella costa. O que sabendo Tristão da Cunha, sem mais dilação a foi cometar, levando Afonso Dalbuquerque a dianteira, acompanhado de Lionel Coutinho, Rui Diaz Pereira, Francisco de Tavora, dom Afonso de Noronha, dom Antonio de Noronha seu irmão, Emanuel de Lacerda, dom Hieronymo de Lima, dom João de Lima irmãos, Antonio de Miranda Dazevedo e outros cavalleiros, e fidalgos, que eram per todos quatrocentos, e com seis centos seguia Tristão da Cunha na guarda, os quaes todos che-

garão a praia no romper dalva, na qual, posto que o desembarcadouro fosse perigoso, sairão a pesar dos imigos, que lho defendiam mui animosamente, porque como se depois soube, na cidade avia mais de quatro mil homens de peleja, e entre elles muitos mui esforçados, dos quaes os dous mil saíram a defender a praia, que os nossos levaram recuando ate as portas da cidade pera onde se recolhião com muito tento ate chegarem a ellas, e as fecharem sobre si, pelo que os nossos se começaram despallar de longo da cava, pera verem se achavão alguma outra entrada, onde, por nella haver muita area solta, cahião huns sobelos outros sem se poderem valer dos tiros darremesso que lhes lançavão do muro, porque ate com cortiços, cheos dabelhas lhe tiravam, mas andando assi neste trabalho, vieram a dar em hum lanço de muro baixo, e fraco, pelo qual logo entrou Afonso Dalbuquerque, que hia na dianteira com toda sua companhia, e estando ja na primeira rua dentre o muro, e as casas, acodirão muitos mouros com que se travou huma brava pelleja per bom espaço, ao que Tristão da Cunha, acodio, com a bandeira Real, com cujo favor os mouros se recolheram pera dentro da cidade, da qual os nossos os lançarão pera banda do sertam com muito trabalho, do que não satisfeitos, querendo ainda seguir o alcance, Tristão da Cunha lho defendeo, e mandou logo fechar totalas portas da cidade, que hião perá quella banda, porque as da praia estavam seguras com a gente que ficara nos bates. O que feito mandou saquear a cidade, em que se achou mui rico despojo douro, prata, pedraria, panos de seda, algodam, marfim, ambar, e muitos cheiros, e speciarias, e de todo genero de mercadorias e foi tanto que se não pode recolher em totalas naos da frota. Na cidade ficaram muitos mouros, e mou-

ras por não poderem fugir, que todos captivarão, e a muitos delles deu Tristão da Cunha liberdade, e dos que ficarão captivos tomou cada hum os que quis. Foi tanta a crueza da gente baixa, que a mais de oitocentas mulheres vivas cortarão as mãos pera mais depressa lhe tomarem as manilhas douro, e prata que trazião nos braços, e o mesmo lhes fazião as orelhas per amor das arrecadas. O que sabendo Tristão da Cunha mandou apregoar sobre grave penna que ninguem fizesse mais. Despojada a cidade, Tristão da Cunha lhe mandou poer o fogo, de que ardeo toda a vista dos nossos, e dos moradores della, que dos palmares o estavam vendo, com aquella tristeza, que devem ter aquelles que em hum instante se virão ricos, fartos, abastados, e no mesmo destroidos, e pobres, com perda de seus pais, mãis, filhos, parentes, e amigos. Soubese depois que os que morreram na cidade aferro passaram de mil, e quinhentos, dos nossos foram muitos feridos, e morreram mais de cincoenta, afora xvij que se perderam em hum batel que hia carregado do melhor despojo pera nao de Tristão da Cunha, mas o batel se salvou. Avida esta vitoria, Tristão da Cunha, posto que se ja achara em outros feitos de guerra, em louvor do Apostolo Santiago, quis que o armasse cavalleiro Afonso Dalbuquerque, de cuja ordem era cõmendador, o que se fez na mesquita, onde o dantes ferirão de huma frechada em hum pe, e assi armou Nuno da Cunha filho do mesmo Tristão da Cunha, depois de ser cavalleiro armou Rui Dias Pereira, e outras pessoas que o naquelle combate tinham bem merecido. Os que se acharão neste feito, afora os capitães da frota foram, dom João de Lima, e dom Hieronymo seu irmão, Emanuel de Lacerda, e Fernão Pereira seu irmão João Rodriguez Pereira, e

Duarfe Pereira seu irmão, Gil Barreto, e Diogo de Magalhães irmãos, dom Emanuel Pereira, Pero Dalbuquerque, Simão Dandrade, Antonio de Miranda Dazevedo, Pero de Sousa Dazevedo, Sebastião Dabreu, Anrique Moniz, dom João Anriquez, Francisco de Bovadilha, Aires de Sousa Chichorro, Fernam Gomez de Lemos, Antonio da Silva de Soure, Alvaro de Moura, dom Afonso de Noronha, e dom Antonio de Noronha seu irmão. Deste lugar de Brava se foi Tristão da Cunha a cidade de Magadaxó habitada de Mouros, que he huma das mores, e mais ricas de toda aquella costa, xvij. legoas de Brava, em que a grande trato de mercadorias da India, Persia, Guzarate do mar de Arabia, e doutras partes, e pera ver se queriam os moradores della paz, mandou diante Lionel Coutinho darlhes de sua parte o recado: mas elles o tomaram mal, porque a hum captivo dos de Brava que lançou em terra, pera lhes dizer ao que vinha, fizeram diante delle em pedaços, per mandado de muitos homens de cavallo acubertados, que andavão passeando na praia, e do batel ouviu Lionel Coutinho dizer que se saísse em terra lhe fariam o mesmo, e vio muita gente pellas ameas dos muros, e ao redor delles, com as quaes novas se tornou a Tristão da Cunha, que defeito quisera combater esta cidade, se lhe os pilotos nam requererão que o não fizesse, porque de todo selhe passava o tempo de ir a Çocotorá, pelo que desistio de o fazer, e mandou poer o rosto na ilha, onde chegou no mes Dabril, do sobredito anno de M. D. vii. do sitio da qual ilha, e dos costumes da gente della, entretanto que Tristam da Cunha lança ancora, e sae em terra direi summariamente o que me parecer necessario. Os Scriptores antigos lhe chamão Dyoscorides, he montanhosa, e

abastada de criaçoens de gado, e de pescados, he fresca de muitas agoas, e mantimentos, a nella muitas palmeiras, e maceiras danafega, de que se faz tavoado pera naos, e casas, e outras arvores de fruto, e dagroeiros, e assi o aloes çacotorino, que por aver ahi muito, e mui bom tomou o nome da ilha, e assi levam della muito ambar que se colhe no mar. A gente he baça, tem lingoa sobre si, andam nus, assi homens como mulheres, não cobrem do corpo mais que as partes vergonhosas com pannos dalgado: São Christãos, tem egrejas, e altares com cruces arvoradas nelles, e pintadas nas paredes, sem outras nenhumaes imagens, jejuão a Quaresma, e o Advento, sem comerem carne, nem pescado, nem tem mais que hum mulher, e guardão as festas principaes do anno, assi como o nos fazemos, e no mesmo tempo, e assi as dos Apostolos, e pagam dizimos as egrejas de que se repairão, e entretem os sacerdotes, e dizem que o Apostolo S. Thome foi o que alli pregou a Fé de nosso Senhor IESU Christo do que ja fiz atras menção chamãose todos dos nomes dos Apostolos, e as molheres pela maior parte Marias, Isabeis, e Annas. Não navegão pera parte nenhuma, ou por nam terem disso necessidade, e se contentarem do que lhes aquelle torram de terra dá, ou de ociosidade, e perguiça, porque o sam tanto, que as molheres tem cargo de aproveitar a fazenda, e fazer os officios a que os homens sam obrigados, e por serem tão fracos, e pera poucc, consentirão que mandasse alli fazer el Rei de Caxem, (que he na provincia da Fartaque) hum fortaleza, em hum ponta da ilha, a que chamam çoto, em que neste tempo estava por capitão hum filho do mesmo Rei, per nome Coje Abrahem, que tinha toda a ilha sugeita, e tributaria, e se chamavam vassalos dos Reis de Caxem, de quem

por serem Christãos, e elles mouros, erão tão maltratados, e tyranizados, como se forão captivos.

CAPITULO XXIII

De como Tristam da Cunha tomou per combate a fortaleza que el Rei de Caxem tinha na ilha de Çacotorá, e de que ahi mais fez ate partir pera a India.

A FORTALEZA que el Rei de Caxem tinha na ilha de Çacotorá, posto que fosse pequena era mui bem edificada, com suas cavas, torres, cubellos, torre de menajem, e dalcaide, situada em terra chã, na fralda de hum monte junto da povoação dos çacotorins, e a tiro de besta do porto do mar, que se chama Benij, no lugar do çoto. A este chegou Tristão da Cunha no mes Dabril, donde logo mandou dizer ao capitão da fortaleza, que elle era vindo aquella ilha de Christãos, per mandado del Rei de Portugal seu senhor, pera os librar da sugeição em que os elle tinha, que lhe quizesse deixar aquella fortaleza, o que fazendolhe daria embarcaçam pera sua terra, ou que seria necessario combatello, e lança-lo della por força, ao que respondeo: que elle estava alli por mandado del Rei de Caxem seu pai, que se delle trazia provisoens pera lha entregar o faria, mas que se vinha sem ellas, tivesse por certo que pola ponta da lança se avia daveriguar o negocio. Tristão da Cunha tanto que lançou em terra o lingoa per que mandou este recado, se foi no seu batel com Lionel Coutinho, e Rui Diaz Pereira sondar o desembarcadouro, onde fizeram al-

guma detença, o que vendo Coje Abraham, porque aquelle era o melhor lugar pera os nossos desembarcarem de quantos avia apar da fortaleza, mandou logo naquella noite fazer huma estancia antre hum palmar junto da praia, em que pos quarenta soldados pera a defenderem. Tornando Tristão da Cunha as naos, assentou com todolos capitaens que dessem na fortaleza em rompendo a alva, pera o que se aperceberão toda aquella noite, e antemanhã se embarcarão nos bateis, levando Tristam da Cunha a dianteira; com Lionel Coutinho, Rui Diaz Pereira, Ioam da Nova, Iob Queimado, e outros dous capitães, cada hum em seu batel: Afonso Dalbuquerque hia no seu esquife na reguarda e com elle cada hum em seu batel, Francisco de Tavora, Emanuel Telez Barreto, Antonio do Campo, Afonso Lopes da Costa, e dom Afonso de Noronha no batel de Afonso de Albuquerque, com quarenta espingardeiros, artelharia, e outras munições, pera combater a fortaleza, os quaes fazendo todos a voga assi como estava ordenado, vio Afonso Dalbuquerque, no romper dalva, que no desembarcadouro defronte donde estava a frota surta, que era o mais perto da fortaleza, nam rolava o mar, como o fezera todo o dia dantes, do que tomando occasião, mesturado com desejo, e cobiça de ser o primeiro que chegasse a ella: mandou remar a terra onde desembarcou a sua vontade. Tristão da Cunha, que hia diante sem ver isto, encaminhou pera o porto do palmar, ao qual antes que chegasse era ja dia claro, e como o capitão da fortaleza tivesse o olho pera aquella banda, e o visse fazer rosto pera lá, acudio aos quarenta soldados que tinha na estancia, pera a defender: mas encaminhando pera o palmar, vio a gente que hia nos bateis de Afonso Dalbuquerque andar em terra, do que posto

em duvida a qual das partes socorreria, determinou fazello aquella, onde foi cometer os nossos sem nenhum medo, com hum esquadrão de fartaques, bem armados, e elle vestido, de hum laudel de laminas cuberto de setim cremesim, com huma cellada dourada na cabeça, e no braço huma muito boa adarga, com huma espada cengida, lavrada de tauxia douro, e prata, e na mão huma azagaia. Dom Afonso de Noronha como pessoa a que mais parecia pertencer o encontrarse com o capitam Coje Abraham, em cujo lugar avia de succeder, se adiantou de todos, com os quarenta espingardeiros, que levava, e outras pessoas que o seguirão e foi cometer os imigos antes de chegarem a praia, que com os tiros da espingardaria se começaram a retraer. O que vendo o capitão Coje Abraham, antes que de todo se desordenassem os seus, sepos nas costas delles, com oitenta frecheiros, e assi se hia recolhendo em boa ordem, dando sinaes de mui esforçado cavalleiro, ate chegar a tiro de pedra da fortaleza, onde com sos oito fartaques fez rosto aos nossos, pera os deter, e dar lugar aos seus que entrassem pera dentro. Dom Afonso da Noronha que hia diante, teve tempo para mais a sua vontade lhe poder chegar, mas o esforço de dom Afonso de Noronha nam espantou o capitam Coje Abraham porque com o mesmo se achegou pera elle, e com igual vontade se começaram a ferir, mas como os fartaques fossem de vencida, ficou o seu capitam so com os oito que com elle fizeram rosto, cercados da nossa gente, onde todos morrerão como mui esforçados cavalleiros de que derão sinal no sangue que derramarão dos nossos, posto que naquelle recontro nam morresse nenhum. Em quanto esta peleja durou sahio Tristam da Cunha em terra na baia que fora tomar, onde achou alguma resistencia nos que guar-

davam a estancia, com tudo elle desembarcou, posto que fosse com mortos, e feridos de huma e da outra parte, seguindo depois de terem ganhada a praia, os fartaques, ate a fortaleza a porta da qual elles acharão os seus revoltos com os da companhia de Afonso Dalbuquerque, onde se renovou a peleja, mas em fim dos fartaques os que poderão se recolheram dentro e fecharam a porta aos outros, que apertados dos nossos fugiram pera o palmar, e dahi pera dentro da ilha, os quaes Tristam da Cunha nam quis seguir, por lhe parecer muito necessario ficar logo a fortaleza cercada, que a victoria, nem despojo que se daquelles podia aver, mandando logo cometer as portas, mas os fartaques lançavam de cima das goritas muitas pedras, e catos, dos quaes hum tocou Afonso Dalbuquerque que o tez cair atardoado, e esteve hum pouco sem fala. Pelo que, e vendo Tristão da Cunha que aproveitavam os nossos pouco em se chegarem ao muro, pelos muitos que derriba feriam, mandou que se afastassem, e trouxessem hum tiro dartelharia, e as escadas que vieram no batel de Afonso Dalbuquerque, pera com o tiro racharem as portas, e com as escadas sobirem se fosse necessario. Os fartaques depois que viram que o tiro lhes espedaçava as portas, e que não podião defender a entrada, por não serem mais que obra de trinta os que se recolheram a fortaleza, que os outros todos morreram no campo, ou fugiram pera o palmar, desemparrando as goritas, se recolheram perá torre da menagem, o que vendo os nossos, porque as portas nam erão ainda de todo quebradas, poserão as escadas ao muro, per onde o primeiro, que sobio, foi Gaspar Diaz Dalcacer do Sal, alferez de Afonso Dalbuquerque, e logo Nuno Vaz de Castel branco, e tras este sobio Iob Queimado com seu guiam, e apos elles alguns outros, e porque

nam podiam sobir tantos, dom Afonso de Noronha, e seu irmão dom Antonio de Noronha, Emanuel Telez Barreto, e dom Hieronimo de Lima, chegaram as portas, e com machados as acabaram de desfazer per onde logo entrou toda a gente sem nenhum perigo. Dom Afonso de Noronha, com dom Antonio seu irmão, James Teixeira, Nuno Vaz de Castel branco, e outros correram a porta da torre da menagem que estava junto da do alcaide, que ganharam com muito trabalho, por os fartaques a defenderem de riba com tiros darremesso, mas em fim a entraram, e o primeiro foi dom Antonio de Noronha, ao qual se Afonso Dalbuquerque seu tio, não lançara huma adarga sobello pesçoço, em querendo entrar, hum fartaque lhe levara de golpe despada a cabeça fora dos hombros. Entrada esta torre os fartaques se recolheram pera a do alcaide, que se servia com esta, per huma escada cuberta daboboda, fechando a porta sobre si, que era mui forte, e pequena, no qual instante chegou Tristam da Cunha, com Nuno da Cunha seu filho, e outros, que com machados mandou quebrar a porta, mas nem por isso deixavam os fartaques de fazer o officio de valentes homens, porque assi como se na porta fazia alguma fenda, assi metiam elles as espadas, e azagaias por ellas, com que feriram alguns dos nossos, e a outros que se punham diante destes pera os defender atassalharão as adargas ate os braçais, das quaes forão as de George Barreto, e Ioam Fernandez ayo de Nuno da Cunha. Vendo Tristam da Cunha, e Afonso Dalbuquerque o esforço destes homens, doendosse da morte de tão bons cavalleiros, lhe fizeram dizer per hum lingoa, que lhes dariam as vidas, e liberdade pera se irem per sua terra se se quisessem dar o que nam quizerão fazer, pelo que a torre foi logo cometida, assi

pela porta, como pelo terrado, per buracos que se nelle fizeram, e os fartaques entrados, e mortos todos, sem ficar mais que hum só, que era piloto, per nome Omar, de que se Afonso Dalbuquerque depois servio na costa de Arabia, em que era pratico. Este combate das duas torres, durou das seis horas da manhã, ate meo dia, em que morrerão dos nossos, oito dos quaes hum foi Ioam Freire paje de Tristam da Cunha, e foram muitos feridos. Na fortaleza se achou pouco despojo, por os que nella estavam serem todos fronteiros, o mais que nella avia eram mantimentos, e armas, artelharia nenhuma, porque se a ouvera, não se tomara tam facilmente. O que feito Tristam da Cunha mandou dizer aos da povoaçam, que com elles nam queria senam paz, e amizade, como com Christãos, de que foram mui ledos, e a algumas mulheres desta ilha, que eram casadas com os mouros, por serem Christãs, deu liberdade, e logo ao outro dia mandou sagrar a mesquita, e dizer nella Missa, o qual officio fizeram, frei Antonio de Loureiro da ordem de sam Francisco, e outros religiosos, e clerigos que hião na frota, e lhe pos o nome da advocaçam de nossa Senhora da Victoria. Acabadas estas, e outras cousas, Tristão da Cunha entregou a capitania da fortaleza (a que pos nome de Sam Miguel) a dom Afonso de Noronha, que della hia provido, e por alcaide mor Fernam Iacome de Tomar, cunhado do mesmo dom Afonso, e por feitor Pero Vaz Dorta, e Gaspar Machado, e Francisco Saraiva. por scrivães: Todo o mais tempo que alli estiveram, elle, e Afonso Dalbuquerque entenderão na obra da fortaleza, que se fez quasi toda de novo, e assi na ordem e governo da ilha, pera terem assossegados os Çacotorins os quaes neste tempo que ahi esteve a frota, induzidos pelos farta-

ques que escaparam, e mouros que avia na terra se revoltaram per algumas vezes, per occasioens causadas mais pelos nossos que não per culpa que os da terra tivessem. O que pacificado, Tristam da Cunha se partio perá India a dez dias do mes Dagosto, e chegou a Cananor aos xxvij. do dito mes de Mil, e quinhentos, e sete, estando a nossa fortaleza cercada, com cuja vinda se fizeram as pazes, como atras fica dito, e dalli se fez a vela pera Cochim, onde foi bem recebido do Vicerei dom Francisco Dalmeida a quem posto que por suas provisoens fosse isento, pedio que tornasse a cargo o mando da gente darmas, de cujas desordens ja vinha enfadado, o que lhe o Vicerei agradeceo, começando logo dentender em tudo o que cumpria ao despacho das naos, que aquelle anno avião de tornar perá o regno.

CAPITULO XXIV

De como se Tristão da Cunha achou em huma peleja que o Vicerei teve no lugar de Panane, e se partio pera o Regno.

DEPOIS da chegada de Tristam da Cunha a Cochim, mandou o Vicerei dom Francisco Dalmeida poer diligencia nas cousas que cumpriam a carga das naos que aviam de tornar pera o regno, no que andando occupado, soube que no porto de Panane, xiiij. legoas de Cochim, estavam naos de mouros, de Calecut, e de Meca, tomando carga despeciarias, e que pera as poer em salvo tinha el Rei de Calecut muitos paraos prestes, e por capitão delles Cutiale, hum muito esforçado cavalleiro, e prati-

co nas cousas do mar, o que sabido determinou de ir cometer esta companhia dentro no porto, pera o que se lhe Tristam da Cunha offereceo. Assi que carregadas as naos que aviam de tornar com elle ao regno, que eram cinco, e prestes a armada, com que o Vicerei hia cometer a que estava em Panane se fizeram todos a vela, aos xxiiij dias do mes de Novembro, de M. D. vij. Os capitães que levava o Vicerei, eram, seu filho dom Lourenço, Pero Barreto de Magalhães, Francisco Danhaia, Duarte de Mello, Paio de Sousa, Antonio Lobo Teixeira, Pero Cão, Lucas Dafonseca, Lopo Chanoca, Diogo Pirez, Simão Martinz, e Philipe Rodriguez. Nesta frota, e nas naos de carga irião setecentos Portuguezes, afora alguns Naires de Cochim com a qual o Vicerei chegou diante do porto de Panane huma tarde, dous dias depois que partio de Cochim, e por alguns pescadores Malabares, que tomou, soube que as naos de carga estavão ainda varadas pelo rio arriba, na boca do qual de cada banda Cutiale fezera huma estancia em que tinha artelharia, e muita gente pera as defender, e o mesmo fezera na villa, e que a carga que avião de levar tinham ainda em terra, o que sabido pelo Vicerei, e com em Cochim ter ja aviso, que tinha Cutiale mais de quatro mil soldados Mouros, e Naires, determinou de os ir cometer, sobelo que teve conselho na gale de Diogo Pirez, em que elle hias onde foi assentado por todos que o negocio se comettesse na ordem seguinte. Que Pero Barreto de Magalhães fosse diante, com trinta homens, no seu batel pelo rio acima, ate onde as naos estavam varadas, e Diogo Pirez com outros tantos fosse em outro batel desembarcar defronte de huma das estancias que estavão na boca do rio, que era a mais perigosa, por nella aver muita artelharia, e que logo apos es-

tes dous capitães fossem dom Lourenço, e Nuno da Cunha, cada hum em seu batel, a quem seguiram todos outros capitães da frota, e tras elles o Vicerei, e Tristão da Cunha, cada hum em sua gale, na qual ordem no romper dalva abalaram, e foram todos pelo rio arriba, salvo as gales, que por lhes não servir a mare e nam aver fundo ficarão na boca do rio. Nesta entrada forão os que hião nos bateis bem servidos de tiros dartelharia e lanças de fogo, com tudo Pero Barreto de Magalhães chegou ao lugar em que as naos estavam varadas, onde dentro nagoa o vieram cometer trinta mouros com as cabeças, e barbas rapadas, que he sinal que elles tomão com juramento de morrerem no feito que emprendem, sem se deixarem captivar, dos quaes nesta conjuraçam se soube depois que ouve muitos, de que a mor parte erão os senhorios, e capitães daquellas naos, e mercatores que nellas aviam de ir com suas fazendas, de que os mais delles morreram. Com estes mouros teve Pero Barreto de Magalhães huma brava peleja, em que lhe feriram muitos, e morreo hum cavalleiro, per nome Gil casado, e outros dous Portugueses. Diogo Pirez chegou com muito perigo (por caso da artelharia com que lhe tiraram) ao lugar a que o mandaram, em que achou muita resistencia, assi destes mouros rapados, como tambem dos da capitania de Cutiale, com os quaes começando de travar, chegou dom Lourenço, e os da sua capitania, que per sua força tomaram terra, na qual muitos saltaram dos bateis ja feridos de frechadas, que erão tantas que encobriam o Sol. Donde depois de todos serem desembarcados, as espingardadas, e botes de lança faziam retraer os imigos, no qual alcance matou dom Lourenço seis com huma alabarda, de que sabia bem jugar, e foi ferido no colo do braço da banda de

dentro, per hum capitão dos Rapados, que o assina-
damente veo cometer conhecendo pelos sinaes por-
que era o mor homem Portugues que naquelle tem-
po avia na India, e o mais gentil homem, e melhor
disposto. Nuno da Cunha, como estava ordenado,
passou adiante na esteira de Pero Barreto com os da
sua compunhia (que eram os capitães das naos que
vinhão pera o regno) com cuja ajuda os Mouros Ra-
pados acabaram seus dias, e se pos fogo as naos o
qual se ateou de sorte que arderão dezoito dellas,
por estarem varadas juntas humas das outras. An-
dandado assi travada a pelleja, deu a maré lugar as
duas gales pera chegarem a força do combate, onde
o Vicerei deceo em terra, com a bandeira Real,
acompanhada da sua gente, e da de Tristão da Cu-
nha, que por andar mal disposto ficou na gale, com
cuja chegada forão os mouros, e Naires de todo des-
baratados, seguindolhe o Vicerei o alcance ate a vil-
la, por onde fez virar os que se a ella acolherão, e
lhe mandou poer o fogo, de que ardeo toda, com
muitas especiarias, e outras muitas mercadorias, que
alli estavam pera a carga das naos de Meca, do que
foi tachado, por mandar queimar huma villa, em que
entam avia tanta riqueza, sem dar lugar aos solda-
dos pera a saquearem, o que elle fez como prudente
porque se se começarão dembaraçar no despojo de
tanta riqueza sabia certo o desmando que nisso avia
daver, e muito mais certo, que dentro de tres horas,
se podião ajuntar os Naires del Rei de Calecut, que
sam muitos, dos quaes se podera mal defender. Nes-
ta peleja morrerão dezoito dos nossos, e forão mui-
tos feridos, entre os quaes foi dom Lourenço, Nuno
da Cunha, Fernam Perez Dandrade, Pero Barreto,
Paio de Sousa, George Fogaça. Dos imigos morreram
mais de trezentos, afora muitos feridos. O Vicerei

depois que o fogo se ateou de todo na villa, se recolheu a praia, onde armou muitos cavalleiros, entre os quaes foi Luis Vuartman Bolonhes, de que atras falei, que se veo com Tristam da Cunha a este regno, e screve esta batalha no seu Itenerario. O que acabado o Vicerei mandou logo recolher toda a artelharia que os imigos tinham nas estancias, e no mesmo dia se embarcou, e se veo a Cananor, pera despedir Tristão da Cunha, com as cinco naos, a que so faltava a carga do gengivre, donde se partio aos sete dias do mes de Dezembro de mil, e quinhentos, e sete, e veo ter a Moçambique a nove de Janeiro de mil, e quinhentos, e oito. E dalli se fez a vela pera o regno, onde chegou a salvamento, no mes de Julho do mesmo anno de mil, e quinhentos, e oito, sem Iob Queimado, nem Ioam da Veiga, e a causa de não virem com elle, foi nam chegarem a Moçambique se nam depois d'elle partido, no qual porto passaram o Inverno, e chegaram ambos a Lisboa no anno de mil, e quinhentos, e nove, Ioam da Veiga com sua carga, e Iob Queimado sem ella, porque o roubou hum cosairo Francez a que chamavão Mondragon.

CAPITULO XXV

Do como o Vicerei dom Francisco Dalmeida mandou dom Lourenço seu filho dar armada a dar guarda a algumas naos de Cochim, e do que passou no caminho ate chegar a Chaul, onde pelejou com Mirhocem capitão de huma armada do Soldão de Babilonia.

DEPOIS que o Vicerei despachou as naos que tornarão pera o regno com Tristam da Cunha, logo no mes de Janeiro de Mil, e quinhentos, e oito, mandou dom Lourenço seu filho em guarda dalgumas naos de Cochim ate Chaul, com oito velas entre naos, caravellas, e gales, de que erão capitães, elle de huma, e das outras Pero Barreto de Magalhães, Antonio Lobo Teixeira, Duarte de Mello, Gonçalo Pereira, Francisco Danhaia, Paio de Sousa, e Diogo Pirez aio de dom Lourenço, no qual caminho entrarão em alguns portos onde queimarão, e roubaram, as mais das naos de mouros que nelle estavam ate chegarem a Dabul, onde depois de dom Lourenço estar ancorado no porto, com tenção de fazer todo o dano que podesse aos da cidade, pelo mau trato que alli dera o capitão Maimame del Rei de Calecut, as naos de Cochim, como fica dito, lhe vieram fallar dous Iudeus da parte dos senhorios das naos que alli estavam, mandandolhe pedir, que por respeito dos da cidade, lhe não quisesse fazer mal, e que por isso lhe resgatariam as naos pelo preço que parecesse honesto, o que por conselho dos capitães lhes concedeo, e recebido o resgate se partio pera Chaul, no qual porto esteve esperando perto de hum

mes pelas naos de Cochim que com elle forão, que serirão vinte, ate acabarem de tomar carga, pera as tornar a levar consigo: no qual tempo foi avisado pelos da terra que em Dio estava huma armada de Rumes, que o Soldam de Babilonia mandava a India a petição del Rei de Calecut, e del Rei de Cambaia com opiniam de com ajuda destes dous Reis lançar della os Portugueses, e destruir todolos que eram de sua parte, do que foi tambem certificado per cartas de seu pai, per Pero Cão, a que mandou que com a sua nao ficasse em companhia de dom Lourenço, o que sabido se fez logo prestes, para ir buscar esta armada a Dio, que he dalli obra de sessenta legoas. No que andando ocupado, chegarão os Rumes ao porto de Chaul, com toda sua armada junta, em boa ordem de que era capitão hum Mamaluco criado do Soldam, per nome Mirhocem, natural da provincia de Cordistã, debaixo de cuja capitania vinhão seis gales, hum galeam, e quatro naos grossas. Allem destas o acompanhavão trinta, e quatro fustas debaixo da bandeira de Miliquias capitão, e governador da cidade de Dio, por el Rei de Cambaia, todas muito artilhadas, e bem esquipas, e as velas do Soldão daventajem, porque traziam muita, e grossa artelharia de bronço, e boa gente deguerra, em que entravão alguns Christãos Levantiscos, e Italianos, os mais delles homens do mar. Chegada toda esta frota a barra de Chaul, as gales, e fustas vinham de longo da costa, a sombra da terra, e o galeam, e quatro naos de largo, a vista dos que estavão na cidade, pelo que cuidaram os nossos que era Afonso Dalbuque, que cada dia speravam na India, Dormuz, onde andava darmada, como se ao diante dira. Pelo que descuidados dom Lourenço, e os outros capitaens, se deixaram estar sem se desamarrarem, mas Mirhocem

sem nenhum medo, nem receo, entrou pelo rio com as suas naos, e gales toldadas, e embandeiradas de bandeiras brancas, e vermelhas, com divisas de luas pretas, que em prolongando pelas nossas naos as salvou com muitas bombardadas, espingardadas e frecha, indo lançar ancora junto da cidade, arriba donde ellas estavam surtas, com tudo não passarão, sem lhes das nossas naos responderem com a mesma musica com que feriram, e matarão alguns delles, e dos nossos feriram bem trinta na nao de dom Lourenço, e quasi outros tantos nas de Pero Barreto, e assi em totalas outras, e mataram Rui Pereira homem nobre, que era capitão do conves da nao de Duarte de Mello. Das gales dos Rumes não receberão os nossos nenhum damno, nem ellas menos, porque passarão de longo da terra pela outra banda do rio pera se lançarem junto donde as suas naos estavam surtas. Mas Miliquias, ou por não ter totalas fustas da sua capitania juntas, ou per algum outro respeito, não quis entrar no rio aquelle dia. Ancorada assi a frota dos imigos, com quanto dom Lourenço tinha muitos eridos em totalas naos determinou de logo abalroar o galeam de Mirhocem com a sua nao, e a de Pero Barreto, dando ordem aos outros capitães, como cadahum avia dabalrroar as outras naos, e gales, pera o que logo mandaram alevantar as ancoras, o que vendo Mirhocem, receoso de pelejar sem Miliquiaz, que ainda nam entrara, mandou das gales tirar aos esquifes, que andavam levando as ancoras, de que do primeiro tiro arrombarão o de dom Lourenço, pelo que se desistio do negocio aquelle dia, nem as outras naos quiserão levar ancora, vendo que a de dom Lourenço o nam podia fazer, o qual e assi os outros capitaens que se tinham por afrontados de Mirhocem passar por elles, do modo que passou toda a

noite trabalharam pera em amanhecendo o irem abalrroar, mas por lhe o vento ser escasso nam pode dom Lourenço, que hia diante aferrar a nao de Mirhocem como levava determinado, com tudo lançaram elle, e Pero Barerto ancora tam perto della, que se serviam de tiros darremesso, com que os imigos por a sua nao ser alterosa, feriram muitos dos nossos, entre os quaes foi dom Lourenço de huma setada, o que vendo os da sua nao, lhe dixeram, que pois per caso da corrente nam podia abalrroar o Galeam de Mirhocem que se alargasse, no que elle nunca quis consentir ate que lhe derão outra frechada no rosto, então se fizeram alar, elle, e Pero Barreto cada hum por sua ancora pelo rio arriba, com ja terem muita gente ferida, e se poseram a tiro de berço das naos dos imigos, donde se servião dambalas partes de muitos tiros de bombardas. Neste tempo as nossas gales e caravellas como mais ligeiros, posto que o vento lhes acalmasse chegarão com muito perigo as gales dos imigos, das quaes abalrroou Paio de Sousa huma, em que elle foi o primeiro que entrou, e apos elle Ambrosio Paçanha, e logo Fernão Perez Dandra-de, que com a outra companhia que os seguio a ganharam: Diogo Pirez com a sua gale ganhou outra, e os outros capitaens das caravellas duas, o que vendo os capitães das outras, se acolherão pelo rio acima. Nesta peleja de hum pelouro de bombardas mataram hum mouro cacis per nome Maimame Marcar, estando em oração na camara da galé em que vinha, avido entrelles por homem santo, o qual el Rei de Calcut, e o de Cambaia mandaram ao Soldam de Babilonia pera o exhortar, e requerer que mandasse gente, a India, que lançasse fora della os Portugueses. Despejadas as quatro gales, Paio de Sousa, e Diogo Pirez levaram as duas que renderam atoadas a nao de

dom Lourenço, que estava as bombardadas, com Mirhocem. Da qual victoria movido, determinou, posto, que estivesse ferido, de o ir abalroar por lhe ja servir o vento e mare mas per conselho dos outros capitaens deixou de o fazer, porque tinha muita gente ferida em toda frota e a outra cansada, dizendolhe, que o melhor conselho era meterlhe as naos no fundo, porque deste modo os desbaratariam, com menos perigo. O que dom Lourenço nam quis fazer, dizendolhe, que uam parecia bom conselho meter tão boas naos no fundo, que o melhor era levalas a seu pai pera com ellas fazer guerra aos mesmos Rumes, se outro vez tornassem a India.

CAPITULO XXVI

De como se azou a morte de dom Lourenço.

MILIQUEIAZ como fica dito, nam entrou no rio de Chaul com Mirhocem mas ao outro dia, que era sabado, sabendo o que passava, o fez quasi Sol posto, com mare, e viração, e sem tirar nenhum tiro, foi surgir no mesmo lugar, donde se a nossa frota alevantara, com cuja vinda os Rumes cobraram animo, dando grandes gritas tangendo seus instrumentos, e o mesmo fizeram os Mouros da cidade que se logo declararam contra os nossos tirandolhes da terra tiros, com que os tratavam mal. Miliquiaz depois de surto, mandou passar tres fustas das suas adiante, em favor do galeam de Mirhocem, as quaes sahio Paic de Sousa, e Diogo Pirez com as suas gales, que arrombaram huma dellas, e as duas fezerão varrar em terra no que se passou todo o que ficava da-

quelle dia ate ser bem noite, em que se ajuntaram todolos capitaens na nao de dom Lourenço, os quaes vendo quam mal tratados estavam, e o socorro que viera a Mirhocem, e como os da cidade se declararão pela parte contraira, e que dom Lourenço estava ferido de duas frechadas, assentarão que pois as naos de Cochim estavam ja carregadas, que lhes dessem aviso, que como ventasse o terreno, que seria de mea noite por diante se fizessem a vela com o maior silencio que podessem, e que elles iriam detras em sua guarda, o que se assi fez, mas não pode ser tão caladamente, que os imigos o nam sentissem, dos quaes se fizeram a vela duas naos, na volta da de dom Lourenço que hia na reçaga frota, o que era ja no romper dalva. Atras estas duas naos se aballou Miliquiaz com toda a sua frota, rodeando a nao de dom Lourenço tirandolhe muitas bombardadas, das quaes huma lhe deu ao lume dagoa, de que fazia muita, sem se sentir, pela grande revolta que nella avia, ao qual perigo lhe sobreveo a calmarlhe o vento com o que e com a corrente, por nam acodir bem ao leme (por respeito da muita agoa que fazia) foi dar da outra banda do rio, sobre huma estacada de pescadores, onde encalhou, ao que Paio de Sousa, que hia com a sua gale junto della acodio com hum cambo que lhe deu, mas nam lhe aproveitou nada, por ja ter feito assento antre aquellas estacas. Miliquiaz como a vio encalhada e que a tinha segura, mandou algumas das suas fustas que fossem abalrroar a galé de Paio de Sousa e porque os mais estavam feridos, vendo que se não podião salvar, cortaram o cabo que tinha dado a naõ, sem o Paio de Sousa saber, cortado assi o calibre a galé desparou pelo rio abaixo tam tesa com a corrente, que posto que Paio de Sousa mandasse fazer volta pera acodir a nao, a gale não pode virar,

e assi foi ate chegar onde estavam surtos, Pero Barreto, Duarte de Melo, e Diogo Pirez, que como viram, que a nao de dom Lourenço nam surdia, lançarão ancora, e o mesmo fizeram Pero Cão, Francisco Dinhaia, e Antonio Lobo Teixeira, que hiam ja de fora da boca da barra. Desamarrada a gale de Paio de Sousa, dom Lourenço, posto que pera isso, sem o elle saber, lhe tivessem aparelhado o parao da nao se nam quis sair della dizendo aos que para isso o importunavam, que se lhe mais falassem, que com huma alabarda que tinha na mão lhe tiraria darremesso, porque esperava em Deos de se defender ate que a mare servisse para os outros capitaens o virem ajudar. Neste tempo avia ja na nao setenta homens feridos, e sos trinta sãos, de que fez daquelles que podião pelejar, tres quadrilhas, dos quaes deu a capitania do conves a Emanuel Paçanha e do castello davante a Francisco de Novaes feitor da armada, e a da tolda tomou pera si. Em todo este tempo a frota de Miliquiaz, e a de Mirhocem que se ja achegara pera a nao de dom Lourenço, lhe tiravam muitas bombardadas sem ousarem da ferrar, pela muita resistencia que achavam, porque os nossos, posto que a nao estevesse encalhada, nam deixavam de lhes responder a meude com a artelharia, sperando socorro das outras naos, gales, e caravellas, as quais todas se desamarraram pera lhes acodir sem a mare e corrente nunca a isso darem lugar. Andando assi todos neste trabalho, deram huma bombardada a dom Lourenço, que lhe levou huma coxa, da qual ferida nam se podendo ter em pé, mandou com muito esforço, que o assentassem em huma cadeira, ao pe do masto, donde mandava a nao, ate que lhe deu outra bombardada nos peitos, de que logo cahio morto, e pola gente nam desacoroçoar, em caindo o esconde-

ram, os que estavam junto delle detras do fogam, onde depois mataram os imigos pelejando sobre o seu corpo, hum seu paje, per nome Lourenço Freire Gato. Neste tempo estava ja a nao quasi rasa com a agoa, per caso dos muitos tiros que lhe davam, pelo que os imigos que de totalas partes a tinham cercada a abalrroaram, e entraram per tres vezes, e de todas trez os lançaram fora, no que morreram muitos delles, e dos nossos, mas como fossem poucos, e sem ajuda, e os imigos muitos, e com muita, a entrarão de todo, onde se começou entre elles huma crua, e brava peleja ate que Miliquiaz entrou em pessoa, pesandolhe de ver morrer tantos, e tão esforçados homens, de que ainda salvou vinte, que achou pelejando, todos feridos, aos quaes fez depois sempre boa companhia. Nesta peleja morrerão oitenta Portugueses, de que os principaes foram, dom Lourenço, Ioam Rodriguez Paçanha, George Paçanha, seu irmão, filhos de Emanuel Paçanha, Antonio de Sampaio, Diogo Velho, Francisco de Novaes feitor darmada, Rui Pereira de Souto Maior do Algarve, Antonio de Sousa, Rui de Sousa, Antão de Gá, Estevão de Vilhena de Setuval, Rui de Sampaio, e Antonio Barreto de Magalhães irmão de Pero Barreto. Os que escaparão torão Tristão de Gá, Lourenço Phelipe veador de dom Lourenço, Alvaro Lopez Barriga mestre da nao de dom Lourenço, Gonçalo Tarouca criado do Vicerei, e Sebastião Rodriguez, que agora he juiz da casa da moeda da cidade de Lisboa, os outros erão homens do mar. E como se achou per conta, morreram na nao de dom Lourenço, e nas outras, cento, e quarenta homens, e foram feridos, cento e vinte quatro: dos captivos o que mais honra ganhou, foi hum gromete per nome Andre Gonçalvez do Porto, que da gavia da

nao pelejou tanto sem se querer dar, nem o poderem ferir, que vendo Miliquiaz quão valente homem era, mandou que lhe não tirassem mais, e com promessas, e lhe assegurar a vida, se entregou. Mas tornando a Paio de Sousa, Pero Barreto, Diogo Pirez, Duarte de Mello, e outros capitães que andavam em trabalho de acodirem a dom Lourenço, vendo que a nao estava quasi toda no fundo, e que era entrada dos imigos, voltaram com a corrente da mare com que saíram pela barra, o que ja tinhão feito os outros capitães, que seguindo sua derrota a traves de Dabul, acharão Garcia de Sousa na sua caravella, que o Vicerei mandou apos Pero Cão, visitar dom Lourenço, e pera ficar com elle, mas com temporaes não pode chegar. Dalli forão ter a Cananor donde per conselho de Lourenço de Brito, por não tomarem todos de sobresalto o Vicerej, lhe mandarão o recado per Pero Danhaia, com o qual receberam os Portugueses muita tristeza, e o mesmo fizeram todolos da terra que erão nossos amigos, e sobre todos el Rei de Cochim que em pessoa veo ver, e consolar o Vicerei, que dissimulou a morte de seu filho, com tanto esforço, e tento como se de hum tal, e tam bom cavalleiro esperava.

CAPITULO XXVII

De como el Rei mandou huma armada sobela cidade Dazamor; de que deu a capitania a dom Ioam de Meneses camareiro mor do Principe dom Ioão seu filho.

COMO el Rei todo o tempo que viveo, trabalhasse muito por fazer guerra aos Reis de Fez, Miquinez, e Marrocos, e a outras provincias de Mouros, que sam da conquista desta destes regnos, mandou no anno atras de mil, e quinhentos, e sete, dom Ioam de Meneses com tres caravelas, e hum navio de remo, sondar a barra Dazamor da Mamora, de çale, e de Larache, e com elle Alvaro Ribeiro, e Gonçalo Ribeiro, dous cavalleiros de Lagos, e Sebastião Rodriguez Berrio, e Pero Berrio seu sobrinho de tavira: e hum Duarte Darmas grande pintor, que traçou, e debuxou as entradas destes rios, e a situaçam da terra. O que tudo feito como convinha, dom Ioão de Meneses se veo ao regno, a dar informação a el Rei do que achara, das quaes movido, determinou neste anno de M. D. viij, mandar huma armada sobela cidade Dazamor, de que deu a capitania ao mesmo do Ioam de Meneses, a qual nam foi tamanha como requeria o peso do negocio, por lhe alguns mouros terem dado avisos, e modos com que lhe fezerão crer, que com muito menos gente, e armada da que mandou tomaria a cidade, sem nenhum trabalho nem perigo, dos quaes o principal foi Moley Zeyão Rei que fora de Miquinez, e senhor de muita parte da Enxovia, filho de Mahome Bemhaja, o qual Moley Zeyão era primo com irmão, e cunha-

do de Moley Mahomed Rei de Fez, casado com huma sua irmã filha de Moley Xeque, que fora Rei de Fez. A este Moley Zeyão tomou Moley Naçar irmão del Rei de Fez o regno de Miquinez, do qual desposado, pela muita valia que tinha em Azamor, se veo meter na cidade, parecendolhe que o tomarião por senhor o que os cidadãos não quizeram por então fazer pelo qual respeito veo a Portugal offerecerse a el Rei dom Emanuel, pera o servir neste negocio. Com tudo na armada hiam quatrocentas lanças, em que entravão alguns acubertados e dous mil espingardeiros, e besteiros, e outros soldados, todos dordenança, a fora bombardeiros, e gente do mar. De que a gente nobre que hia nesta armada de que pude saber os nomes foi a seguinte, dom Rodrigo de Mello conde de Tentugal, dom Pedro filho do conde de Penamacor, Luis da Sylveira, que depois foi conde da Sortelha, dom João Mascarenhas capitão dos genetes, dom Nuno Mascarenhas seu irmão, Ioam Rodriguez de Sá de Meneses, sobrinho de dom Ioam de Meneses, filho herdeiro de Henrique de Sá alcaide mor da cidade do Porto, dom Luis de Meneses, dom Antonio Dalmeida contador mor, Pero Mascarenhas, dom Henrique de Meneses, Simam Correa, Simão de Sousa Ribeiro, dom Tristam de Meneses, Francisco de Mendanha, Ioam Homem, Simão de Sousa do sem, Ioão brandão provedor das capellas, e Sebastião Rodriguez berrio, que hia por piloto mor darmada. E por capitães de gente de pe, que foi a primeira que se vio em Portugal de ordenança, Christovão Leitão, e Gaspar Vaz, e assi outros fidalgos, e cavalleiros que hiam espalhados pela armada, com a qual dom Ioam de Meneses partio do porto de Lisboa aos xxvj, dias do mes de Julho de M. D. viij, e foi ter a Lagos, onde esteve alguns dias sperando por gente, e

navios do Algarve, e dalli com bom tempo foi surgir diante da barra do rio Dazamor, na qual depois de surto, tendo sua armada junta entrou com agoas vivas ja sobella noite pelo rio, em dia de sancta Clara, doze Dagosto, e logo ao dia seguinte mandou esbombardear a cidade, ao que os de dentro respondião com a sua artelharia, fazendo grandes alaridos, gritas, e algaras, como o tem de costume toda a gente daquella provincia, lançandolhe pelo rio abaixo balsas de lenha, canas, palha, estopa, tudo aceso com fogo dalcatram de que se defendião com muito trabalho allem do que sahiam da cidade muitos a praia a escaramuçar, ao que dom Ioam de Meneses nam acodio, sperando recado de Moley Zeyão, pera ver se queria, ou podia cumprir com o que tinha prometido a el Rei, no qual tempo elle mandou recado a dom Ioam per hum mouro que vinha acomponhado de cincoenta de cavallo, dizendo que estava a serviço del Rei dom Emanuel, ao qual Mouro dom João foi falar em um batel a borda do rio, o que tudo eram enganos, porque soube logo que na cidade avia mais de oito mil homens de peleja, e que Moley Zeyão sem ter conta com que tinha prometido, por ja estar dacordo com os da cidade andava no campo com mais de xvj mil de pe, e de cavallo. Pelo que mandou desembarcar a gente, com determinação de dar combate a cidade, do que os mouros por serem tantos como eram, foram mui alegres, por lhes parecer que tomariam os nossos as mãos, am certas ciladas que logo ordenaram, entre a cidade, e a praia, o que defeito fizeram, se nam fora o inuito esforço de dom Ioam, e bom modo que teve em mandar a gente de que fez tres capitancias dos de cavallo, de que a huma deu ao Conde de Tentugal, com cem lanças, e a outra a dom Ioam Mascare-

nhas, com cento, e cincoenta, e elle ficou com a mais, com a qual, e com a gente de pe, passando per tres ciladas, que lhe lançaram, em que avia mais de mil, e duzentos de cavallo, chegou as portas da cidade, levando diante de si hum grande somma de pionagem, e gente de cavallo dos mouros, que saira de dentro com tençam de os tomarem no meo, com as ciladas, os quais os nossos fizeram recolher com tanta pressa, que os estavam em guarda das portas vendo quanto se chegavam a ellas, as fecharão, deixando os mais dos seus de fora, com quem os nossos travaram huma brava peleja. Andando o negocio travado desta maneira, sairam os das ciladas nas costas dos dous esquadrões de cavallo de que eram capitaens o Conde de Tentugal, e o capitam dos ginetes, que hiam na reçaça de dom Ioam, e os apertarão tanto, que foi necessario acudirlhe elle de junto das portas da cidade, onde ja estava com a sua gente de cavallo, e assi todos juntos se começou entrelles de renovar a peleja, a que acodio Moley Zeyão e o mesmo fazião os de pe com os que ficaram fechados de fora das portas dos quaes matarão alguns. Mas como do campo recrecesse muita gente de cavallo dom Ioam de Meneses se recolheo na melhor ordem que pode, com toda a gente pera a praia e dahi para a frota, com lhe matarem dezaseis de cavallo, entre os quaes foram dom Pedro de Noronha, filho do conde de Penamacor, Simão Fogaça, Diogo Barreto, dom Ioam Henriquez, Henrique Rodriguez Alcoforado, e Christovam marquez natural de Tomar, e seis piães, e dos mouros, como se depois soube morreram mil, e trezentos, e sessenta, e cinco, em que entraram cento, e sessenta, e quatro alarves de cavallo, os outros foram dos que sairam da cidade, assi de pe, como de cavallo. Neste recontro mataram a Ioam Rodriguez

de Sá de Meneses, o cavallo, e cahio no chão, e o mataram a elle se lhe nam acodiram Ioam Homem, e Diogo Fernandez de Faria que depois foi adail de Goa que matou o alcaide que derribára Ioam Roiz, e Ioam Roiz em caindo o alcaide se sobio no seu cavallo, e assi se salvou. Depois de dom Ioam ser embarcado se lhe perderam alguns navios, tanto por serem augoas mortas, e não poderem sair do rio, como pela ma ordem, que ouve no desamarrar, e derrota que tomaram, allem do que lhe queimaram os da cidade huma fusta que deu em seco, em que mataram trinta remeiros, que em se defendendo mataram tambem xviii dos mouros. Naquella noite lhe lançaram outras balsas de fogo, de que se desfezerão com assaz trabalho, pelo que vendo dom Ioão quam pouco fructo ja alli podia fazer, mandou ao outro dia dar a vela caminho do estreito de Gibraltar, e parece que foi tudo isto guiado por Deos, porque se elle não fezera este caminho, ao tempo que o fez, Arzilla fora tomada de mouros, como se logo dira.

CAPITULO XXVIII

De como el Rei de Fez veo cercar Arzilla, e ganhou a villa, e do soccorro que lhe veo.

PARTIDO dom João de Meneses da barra Dazamor, seguindo o regimento que pera isso tinha del Rei se foi ao estreito de Gibaltar, onde andou alguns dias com sua frota espalhada, com que tomou duas, ou tres fustas de Tutuam, e deixando a mor parte della em Alcacer, e por capitam Ioam Rodriguez de Sá de Meneses, seu sobrinho, pessoa de que muito confiava, pai de Francisco de Sá de Meneses capitão da guarda del Rei dom Sebastiam, que agora regna e Deos prospere, se veo a Tanger pera se ver com dom Duarte de Meneses, filho de dom Ioam de Meneses conde de Tarouca, que era capitão da cidade, donde mandaram recado ao conde de Borba, dom Vasco coutinho, cunhado de dom João, casado com sua irmãa, que era capitão Darzilla, que compria a serviço del Rei veremse pera communicarem algumas cousas de importancia, pelo que o Conde sem mais esperar se veo per terra a Tanger, onde consultando estes tres capitães, sobelo modo que teriam em tomarem a villa de Larache, lhes deram recado como el Rei de Fez vinha cercar Arzila, e que era ja mui perto. Pelo que o Conde com a gente de cavallo que trouxera se tornou na mesma hora pera Arzilla, donde logo mandou os Almocadens, Pero de meneses mourisco, e George vieira a descobrir, os quaes vendo muitos fogos no Xeicão, que he duas legoas, e mea Darzilla, lhes pareceo que seria gente del Rei de Fez, pelo que se lhe deram tal manha,

que tomaram alguns Mouros, de que o Conde soube que o mesmo Rei estava alli com todo seu exercito, e muitas muniçoens de guerra, com tençam de vir cercar Arzilla, do que logo avisou dom João, e dom Duarte. Isto foi aos xix dias do mes Doutubro, de M. D. viij, huma quarta feira, e ao outro dia chegou todo o poder del Rei de Fez, que se afirma que trazia vinte mil homens de cavallo, e cento, e vinte mil de pé, em que entravão dez mil besteiros, e espingardeiros, com muitas bombardas e outras munições de guerra pera combater, e escalar a villa, o que logo no mesmo dia começaram de fazer no qual os de dentro se defenderam ate noite muito esforçadamente. Ao outro dia que era sexta feira em amanhecendo, virão os nossos a villa cercada de totalas partes com infinidade de gente, e de longo da praia feitas muitas estancias de cestos, e pipas cheas da rea com suas bombardas pera defenderem o porto de mar, e huns mastos, que estavam arvorados na praia por balisas da entrada do arrecife derrubados. No qual dia vierão cometer a villa com mantas, picões, espingardaria, besteiros, que por serem muitos, nenhum dos nossos podia assommar entre as ameaas, nem aos buracos das seteiras que logo não fosse pregado. E por serem tantos, e na villa nam aver ao todo quatro centos homens, entre de pé, e de cavallo, os mouros poseram as mantas ao muro, e o picarão tam de pressa, e per tantos lugares, que naquelle dia derribaram hum grande lanço, per onde entraram muitos delles, ao que o Conde de Borba acodio com obra de cincoenta de cavallo, e os fez tornar atras, mas porque o nesta briga feriram de huma setada que lhe passou o braço direito, foi constrangido a se ir curar deixando a gente encommendada a George barreto seu genro, mas como o acharam me-

nos, e os mouros crecessem começarão de se retirar, ao que o conde acodio depois de o curarem, mas como a força dos imigos sobrepojasse em muito o numero dos nossos, foi forçado de se recolher ao Castello, o que tambem fizeram os que estavam defendendo o muro, e assi muitas mulheres, mininos, e outra gente desarmada, correndo todos a porta, na qual foi tanta a pressa, e aperto dos mouros que os seguiam, que por nam entrarem de mestura, o Conde mandou fechar as portas, por de todo se nam perder com todos, de maneira que lhe foi forçado deixar fora muitos daquelles homens, mulheres, e mininos, que os mouros alli logo mataram, sem darem vida a pessoa nenhuma entre os quaes foi Lopo rabello, que tinha a cargo hum cubello onde o mataram como muito esforçado cavalleiro, sem se querer sair delle, posto que lhe dicessem que o Conde se recolhia pera o Castello, no qual dia se os mouros o cometeram, segundo os nossos estavam fracos do trabalho passado, e atimorizados, por ventura que o ganharam, mas quis Deos que ocupados em roubar a villa, descuidarão de fazer o que lhes mais importava. Nesta revolta alguns dos moradores, dos quaes hum era Antonio cordovil, vendo a villa entrada, se lançaram pelo Muro, pera se salvarem em huma caravella, o que João martinz, dalpoem que alli estava, nam fez, mas antes se deixou ficar sobrancora, varejando com algumas bombardas que tinha a praia, com que matou muitos mouros, alli esteve com assaz trabalho, ate vinda de dom Ioam, em que o ferirão de setadas, e a todolos que com elle estavam, Antonio de Cordovil se foi a caminho de Tanger dar aviso a dom Ioam de Meneses do que passava o qual encontraram de noite no caminho, porque como o conde de Borba partio de Tanger para Arzila logo dom Ioam

mandou recado a Ioam Rodriguez sa que se viesse pera Tanger, com os navios da frota, que deixara em Alcacer ceguer, o qual se partio logo, e em entrando pela baia de Tanger chegou o recado a dom Ioam de Meneses como Arzila era cercada, pelo que se partio logo para lá, e no mesmo dia que forão xxiiij Doutubro havendo tres dias que a villa era ganhada dos Mouros, foi dom Ioam surgir fora do arrecife, por caso da muita artelharia com que os mouros tiravam das suas estancias, onde esteve tres dias sem entrar, a huma por o mar andar de levadio, e ser o arrecife muito perigoso, e a outra, e principal, por nam saber se era o castello ganhado dos Mouros, porque sabendoo, lhe aproveitara pouco o desembarcar, pois nam tinha gente pera poder em terra pelear com o grande poder del Rei de Fez. Com tudo por saber a certeza do que passava, mandou a Rui Garcia que depois foi cavalleiro da guarda del Rei e a Ioam de Mendonça, ambos da sua criação, e muito esforçados cavalleiros, que em hum batel bem esquipado entrassem no arrecife, e trabalhassem de aver falla do Castello, ou algum sinal, os quaes entraram no arrecife com muito perigo, porque da estancia que estava diante da porta do Albacar, lhe tiravam as bombardadas, toda via entraram, e viram no Castello huma janella aberta no aposento do Conde, da qual lhes amostrarão bandeiras com as cruces e quinas, e huma molher em cabelo com hum menino nas mãos, bradando, Portugal, Portugal, com o que se tornaram mui alegres a dom Ioam, que logo ordenou que se passassem dos navios grandes aos pequenos, que com menos perigo podessem entrar no arrecife, algumas bombardas, e outras munições de guerra. Neste tempo mandou o Conde, Ioam vaz gaibam, e João de Sousa, ambos mouriscos ja Crhis-

tãos, a nado com cartas metidas em pelouros de cera, em que dava conta a dom Ioam do aperto em que estava, e logo tras estes lhe mandou hum cavalleiro Portugues, grande nadador, per nome Pero da Costa casado com huma irmãa de Lopo Barriga, com recado do modo que avia de ter no desembarcar, pera com menos perigo poder meter no castello gente, e mantimentos, do que tudo tinha muita necessidade.

CAPITULO XXIX

De como dom João entrou no arrecife, e soccorreo o castello com gente, e mantimentos, e el Rei de Fez alevantou o cerco, e do que el Rei dom Emanuel sobre neste negocio fez.

COMO dom Ioam teve aviso do Conde de Borba, mandou logo fazer prestes os navios, que mais facilmente poderião entrar no arrecife, e apregoar, que a todolos omiziados, que ao outro dia saissem em terra, perdoava em nome del Rei toda sua justiça. O que assi ordenado, se fez a vela para o arrecife, no qual o primeiro que entrou em hum batel, dizem que foi Pero mascarenhas, que os mouros feriram estando a falla com o Conde de Borba, mas posto que alguns digam que foi Pero de mascarenhas o primeiro que entrou no arrecife, eu achei per lembranças dignas de fe, que foi Sebastião Rodriguez berrio, hum dos milhores homens de mar, e dos mais esforçados cavalleiros que de seu tempo ouve neste regno, o qual eu conheci, e dous seus sobrinhos. não menos destimar que elle, hum per nome

Pero berrio, e outro Ioam Martinz Dalpoem homens mui praticos nas cousas do mar, e mui bons cavalleiros, ou pode ser que fosse Pero mascarenhas no batel de Sebastiam rodriguez berrio, e que ambos juntos fallassem ao Conde. Mas tornando ao recado que trouxeram, dom Ioam mandou logo apregoar que a primeira pessoa que naquelle dia saisse em terra daria quinhentos cruzados, os quaes ganhou dom Tristam de Meneses, que hia no batel de Ioam rodriguez de sa de meneses, o qual, e dom Henrique de meneses, que hiam na proa do batel, por com o marulho fazer ceavoga, deu primeiro com a popa na praia, que foi causa de dom Tristão que hia nella sair primeiro quelles. Ao entrar no arrecife feriram tam mal o Conde de Tentugal de hum pelouro de bombarda, que foi estrangido tornarsse a Tanger pera se poder melhor curar. O conde de Borba como vio a armada surta, mandou abrir a porta de treiçam, que vem do castello para o albacar, por onde como o tinha mandado dizer a Dom Ioam por Pero da costa, lançou trinta de cavallo, e alguns cavalleiros em que confiava, a pe. Dom João pelos sinaes que lhe o Conde mandou dizer que fazia do castello quando esta gente avia de sair, conheceo que era tempo de mandar desembarcar os da frota, pera mor segurança do que mandou tirar com toda a artelharia contra a praia, que se logo despejou de quantos mouros nella estavam, e em acabado de jugar a artelharia, os bateis que todos estavam prestes, remaram a terra, dos quaes o primeiro que chegou, foi o de dom João Rodriguez de Sá, em que hia dom Tristão, como fica dito, e o segundo o em que hia João homem, que foi o primeiro que sahio em terra depois dos ja nomeados. Dos capitães o primeiro que desembarcou com sua gente, foi dom João de Mascare-

nhas capitão dos ginetes : com tudo os mouros não forão tão cavardos, que ao desembarcar nam acodissem logo a praia, e travarão huma mui cruel peleja, em que dambalas partes ouve muitos mortos, e feridos, mas em fim os nossos chegaram a estancia, e com ajuda dos que sairão dos castello, tomaram nella seis bombardas, e meteram na villa pela porta do albacar duzentos homens, os mais delles espingardeiros, e besteiros, e algum mantimento, polvora, e pelouros setas, e outras muniçoens, com os quais entrou o capitão dos ginetes, no que ouve da parte dos mouros grande referta, em que morreram alguns delles, e assi dos nossos, de que hum foi Emanuel Coutinho de huma espingardada que lhe deram pela testa, que foi hum dos primeiros que sahio em terra em companhia de João homem, e ao outro dia entraram outros tantos pesto que com muito perigo, em que matarão o Adail Ioam Pimenta de huma espingardada. Com o qual socorro o castello se assegurou, que estava ja tão minado, que dentro nas minas pelejavão os nossos com os mouros, de que andavam tam cansados, e desvellados, que se o socorro tardara mais hum dia, el Rei de Fez o ganhara, o qual sabendo que era socorrido dixe aos seus, que folgava muito, porque quanto mais entrassem tantos mais tomaria, ao que lhe os alcaides Barraxa, e Almandarim, pessoas mui principaes antre os mouros, responderão senhor não vos afiuzeis em vosso poder porque dom Ioam he tam sabedor, e tão manhoso nas cousas da guerra, que debaixo dos pes vos vira poer o fogo. Com tudo el Rei não quis alevantar o cerco, e esteve ainda alli oito dias dando cada dia duas vezes combate ao Castello, pela manhã, e depois de comer. No dia que se deu o segundo socorro ao Castello, despachou dom Ioam de meneses huma caravella com a

nova deste cerco a el Rei, e mandou em outra pedir socorro aos lugares Dandaluzia, e assi ao conde dom Pedro Navarro, que entam estava em Gibraltar, com a armada de Castella, a o que o primeiro que acodio, foi o cerregedor de Xares, em huma caraveila, a remos bem artilhada, e carregada de mantimentos, e trezentos besteiros, com que fez muito damno, e estrago nos imigos, porque se alevantava da baia, e hiasse poer ao longo da villa velha, donde descobria os mouros que estavam emparados da artelharia do castello, no qual lugar estava tambem el Rei de Fez, e não avia dia que não matassem muitos delles, porque como via que huma Sphera que tomara na villa, com que tiravam ao castello, se voltava pera caravella, elle se alevantava, e como a tornavão assentar contra o castello, se tornava ao mesmo lugar de maneira que nunca lhe poderam chegar, posto que el Rei promettesse muito dinheiro a qualquer pessoa que lhe arrombasse o que se não podendo fazer, el Rei se alevantou dalli com toda a outra gente e se foi poer detras dataiaia dos paos. O conde dom Pedro Navarro chegou Arzilla a huma terça feira, o qual com tres mil e quinhentos soldados que trazia, e com os que avia na frota de Portugal, quisera logo ir comer o arraial del Rei de Fez, mas por ser em terça feira, em que dom Ioam tinha agouro, dissimulou com o negocio, o que entendendo o Conde, assentou com elle que fosse ao outro dia: mas el Rei de Fez sabendo o socorro que era vindo, mandou no mesmo despejar a villa, e poerlhe o fogo, no qual hum mouro, fidalgo, que fora captivo de dom Ioão de meneses, lhe mandou pedir seguro pera o ir visitar, e darlhe as graças do bom tratamento que delle recebera sendo seu captivo, o que lhe concedeo, e veo com xx de cavallo a velo, e na pratica lhe deu mui-

tos louvores, dizendolhe senhor dom Ioam quanto vos deve Arzilla, que em tal tempo a socorrestes, nem creio que tamanho negocio, e contra hum Rei tão poderoso como o he el Rei de Fez se podera acabar se não por vos. Dom Ioão lhe respondeo, que mais honra ganhara el Rei de Fez em entrar em huma villa de hum tam poderoso Rei como o era el Rei de Portugal, mas que de huma cousa se espantava muito, que durando ainda a guerra, mandava el Rei de Fez queimar as casas, porque se tinha vontade de dar batalha, terçando por elle a victoria, teriam os seus onde se podessem agasalhar, o mouro lhe respondeo, que el Rei não mandara fazer tal cousa, se não que fora desimando dos soldados mas que elle lhe iria dar disso conta, pera que mandasse apagar o fogo, o que logo el Rei mandou apregoar per todo o arraial que se fizesse, e o fogo se apagou, a presumpção foi que elle mesmo veo desconhecido com aquelle mouro seu criado para ver dom Ioão, que era cousa que muito desejava, pela fama que delle tinha. Partido el Rei de Fez do campo ao outro dia entrou dom Ioam de Meneses na villa, com a bandeira Real despregada, deixando por capitam do mar, Francisco de Mendanha, onde foi recebido do Conde de Borba, Condessa, e toda a mais gente, como homem que a todos dera a vida, e livrara de captiveiro. A nova deste cerco se deu a el Rei dom Emanuel em Evora, a huma terça feira, no qual dia mandou screver cartas aos senhores do regno, e pessoas que o neste negocio podiam servir, e ao Domingo depois de comer, tendo ja despedida muita gente pera o Algarve, estando na cortina, pera ouvir Missa no mosteiro de S. Francisco lhe chegou recado como a villa era ganhada pelos mouros, e o conde de Borba se recolhera no castello. Pelo que sem mais outro

conselho, dixe a hum seu moço da capella que estava junto da cortina, per Afonso Lopez, que depois foi escrivão dalfandega da cidade de Lisboa que dizesse ao Adaiam da capella que a Missa rezada, e nam ouvesse pregação e pelo mesmo Afonso Lopes mandou dizer a Vasqueanes corte Real seu veador que lhe mandasse poer as iguarias na mesa, e a Nicolao de faria seu estribeiro pequeno que depois foi contador da comarca da Guarda, que lhe mandasse selar huma faca baia muito andarenga, e hum ginete para o paje do arremessam que entam era Alvaro de sousa, que ainda vive, e mora na villa Daveiro e com so este paje, e alguns sete, ou oito de cavallo que o segulram, partiõ Devora, em acabando de jantar, sem fazer mais que com as botas calçadas se despedir da Rainha, caminhando tam açodadamente, que na serra do Algarve lhe arreventou pelas ilhargas, entre as pernas a faca em que hia, onde lhe deram novas que o castello Darzilla era ja socorrido, pelo que tomou dalli o caminho mais de vagar ate a Tavira, com tudo parendolhe que ainda que o castello estivesse provido de gente, e mantimentos, que nem por isso o poderiam salvar, nem lhe indo mais socorro, polos continuos, e asperos combates que lhe el Rei de Fez cada dia dava, e assi pelas minas que tinha feitas, determinou de passar em Africa no que estando resolute, se ajuntarão alli per mar, e per terra em espaço de cinco dias passante de vinte mil homens de pe, e de cavallo, porque todos acudirão a este rebate, como se fora pela principal cidade do regno, e assi chegou muita artilharia, e outras muniçoens de guerra que elle mandara vir dos seus almazens de Lisboa, e muitos mantimentos, e navios pera poderem recolher toda esta gente, e muniçoens, mas estando neste proposito ja prestes pera se embarcar

lhe veo recado, como el Rei de Fez alevantara o cerco, e se fora pera Alcacerquibir, pelo que desistio da viagem, posto que com saber estas novas, sua determinação, e vontade fosse passar, se lho nam estorvara o parecer dos que em cousa de tanto peso lhe podiam dar conselho, com tudo mandou dalli alguns navios com gente de guerra, mantimentos, muniçoens, e officiaes pera se a villa, e castello fortificarem de novo, e ao Conde dom Pedro Navarro mandou seis mil cruzados de merce, pelo bom socorro que dera aos Darzilla, os quais elle nam quis tomar, excusandosse que sua Alteza lhe nam era em nenhuma obrigação, que o que fezera fora a custa del Rei dom Fernando seu senhor, e que delle esperava o galardam de seu serviço, mas nem por isso deixou el Rei de fazer muitas merces, e dar muitas tenças, e habitos em suas vidas, e de seus filhos, assi ao corregedor de Xarez, como a muitos cavalleiros Andaluces, que as suas proprias custas vieram ao socorro Darzilla, em que morreo muita gente, assi dos mouros, como dos Portuguezes, e Castelhanos, entre os quaes forão juntamente oitenta do corregedor de Xarez, que todos per desastre ficaram debaixo de hum lanço do muro que cahio sobrelles. Dom Ioam de meneses esteve em Arzila ate que chegou toda a gente, e muniçoens que lhe el Rei mandou do Algarve, e deixando nella tudo o que era necessario, com dous mil soldados, afora a gente ordinaria de pe, e de cavallo, e officiaes pera de novo refazerem as barreiras, e muros da villa, e castello se tornou pera o regno, onde foi recebido del Rei como hum tal cavalleiro, e tam bom capitão merecia.

CAPITULO XXX

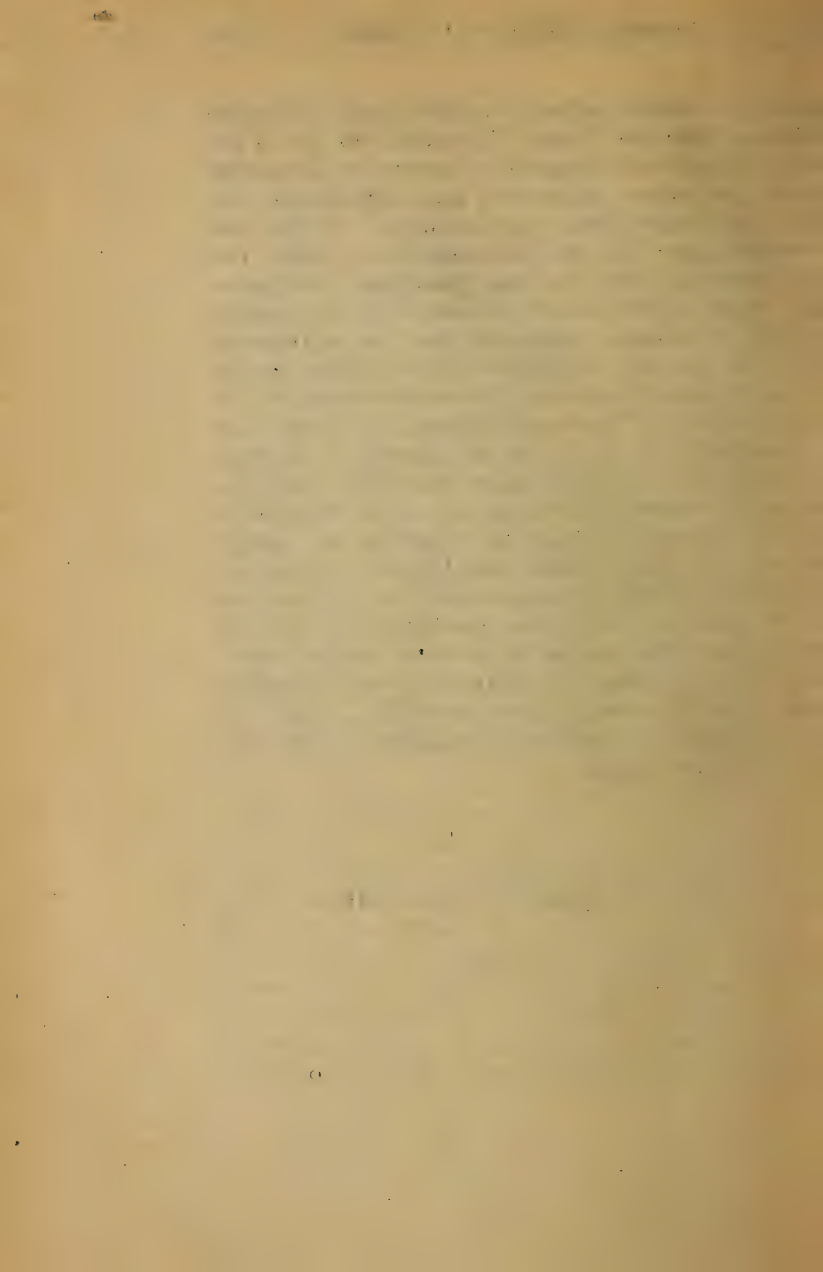
Do concerto que se fez antre estes Regnos, e os de Castella, sobre limitaçens da conquista Dafrica, e recados que el Rei teve do gram capitam Gonçalo Fernandez de Cordova, e de como o Duque de Medina sidonia e dom Pedro Giram vieram a este regno desavindos del Rei dom Fernando, e el Rei mandou ao regno de Manicongo Ioam de sancta Maria, e outros doze religiosos.

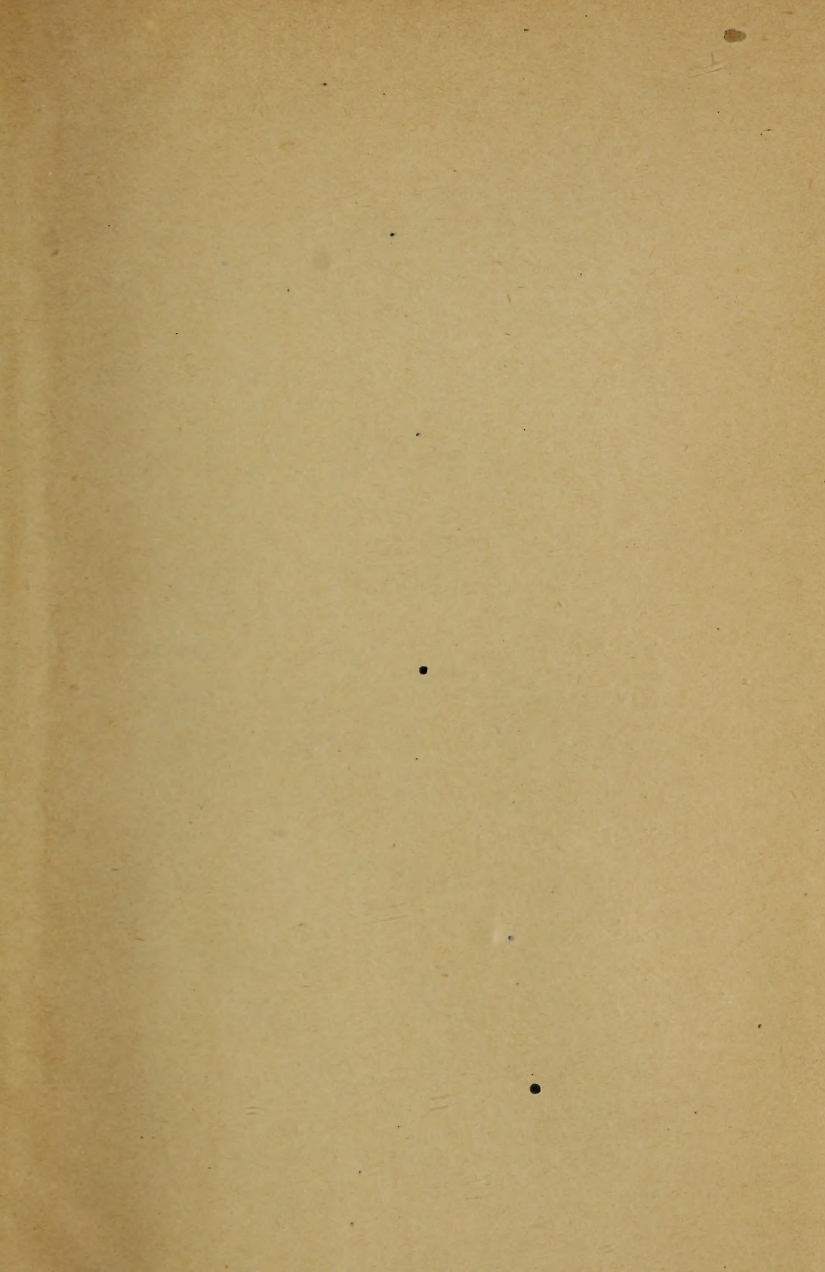
NESTE anno de M. D. viij. por entre estes regnos, e os de Castella aver algumas differenças sobelas limitações da conquista que a cada hum delles pertencia se fez hum concerto, antre el Rei dom Emanuel, e a Rainha donna Ioanna de Castella, perque el Rei dom Emanuel soltou a conquista que era destes regnos desno lugar de Belez da Gomeira ate Melila, e Caçaça, com totalas povoaçoens, que na dita costa ha, por estarem na demarcação do regno de Fez, e assi a fortaleza do pinhão de Belez, que esta metido no mar junto da mesma cidade de Belez, a qual a dita Rainha dõna Ioanna mandara fazer, pera guarda Dandaluzia. E por quanto, pela capitulação que fez Rui de Sousa, e dom João de Sousa seu filho embaixadores del Rei dom João segundo, com el Rei dom Fernando Daragão marido da Rainha donna Isabel de Castella (cuja filha herdeira esta senhora donna Ioanna era) sobelos limites, e demarcações da banda do Ponente, per onde avia de ficar a arraia, e limite do dito regno de Fez, por aver ahi duvida se entre o cabo do Bojador, e de Nam, donde se começão as marcas, e limites de Gui-

né, que he da conquista destes regnos de Portugal, e por se dizer que nestes limites ficavão alguns lugares, e terras que não erão da conquista do regno de Fez, e que per isso a conquista destes não pertencia a Portugal, foi assentado que a Rainha donna Ioanna soltasse, e alargasse todo o direito que podiam ter os Reis de Castella desne Belez da Gomeira, conseguindo os seus lugares que tem do regno de Fez, ate chegar ao cabo do Bojador, e de Nam com pena de cem mil dobras douro, de peso, a quem quebrasse a capitulação, a qual foi feita per dom Antonio de noronha, scrivão da puridade del Rei dom Emanuel, que depois foi conde de Linhares, e per Gomez de sanctilhena corregedor da cidade de Iaem, sobelo que, per algumas duvidas que recrecerão mandou el Rei a Castella o doctor loão de Faria, e se acabou tudo como convinha a paz, e sossego destes dous regnos. Neste anno mandou o gram capitam Gonçalo Fernandez de Cordova Duque de Sesa, recado a el Rei per via de Ianne Mendez do esporão seu embaixador, que entam andava em Castella, pedindolhe passagem por seus regnos para se ir do serviço del Rei dom Fernando Rei de Aragão que regia os regnos de Castella pola Rainha donna Ioanna sua filha, molher que fora del Rei dom Phelipe Arche-duque Daustria, e senhor dos estados de Flandes, a qual Rainha donna Ioanna era mãi do Emperador dom Carlos quinto que per falecimento della socedeo nos regnos de Castella, o que o dito Duque fazia por desgostos que tinha del Rei dom Fernando: ao que lhe el Rei dom Emanuel respondeo, divertindoo do pensamento em que andava, que era irse a Flandes pera o dito dom Carlos que então la estava. No mesmo anno vieram a este regno, estando el Rei em Evora, desavindos do mesmo Rei dom Fernando o

Duque de medina sidonia, e dom Pedro gyrão seu cunhado, filho do Conde Dorvenha, do que el Rei dom Emanuel teve desgosto, e screveo a Christovão correa, que estava entam com seus negocios em Castella, que desse disse suas desculpas a el Rei dom Fernando, que lhe não parecesse que procedia isto d'elle, com tudo lhes fez bom gasalhado, e os reconciliou com el Rei dom Fernando, e lhes fez merces de joias, e cavallos ajaezados com que se tornarão para Castella mui satisfeitos da companhia que de sua real pessoa receberam. No mesmo anno no fim d'elle mandou el Rei hum religioso, per nome Ioam de Sancta Maria, da ordem do Apostolo, e Evangelista São Ioão, que se chamam dos azues, com doze padres da mesma ordem, ao regno de Manicongo, pera la fazerem huma egreja, e ensinarem, e pregarem a Fé de nosso Senhor Iesu Christo, e pera se a egreja fazer mandou officiaes, allem do que deu para ella ornamentos, e a todolos que foram com estes religiosos ordenados pera se la poderem manter honradamente, o que sempre acostumou fazer em totalas cousas que tocavam a nossa sancta Fé, da qual foi hum dos mais zelosos Reis, de quantos ate seu tempo ouve nestes regnos.

FIM DO QUARTO VOLUME





OBRAS PUBLICADAS

- I — HISTORIA DO CERCO DE DIU, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume (esgotada).....
- II — HISTORIA DO CERCO DE MAZAGÃO, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume (esgotada).....
- III — ETHIOPIA ORIENTAL, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes (esgotada).....
- IV — O INFANTE D. PEDRO, chronica inédita por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes.....
- V — CHRONICA D'EL-REI D. PEDRO I, (O CRU OU JUSTICEIRO) por *Fernão Lopes*, 1 volume.....
- VI — CHRONICA D'EL-REI D. FERNANDO, por *Fernão Lopes*, 3 volumes.....
- VII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por *Fernão Lopes*, 7 volumes.....
- VIII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por *Gomes Eannes d'Azurara*, VOL. I, II E III (VIII, IX E X).
- IX — DOIS CAPITÃES DA INDIA, por *Luciano Cordeiro*, 1 volume.....
- X — ARTE DA CAÇA DE ALTENARIA, por *Diogo Fernandes Ferreira*, 2 volumes.....
- XI — APOLOGOS DIALOGAES, por *D. Francisco Manuel de Mello*, 3 volumes.....
- XII — CHRONICA D'EL-REI D. DUARTE, por *Ruy de Pina*, 1 volume.....
- XIII — CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO V, por *Ruy de Pina*, 3 volumes.....
- XIV — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO II, por *Garcia de Resende*, 3 volumes.....
- XV — VIDA DE D. PAULO DE LIMA PEREIRA, por *Diogo do Couto*, 1 volume.....
- XVI — CHRONICA D'EL-REI D. SEBASTIÃO, por *Fr. Bernardo da Cruz*, 2 volumes..
- XVII — JORNADA DE AFRICA, por *Feronymo de Mendoça*, 2 volumes.....
- XVIII — HISTORIA TRAGICO-MARITIMA, por *Bernardo Gomes de Brito*, VOL I a XII.....
- XIX — JORNADA DE ANTONIO D'ALBUQUERQUE COELHO, por *João Tavares de Vellez Guerreiro*, 1 volume..
- XX — CHRONICA D'EL-REI D AFFONSO HENRIQUES, por *Duarte Galvão*, 1 volume.....
- XXI — CHRONICA D'EL-REI D. SANCHO I, por *Ruy de Pina*, 1 volume.....
- XXII — CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO II E DE EL-REI D. SANCHO II, por *Ruy de Pina*, 1 volume. ..
- XXIII — CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO III, por *Ruy de Pina*, 1 volume.....
- XXIV — CHRONICA D'EL-REI D. DINIZ, por *Ruy de Pina*, 2 volumes.....
- XXV — CHRONICA D'EL-REI D. MANUEL, por *Damião de Goes*, vol. I a IV.....

EM PUBLICAÇÃO

CHRONICA D'EL-REI D. MANUEL, por *Damião de Goes*, VOL. V

DP
604
G6
1909
v.4

Goes, Damião de
Chronica d'el-rei
D. Manuel

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

